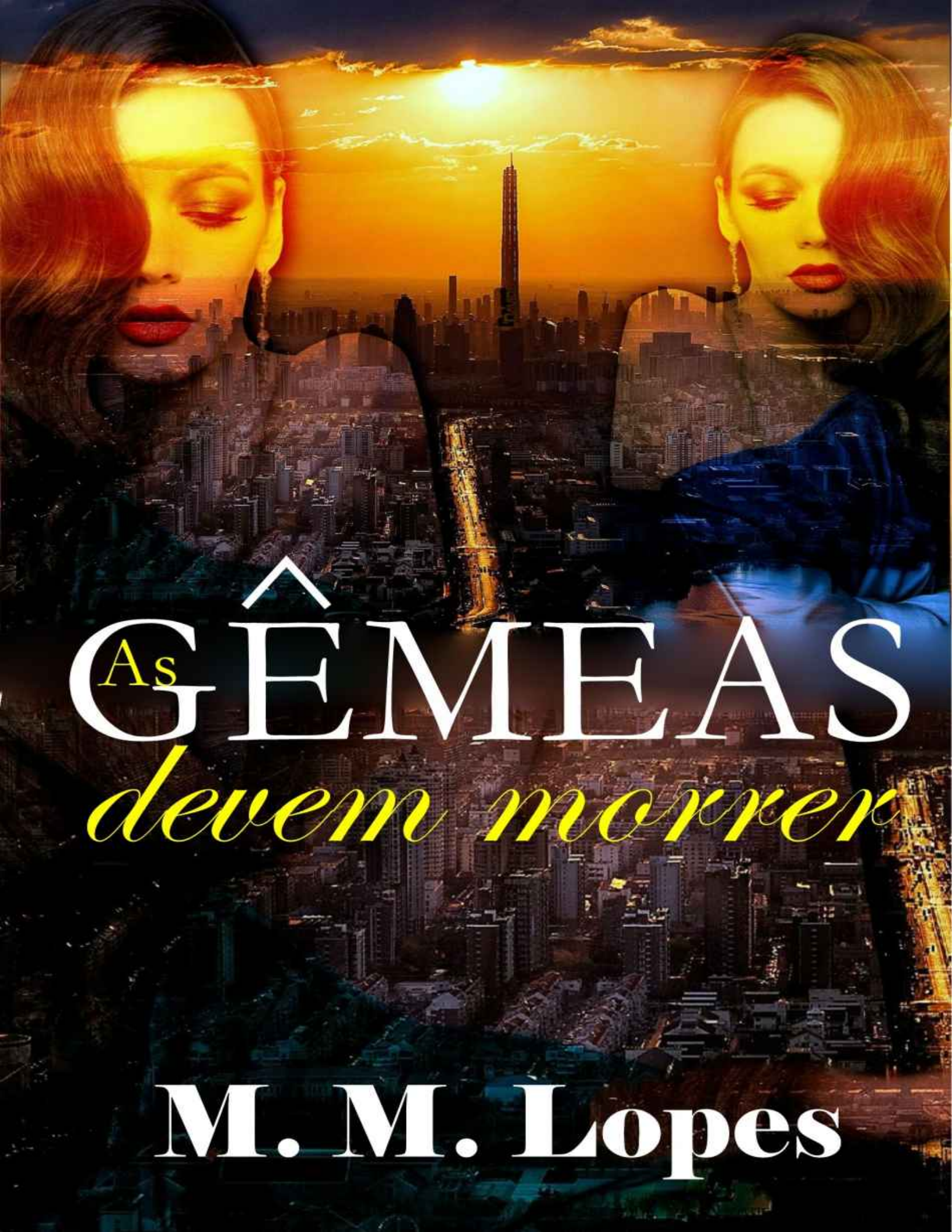
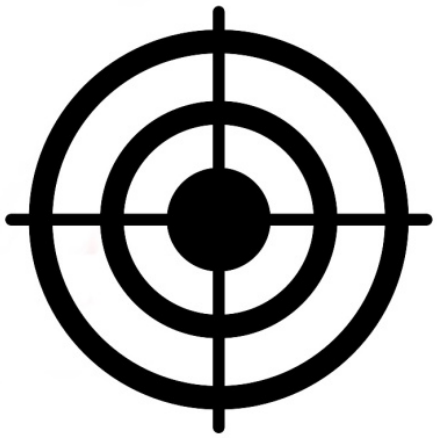

As GÊMEAS
devem morrer
M. M. Lopes

AS GÊMEAS devem morrer



M. M. Lopes

Sumário

Capí tulo 01
Capí tulo 02
Capí tulo 03
Capí tulo 04
Capí tulo 05
Capí tulo 06
Capí tulo 07
Capí tulo 08
Capí tulo 09
Capí tulo 10
Capí tulo 11
Capí tulo 12
Capí tulo 13
Capí tulo 14
Capí tulo 15
Capí tulo 16
Capí tulo 17
Capí tulo 18
Capí tulo 19
Capí tulo 20
Capí tulo 21
Capí tulo 22
Capí tulo 23
Capí tulo 24
Capí tulo 25

Capí tulo 26
Capí tulo 27
Capí tulo 28
Capí tulo 29
Capí tulo 30
Capí tulo 31
Capí tulo 32
Capí tulo 33
Capí tulo 34
Capí tulo 35
Capí tulo 36
Capí tulo 37
Capí tulo 38
Capí tulo 39
Capí tulo 40
Capí tulo 41
Capí tulo 42
Capí tulo 43

Copyright © 2011 por M. M. Lopes

Registro da Biblioteca Nacional, número 655,945

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida, por qualquer forma ou meio, seja ele mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc., tampouco apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem expressa autorização do Autor (Lei 9.610/98).

Esta é uma obra de ficção. Os fatos aqui narrados são produtos da imaginação do autor, sem compromisso com a realidade.

1ª Impressão -2011

Este livro adota as regras do novo acordo ortográfico (2009).

Livros do autor

Os pecados da outra
As joias são para Rosa
Alguém espia você
A última noite
Um brinde mortal
Vítima Final
Quando um homem ama
Selvagem Sedução (Conto)
Arrepio Noturno (Conto)

Sinopse

Duas mulheres idênticas disputando o mesmo homem!
Amanda, ambiciosa e cruel, é capaz de tudo para ter o quer, se apaixonará por Conrado e não medirá esf orços para ter um f ilho dele! Obrigará sua irmã gêmea a se deitar com o milionário, pondo em risco tudo que conquistou inclusive o amor de Conrado! Em meio a reviravoltas, uma troca de casais e vários assassinatos ligados às gêmeas, mudaram os rumos dessa história!”

Capítulo 01

SÃO PAULO... 1997.

Um fino chuvisco caia sobre a cidade, fazendo a temperatura cair. A Câmera focalizou nitidamente a mansão dos Medeiros. Era uma mansão sólida, esplendida, como daquelas que se vê no cinema.

Tudo muito lindo, muito perfeito, com um belo jardim na frente, para dar mais vida à mansão. Lá havia flores de todos os tipos, o cheiro delas perfumava a noite.

A lua prateada se exibia lá de cima, para todos os amantes apaixonados.

O rosto forte e másculo do homem ocupou toda a tela da televisão. Era um rosto bonito, de feições atraentes e marcantes.

Ao ver aquele rosto, Serena sentiu um forte impacto de emoção, ali dentro na sala de sua casa. Ela fixou os lindos olhos cor de mel no belo homem que parecia mais um astro de cinema, de sobrancelhas grossas, boca sensual e olhos verdes. Os cabelos dele eram negros e lisos como a noite sem lua. Ele media aproximadamente 1,87 de altura, e tinha um físico de atleta, um corpo bem malhado, como uma escultura bem talhada.

Vê-lo na televisão, através daquela fita de vídeo que a sua irmã maldosamente havia lhe mandado, somente para exibir a sua felicidade, fez Serena lembrar-se do passado.

Ela estremeceu de desejo só de lembrar, das sensações maravilhosas que o corpo de Conrado havia lhe causado. Foi tudo

tão explosivo entre eles, tudo tão ardente, o gosto daquela boca se esf regando contra a sua, seu corpo, contra o dele, aquelas mãos f ortes vagando pela sua carne, deixando-a em f ogo! Foram momentos para nunca serem esquecidos, momentos marcantes para serem sempre lembrados.

Mas tudo aquilo era passado, tinha sido loucura entregar-se a um homem que ela tinha acabado de conhecer.

Na época Serena tinha apenas dezessete anos, e o sonho de encontrar o seu prí ncipeencantado e amá-lo eternamente. Tinha sido uma doce loucura da qual ela nunca se arrependeu!

Quando a câmera f ocalizou a esposa dele, descendo as escadas como se f osse uma rainha, Serena sentiu novamente aquele impacto, mas desta vez de ódio! Um desejo de se vingar daquela mulher que havia roubado os seus sonhos. Sonhos que ela havia sonhado; que com certeza seriam realizados se Amanda não tivesse atravessado o seu caminho. Ela era sua irmã, sangue do seu sangue, sua irmã gêmea, idêntica, mas dif erente no caráter

Serena era meiga e bondosa, completamente do bem, f eita para ajudar quem precisasse dela.

Amanda era f ria, maldosa e ambiciosa, f eita para destruir qualquer um que f osse preciso.

As duas eram belas, cabelos negros e olhos cor de mel. Duas mulheres nascidas do mesmo ventre, mas completamente dif erente uma da outra.

Novamente a câmera voltou a f ocalizar Conrado. Meu Deus que amor era aquele que ainda vibrava em seu peito? Nunca conseguiu esquecê-lo, tentou apagar aquele rosto de sua mente,

mas f oi tempo perdido, Conrado tinha entrado em seu coração para f icar, ela nunca o esqueceria.

-- Conrado... – murmurou ela com os olhos umedecidos. - tudo poderia ter sido dif erente se Amanda não tivesse estragado todos os sonhos que eu sonhei para mim... Que eu sonhei para nós.

A câmera f oi f ocalizando outros membros da f amí lia: Os outros dois f ilhos com as esposas, e a f ilha com o marido e por ultimo o aniversariante: Amadeu Medeiros. Ele tinha completado setenta anos.

-- Mamãe... – A porta se abriu, e Alexandre entrou com uma pasta nas mãos, estava vindo da escola. Serena sobressaltou-se e desligou a televisão, tirando rapidamente a f ita de ví deo.

-- Nossa, filho o tempo passou tão rápido que eu nem percebi.

-- Já é quase meio-dia, mamãe. O que estava vendo?

Alexandre era um garoto bonito, de olhos verdes como os do pai.

Ele tinha dez anos.

-- Um... Documentário.

-- Sobre o que?—Interessou-se o garoto. —Eu posso ver?-- Alexandre f oi em direção à mãe para pegar a f ita, mas Serena, assustada, desviou-se dele.

-- Não! Eu tenho que devolver. Foi Carla que me emprestou. -- Serena correu para o quarto para guardar a f ita, e f icou algum tempo encostada à porta com o coração batendo acelerado. Imagens do passado voltaram a sua mente, indo e vindo, cenas de momentos agradáveis passados nos braços de Conrado.

A campainha tocou e Serena apressadamente guardou a f ita em uma caixa de sapatos, colocando-a sobre o armário de roupas, e f oi ver quem era.

A visitante era Carla, e Alexandre já havia aberto a porta e conversava com ela.

-- Carla, minha querida! — As duas se abraçaram e trocaram beijos no rosto.

-- Serena você se esqueceu? — Perguntou Carla com um meio sorriso.

-- Se esqueceu do que?

-- Lembra que f icamos de ir hoje à costureira para você experimentar o seu vestido de noiva?

-- Gente é mesmo!—Ele levou as mãos à cabeça. —Como eu pude me esquecer de uma coisa dessas?

-- Alexandre, eu posso f icar sozinha com a sua mãe?— Perguntou Carla, alisando os cabelos do garoto.

-- Já sei, conversa de mulheres.

-- Esperto garoto. —Disse Carla com um sorriso.

Ele pegou a pasta e f oi para o quarto.

-- você não está nem um pouco animada com esse casamento, não é? Não minta pra mim.

-- Amanda me mandou uma f ita de ví deo, onde toda a f amí liacomemora o aniversário do pai de Conrado, só para me mostrar como ela está f eliz, e eu... Inf eliz.

-- Como aquela miserável f oi capaz! Deus, que mulher ordinária! -- E o pior é que quase que Alexandre me pegou vendo a f ita.Eu disse que a f itaera um documentário e que f oivocê que me emprestou.

-- A sua irmã foi demais, amiga. Eu não sei por que não conta tudo a Conrado e diz a ele que foi com você que ele transou naquele elevador, e que daquela noite de amor resultou o Alexandre. Conte a ele que ele tem um filho!

-- Não! Eu não posso!

-- Mas você ainda o ama. Como você vai se casar com Marcelo amando outro homem, amiga?

-- Com o tempo eu vou amar Marcelo. Marcelo é um bom homem e adora Alexandre. E Alexandre também gosta dele.

-- Marcelo é um gato também. Mas o pai de Alexandre... Nossa ele é lindo, um espetáculo, por isso você perdeu a cabeça e se entregou a ele, sem ao menos saber o seu nome e nem ele o seu...

Serena deu um sorriso. Um largo sorriso.

-- Foi amor à primeira vista, amor à primeira vista.

Capítulo 02

A MANSÃO DOS MEDEIROS era muito mais linda vista ao vivo, do que na f itade ví deo,que Serena tinha visto há uma hora.
O velho Amadeu Medeiros convocou uma reunião com os seus quatros f ilhos, noras e o genro.

Amadeu era um homem muito rico, dono de uma rede de supermercados, espalhadas pelo Brasil, dono de imóveis, f azendas e outros bens.

Conrado f oio primeiro a aparecer na sala. Ele era o tipo de homem que causava impacto onde entrava. Ele tivera a sorte de ter nascido rico e bonito, muito bonito. Riqueza e beleza f aziam dele o partido perf eito para qualquer mulher

Mas ele já era casado.

Assim que ele entrou na sala, Amadeu sorriu para ele. Dos seus três f ilhos, aquele era o mais bonito, o mais inteligente, e era daquele f ilhoque ele mais gostava. Conrado tinha amor no coração, tratava Amadeu carinhosamente, se preocupava com a sua saúde, ao contrário dos outros, que só desejavam a sua f ortuna.

-- Papai... – Ele f oiaté ele, dando lhe um beijo no rosto, coisa que os outros não f aziam. —Reunião de ultima hora, meu velho?

-- Pois é. E sua esposa?

-- Já está descendo. Você sabe como são as mulheres!

-- Sabe Conrado, eu não entendo como um homem viril como você ainda não engravidou a sua esposa. Você não nega f ogo, eu sei, antes de se casar era mulherengo. —Amadeu sorriu.

-- Amanda não quer ter f ilhos,papai. E depois, eu ate acho bom, pois não me agrada a ideia dela ser mãe de um f ilho meu.

-- Então por que se casou com ela, meu f ilho?

Não houve tempo de Conrado responder, pois naquele momento, Amanda começou a descer as escadas, dentro de um belo vestido verde e com colar de rubi no pescoço.

-- Você está linda, Amanda. —Elogiou o velho Amadeu.

-- Obrigada, Amadeu. —Ela sorriu, sentindo-se realmente linda e maravilhosa.

Logo atrás dela veio Sérgio com a sua esposa Simone. Vinicius com a sua esposa Aline, e Lana com o seu marido Felipe.

-- Sentem-se todos, por f avor —Pediu Amadeu.

Todos se sentaram.

Amadeu estudou o rosto de cada um. Começou por Conrado...

Conrado não parecia bem ali no meio deles. Cabelos lisos e negros, olhos verdes perf eitamente bonitos. Ele estava com trinta e cinco anos.

Sérgio e Vinicius também eram bonitos, mas não tão quanto Conrado.

Sérgio tinha 1,78 de altura, ao contrario de Conrado que media quase 1,90. Sérgio tinha cabelos castanhos, um pouco ondulados e olhos pretos. Ele tinha trinta e três anos.

Vinicius media 1,80 de altura, seus olhos eram cor de mel, e seus cabelos eram lisos e negros como os de Conrado. Ele tinha trinta anos.

A esposa de Sérgio, Simone era uma mulher ruiva, de grandes olhos azulados. Seus lábios grossos e sensuais eram

deliciosamente devorados por Sérgio todas as noites. Ela tinha vinte e nove anos.

Aline a mulher de Vinicius, era loira, olhos verdes. Havia sido modelo, mas desistiu da carreira para se casar com Vinicius. Ela tinha vinte e sete anos.

Lana a f ilho de Amadeu tinha cabelos castanhos claros, olhos verdes e tinha vinte e oito anos.

Felipe marido de Lana era moreno, alto, cabelo cortado na maquina dois.

Assim que Simone se sentou, ela lançou um olhar lascivo para Conrado.

Ha tempos ela vinha tentando levá-lo para a cama, mas ele sempre f ugia dela. Esse olhar não passou despercebido para o velho Amadeu.

-- Como todos de vocês sabem não é segredo para ninguém que eu quero muito um neto. Um neto para dar continuidade ao meu sobrenome. Mas os meus três f ilhos machos se recusam a me dar esse neto e você também, Lana.

-- Eu tenho medo de nunca mais voltar ao meu peso normal, papai.

-- Sabe que eu também, Lana. —Disse Aline.

-- Outro dia vi uma grávida na rua, que parecia mais uma bola! Fiquei horrorizada. —Disse Simone.

-- Horrorizada você vai f icar, Simone, quando estiver bem velha e se olhar no espelho e perceber que os anos se passaram e que você não deu nenhum f ruto,quando você ver os f ilhos,os netos de suas amigas, indo almoçar com ela todos os domingos, e você e o Sérgio sozinho...

-- Papai, também não precisa ser tão rude com Simone. — Falou Sergio.

-- Deixa-o, meu bem, o seu pai é assim mesmo, não se importa em magoar as pessoas. —Falou Simone.

-- Eu ultimamente ando pensando muito em crianças e acho que quero ter um filho. —Falou Amanda que até naquele momento estava de boca fechada, apenas ouvindo os outros falarem.

-- Depois do que eu disser, vai querer mais ainda ter um bebê, Amanda. —Disse Amadeu. —Mudei o meu testamento.

Todos arregalaram os olhos, completamente estupefatos, menos Conrado.

- Decidi que metade da minha fortuna ficará para aquele filho, que me der um neto homem, e a outra metade será dividida para os outros três.

Eles começaram a falar entre si, completamente revoltados, todos loucos pelo dinheiro.

Mas Conrado continuava calado, olhando para todos eles e para a sua esposa, que apesar de linda, era louca pelo dinheiro do seu pai.

-- Silêncio, todos, por favor!—Pediu Amadeu.

-- E se o senhor morrer antes desse neto nascer?— Perguntou Aline.

Desta vez Conrado se manifestou.

-- O meu pai ainda vai viver mais uns trinta anos, Aline.

-- Os meus advogados estão a par de tudo. Se eu morrer antes desse neto nascer, e se dentro de quatro anos nenhum de

vocês tiverem um filho, metade do meu dinheiro será doado para uma instituição de caridade.

Murmúrio! Revolta!

-- Mas isso é um absurdo!—Manifestou-se Simone. — O senhor não pode fazer isso conosco!

-- Posso e faço! O dinheiro é meu, Simone!—Disse Amadeu com os olhos brilhando de raiva da nora. Depois olhando para cada um... —Atenção, senhoras e senhores e foi dada a largada para a corrida ao bebê! Quero um neto!



Amanda olhava fascinada vendo o seu marido se despir. Conrado tinha tudo no lugar, nenhuma gordura, tudo músculo. Ele ficou apenas de cueca.

-- Você é tão lindo, tão perfeito, é por isso que eu nunca quis dividi-lo com ninguém, nem mesmo com um filho.—Disse ela chegando por trás dele, abraçando-o, beijando-o nas costas. —Mas agora é diferente, tem dinheiro na jogada. Já imaginou herdamos metade da fortuna do seu pai?—Falou ela descendo a mão pelo corpo dele, parando na barriga, acariciando de leve ali, e depois indo mais além, enfiando a mão sob a cueca dele, para acariciar seu membro e seus testículos.

Mas Conrado não deixou o desejo dominá-lo, empurrou-a.

-- Você só pensa em dinheiro, não é, Amanda?— Falou ele com fúria nos olhos.

-- Eu penso em você também, meu querido. Você é o amor da minha vida. Você é um belo exemplo de macho, e é meu homem! —Ela voltou a abraçá-lo, mas ele novamente a empurrou.

-- Eu sempre quis ter um filho, sempre! Mas para lhe ser sincero, confesso que com você eu não estou animado.

-- Você me acha uma mulher ambiciosa não é? Sim, sou ambiciosa! Mas eu te amo!

-- Lembra quando nos conhecemos? Foi naquela festa... Foi tudo tão explosivo, foi uma paixão explosiva, um louco de desejo! Vimo-nos e imediatamente nos desejamos! E termos ficado presos naquele elevador, nos ajudou e muito, eu cheguei a pensar que nunca fossemos parar de fazer amor, porque era bom demais, gostoso demais, foi delicioso, boca contra boca, carne contra carne. Você parecia ter sido feita especialmente para mim e eu para você, você parecia outra pessoa, outro corpo, outra mulher!

Amanda estremeceu, ficando pálida diante das palavras dele.

- Você nunca me amou, não é? Nunca!—A voz dela saiu fraca.

-- Acho que me enganei com você, Amanda. Aquilo que houve no elevador, foi apenas um momento, um momento que eu pensei que fosse durar uma vida toda. Enganei-me. Não, eu não te amo. Amanda começou a chorar e correu para o banheiro. Trancou a porta, sentindo-se desesperada. Aquele homem lhe pertencia, seu homem, sua vida!

Ela abriu a torneira e lavou o rosto. Ficou durante algum tempo, olhando para a sua imagem no espelho. Depois abriu o armário e seus olhos pousaram em um estilete. Sua mão tremula alcançou a arma e fez aparecer a lamina. Ficou olhando para o estilete, e depois para o pulso. Pulso e estilete!

-- Maldita, Serena, maldita!—Os olhos dela estavam bem arregalados. Amanda parecia f orade si, uma pessoa dominada pelo ódio, pela vontade de se matar.

Ela levou a lamina em direção a pulso!

Capítulo 03

O AÇO FRIO DA LAMINA, encostou-se à carne de Amanda.

Ia cortar os pulsos, esvair-se em sangue acabando com a própria vida.

“Vamos, sua idiota, corte. Acabe com a sua vida.”—Uma voz dizia para ela.

-- Não! Eu não vou me matar. Eu não vou acabar com a minha vida.

Cuidadosamente Amanda levou o estilete para dentro do armário. Enxugou o rosto com uma toalha e voltou para o quarto. Conrado ainda continuava lá, ainda de cuecas, na janela olhando para a escuridão lá f ora.

-- Está me f azendo sof reṛ Conrado. Ouvir de sua própria boca que não me ama, é como me enf iar uma f aca no peito.

-- Não seja tão melodramática, Amanda. —Disse ele dando uma risada sarcástica, virando-se para encará-la.

Ela f oi em direção a ele, e o abraçou começando a beijá-lo na boca, para depois esf regar a boca no peito coberto de pelos do marido. Ele tentou af astá-lą mas ela era insistente, ela queria vencê-lo pelo sexo.

-- Não vou negar que desejo você, af irmalsou homem, mas não como naquela noite no elevador, aquele momento f oi único, igual aquele não houve outro, aquele momento f oi... Completo.

--Você não vai se livrar de mim, Conrado, não vai!—Disse ela começando a esmurrar seu o peito, completamente f ora de si. Ele a segurou pelos pulsos e a jogou sobre a cama, f icando sobre ela. Ela podia sentir o corpo f orte dele pressionando o seu contra o colchão. -- Quero você, Conrado. Quero teus beijos, quero você dentro de mim!

-- Não quero mais nada com você, Amanda, mais nada! Será que não entende?—Falou ele em voz alta. —Eu quero um f ilho sim, mas não com você!—Dizendo isso, ele saiu de cima dela, deixando-a só na vontade de ser possuí da por ele.

-- Como? O que f oi que você disse?

Ela saiu de cima da cama, encarando-o com lagrimas nos olhos.

-- O que você ouviu! Eu quero um f ilho sim, mas não com você. —Ele não teve o menor remorso em dizer aquilo, depois ele deixou o quarto, e ela se jogou sobre a cama chorando desesperadamente.



A f azenda Arco Íris era cercada pelo verde da natureza. Um lugar bonito, perf eito para o descanso, o lugar certo para sentir a carí cia do sol, a carí cia do vento.

Um homem sobre o seu cavalo galopava pelo pasto. De porte atlético, cabelos negros, assim como os seus olhos.

Marcelo Alencar era um homem bonito, de natureza boa, um homem calmo e tranquilo. Ele tinha trinta anos, era perdidamente apaixonado por Serena.

Eram oito horas da manhã, ele havia saído antes da sete para o seu passeio matinal.

Tinha sido uma boa ideia ter comprado aquela fazenda, para tornar-se fazendeiro,era ali naquele lugar que ele ia construir a sua vida com Serena. Era o local perfeito para ser feliz com a mulher amada.

Quando voltou do passeio a cavalo, Francisca, uma senhora de sessenta anos; que o viu nascer e crescer já estava com o café na mesa.

-- Nossa que cheiro gostoso de bolo de milho Francisca. — Disse ele abraçando a senhora e beijando-a no rosto.

-- Ontem você me disse que estava com vontade de comer o meu bolo de milho, por isso eu fiz hoje para você.

-- Obrigado, Francisca. —Disse ele puxando a cadeira e se sentando. —Estou tão feliz. —Ele serviu-se de café preto que ela tinha acabado de passar.

-- Semana que vem é o seu casamento, não é meu querido?—Ela se sentou também, cortou um pedaço de bolo de milho e deu a ele.

--É sim, Francisca, e eu estou contando os dias. —Ele levou um pedaço do bolo à boca. —Está divino; Francisca!

Francisca sorriu feliz.

-- Serei felizcom Serena, eu tenho certeza. Eu a amo mais que tudo. Ela é linda, inteligente...

-- É verdade. Você não poderia ter arranjado noiva melhor.

Antes de sair para o trabalho, Conrado deu um mergulho na piscina. E quando voltou a tona, Simone estava na beirada só de camisola e com um dos seios expostos.

-- Faça amor comigo apenas uma vez e eu te deixo em paz. — Pediu ela vendo-o se enxugar com uma toalha que ela mesma entregou a ele. —Sonho com você todas as noites, Conrado.

-- Você para mim é homem, Simone, é a esposa do meu irmão. -- E daí ,poxa?!—Simone f oi para cima dele, dando-lhe um beijo na boca. A lí ngua dela entrou na boca dele, com f ome e desespero. Ele tentou empurrá-la, mas ela tinha se grudado a ele disposta a não soltá-lo.

Ela começou a se esf regar nele, desejando sentir à pressão do membro dele contra o seu corpo, mas ele conseguiu se livrar dela, af astando-se.

-- Fique longe de mim, Simone, longe de mim! Se Sérgio descobre essas suas investidas em mim, pode acontecer coisa pior.

-- Você tem uma boca tão gostosa, Conrado, tão gostosa. Fico imaginando o resto.

Ele jogou a toalha em cima dela e f oi embora.

Ela com um sorriso levou, ao rosto a toalha, cheirando-a prof undamente.

Noite... O jato de água quente caia sobre o corpo de Conrado. Amanda entrou no banheiro, corpo completamente nu, e f icou observando o marido se ensaboar

-- Acho que estou grávida. A minha menstruação está atrasada.

-- E daí ? Você já atrasou outras vezes.

-- Mas agora é dif erente. Eu sinto que é.

-- É dif erenteporque metade da f ortunado meu pai está em jogo, e você deseja ser a primeira a dar esse neto a ele para f icar com metade de tudo!

Amanda abraçou-o e f icou agarrada a ele debaixo do jato de água. Beijou-o nos lábios, sugou-os, dando delicadas mordidas, ela f icou contente quando percebeu a ereção dele, continuou a beijá-lo a segurar a boca dele contra a sua.

Ele a desejava! E a prova estava ali, dura f eitouma rocha, devido aos beijos que ela lhe dava.

Ela fechou a mão em torno do pênis dele, sentido o pulsar cheio de vida. Mas o corpo dele podia ate querer, mas a sua cabeça e o seu coração, rejeitava Amanda f riamente.

-- Não!—Gentilmente ele a empurrou. —Não tem vergonha na cara, Amanda? Será que realmente não entende que eu não quero mais nada com você?

Amanda deu um grito! Mas não por causa das palavras de Conrado, e sim porque naquele momento, o sangue descia pelas suas coxas e se misturava com a água.

Tudo começou a rodar diante dela. Ela só via Conrado mexer com os lábios, mas ela não conseguia ouvi-lo.

Ela desmaiou e só não caiu porque Conrado a segurou nos braços.

Capítulo 04

CONRADO LEVOU AMANDA para o hospital. Quem a atendeu f oi o doutor Lauro Pontes.

Lauro era loiro dos olhos verdes, um tipo f ortão,bonito, de trinta e seis anos. Ele pediu alguns exames, e ela os f ez, enquanto Conrado esperava por ela em uma sala.

-- Aproximadamente dentro de dois dias o resultado estará pronto. —Disse o doutor Lauro, sozinho com ela em sua sala.

-- Acha que eu tenha alguma coisa de anormal, Doutor?— Perguntou Amanda preocupada.

“Como essa mulher é bonita, meu Deus! Eu f arialoucuras com essa mulher na cama.”

-- Bem... Acho que esta tudo bem. Eu acredito que o desmaio f oiporque você desejava muito f icargrávida, e quando viu a menstruação descer o impacto f oi f orte, f oi isso. Mas vamos esperar os resultados dos exames, ok?

Lauro sorriu para ela.

-- Vou esperar ansiosa, doutor.



Eram oito horas da manhã.

Aline Medeiros escovava os cabelos diante do grande espelho que havia em seu quarto, enquanto Vinicius acabava de sair do banho enrolado em uma toalha.

-- Acha realmente que Amanda tem alguma coisa séria, meu querido?—Perguntou ela continuando a passar a escova pelos cabelos.

-- Acredito que não, aquilo f oi f rescura de mulher. Pensando bem seria bom mesmo se ela tivesse alguma coisa séria, alguma coisa que a impossibilitasse de ter f ilhos.

-- Nossa, Vinicius, como você é maldoso. —Disse ela dando uma risadinha.

-- Vai me dizer que você não iria gostar?—Falou ele tirando a toalha, chegando por trás dela e encostando o seu membro contra as suas nádegas. —Seria uma a menos na corrida ao bebê. —Ele enterrou o rosto nos cabelos de Aline, ao mesmo tempo em que começava esf regar-se nela.

-- Sabe... Eu estou no meu perí odo f értil, e você está tão deliciosamente duro. —Novamente ela deu uma risadinha. —é o momento certo de tentarmos f azer esse neto que o seu pai tanto quer, não?

-- E se acontecer de você f icar grávida, mas ter uma menina ao invés de um menino?—Ele a virou para si. —Há essa possibilidade, não?

-- Se isso acontecer, estaremos f errados, totalmente f errados. Sabe f az algum tempo que eu parei com a pí lula, e eu estou achando estranho que até agora, eu não tenha conseguido engravidar.

-- O quê? E só agora você me diz isso? Pelo amor de Deus, Aline, só f altava você ser estéril!

-- E por que o problema pode ser comigo? A f alta de semente pode ser de você.

Irritada ela se af astou dele.

-- Na minha f amí lia não há nenhum caso de esterilidade, mas na sua sim! Temos que procurar um médico!



Serena estacionou o carro próximo ao portão da escola para Alexandre descer. O garoto despediu-se da mãe com um beijo no rosto e um sorriso.

-- Boa aula para você, meu f ilho. E sem conversa na sala de aula, ouviu?

-- Você sabe que eu não sou de conversar em sala de aula, mamãe.

Serena só ligou o carro, quando viu Alexandre passar o portão da escola. Depois desceu a avenida pegando o caminho para a sua loja de cosméticos.

Anita a sua f uncionária já tinha aberto a loja quando Serena chegou. Ela cumprimentou a f uncionaria e f oi para o escritório que f icava nos f undo da loja. Pegou alguns papeis que precisava de sua atenção, e sentou-se atrás da mesa.

Do outro lado da rua um carro encostou. Marcelo desceu de óculos escuros, indo em direção à loja.

Anita sorriu para ele, f azendo sinal de que Serena estava no escritório.

-- Como está a mulher mais linda desse planeta?— Perguntou ele ao encontrá-la com a cabeça curvada, lendo alguns papeis.

Serena sorriu erguendo a cabeça.

-- Mentiroso.

-- Verdade, você é a mulher mais linda desse mundo.

-- Você é tão galanteador, Marcelo!

-- Você é linda, Serena e muito importante pra mim, você e Alexandre.

-- Será que você não merecia outra mulher, Marcelo? Gostaria de poder te amar, assim como você diz que me ama. Você é tão especial, merece uma mulher que o ame de verdade.

-- Não diga isso, eu que não mereço você. —Ele pegou nas mãos dela e as levou aos lábios. —Eu te amo, Serena, e sempre te amarei.

Os olhos de Serena f icaramlacrimejados. Marcelo era bom homem, um sujeito tão legal. Então por que ela não conseguia amá-lo?

Não, nunca conseguiria amá-lo enquanto Conrado ainda estivesse em seu coração.

Um nó se f ormou na garganta de Serena.

-- Eu prometo que f areide tudo para amar você, Marcelo, de tudo.

Capítulo 05

CONRADO JOGOU A MALA sobre a cama, abriu-a e começou a colocar algumas peças de roupas dentro dela. Amanda entrou no quarto, encarando-o.

-- Vai viajar?

-- Sim, vou. —Sua voz saiu f ria, estranhamente f ria.

-- Eu posso saber para onde vai?

-- Para Uberaba, vou a trabalho. Vamos abrir uma de nossas lojas lá, e eu tenho que ir para ver o local melhor, f azer algumas pesquisas...

-- Não podia ter mandado um de seus irmãos?

-- Você sabe que não. Sou eu que sempre f aço isso.

-- E quanto tempo vai f icar f ora?

-- Duas semanas. —Respondeu ele f echando a mala.

-- Amanhã eu vou pegar o resultado dos exames.

-- Você está bem, f ique f ria, tem uma saúde f erro.

-- Por que está sendo tão f rio comigo, Conrado? Por que não olha nos meus olhos?—Ela o agarrou pelo braço. —Eu sou sua esposa, não uma vagabunda qualquer!

-- Você é pior que uma vagabunda, Amanda, pior que uma vagabunda!—Disse ele pegando a mala e saindo do quarto. Amanda começou a f erver por dentro, de f úria de ódio! Fora de si, ela começou a derrubar todos os seus perf umes e pertences sobre a penteadeira, num acesso de choro e angustia! Atirou um vaso contra o espelho que se estilhaçou em mil pedaços!

-- Pedaços da minha vida, a minha vida está em pedaços! —Falou ela tremendo. —Mas eu não vou perder você, Conrado, eu não vou! Você é só meu só meu!



Na sala tranquilamente, estava o velho Amadeu lendo o seu jornal, quando Conrado desceu as escadas. Seu pai perguntou quanto tempo ele ia f icar f ora.

-- Duas semanas, papai!

-- Boa viagem, meu f ilho.

-- Obrigado, papai. —Ele f oiaté o pai, dando-lhe um beijo no rosto. Amadeu sorriu f elizcontente com aquele gesto de carinho.

-- Meu f ilhoestá tudo bem com você? Da para perceber que você parece nervoso...

-- Não se preocupe papai, não se preocupe. Eu estou bem.

Conrado já estava entrando no carro, quando Simone a sua cunhada apareceu.

-- Que pena, vai mesmo viajar? Vou f icar com saudades.

-- Simone, pelo amor de Deus, vê se me erra, vá cuidar de sua vida, do seu marido, do seu casamento!

Ele terminou de entrar no carro, e f oiembora, deixando a cunhada com um sorriso nos lábios.

-- Quero vê até quando vai resistir a mim, Conrado, até quando!



Amanda pagou o taxista e saiu do carro. Com passos f emininos,ela entrou no consultório do Doutor Lauro. Ela usava um vestido amarelo, que se destacavam muito bem em seu corpo.

-- Sente-se, Amanda, por f avor - Pediu o Doutor Lauro. Doutor Lauro deu um sorriso para ela. Se ela não f osseuma mulher casada, e amasse o seu marido, com certeza, ela f icariaencantada com a beleza loira do médico.

Amanda estava muito ansiosa, e tremia por dentro, tinha medo que houvesse alguma coisa errada com o seu corpo.

-- Eu pref irof icarde pé, Doutor. —Disse ela. —Estou muito ansiosa.

-- Acalme-se. —Mais uma vez ele sorriu.

Os exames estavam em suas mãos. Ele se sentou atrás da mesa, enquanto ela continuava de pé.

-- E então, Doutor, eu estou bem, não estou?—Assim que ela f ez a pergunta o seu coração disparou e sua boca f icou seca.

-- Olha Amanda, inf elizmente eu não tenho boas notí cias.

“Será que eu vou morrer” Pensou ela.

-- O que f oi Doutor? Eu estou com alguma doença grave?

-- Não, não é nenhuma doença, quanto isso não se preocupe.

-- Então o que é Doutor?

-- Amanda, é que... Bem...

-- Pelo amor de Deus, f ala logo, doutor!

-- Amanda, você nunca poderá ter f ilhos, você é... Estéril!

-- Não, Doutor, deve haver algum engano, com certeza trocaram os exames... – Falou ela af lita.

-- Nada f oi trocado, Amanda. Acho que agora se tornou impossí vel você dar um neto a Amadeu Medeiros, o neto que ele tanto quer, não?

-- Como o senhor sabe disso?—Perguntou Amanda surpresa.

Lauro abriu gaveta de sua mesa, tirando um jornal.

-- Veja você mesma! Está em todos os jornais que o grande empresário Amadeu Medeiros quer muito um neto para dar continuidade ao seu sobrenome. Por isso ele inventou essa corrida ao bebê. É uma pena, Amanda, mas não vai ser você que vai dar esse neto ao velho, e tão pouco vai herdar metade de sua f ortuna.--

Estranhamente o médico havia mudado o seu comportamento, o seu jeito gentil de f alar O outro lado dele apareceu, e era um lado sombrio e perigoso.

-- Mas eu posso f azer tratamento, a medicina está avançada...

-- Não!—Cortou ele f riamente.—Seu caso é irreversí vel, minha cara, nenhum tratamento resolveria o seu problema, somente um milagre!

Capítulo 06

DOUTOR LAURO SAIU DETRAS da mesa, aproximando-se de Amanda. Ele olhava para ela de uma f orma,estranha... Muito estranha.

-- E o seu marido? Ele não quis vir com você hoje?

-- Não! E pensando bem f oi melhor assim.

-- E por que f oi melhor ele não ter vindo?

-- Porque eu não quero que ele saiba do meu problema. Por f avor, o senhor não vai contar nada a ele, vai?

Lauro olhava para ela cheio de desejo, ela não era nenhuma tola para não perceber isso, e nem notar o volume maciço que havia se f ormado sob a calça branca dele. Ele a queria, e como a queria!

-- Por enquanto eu não vou f alar nada. —Ele começou a andar em volta dela, como uma f era,pronta para atacar, e devorar a sua presa. —Como eu disse, vai ser impossí vel você f icar com a metade da f ortuna do patriarca da f amí lia Medeiros, não?

-- O senhor não tem nada a ver com isso!—Falou ela desejando f ugir dali. Ela estava agitadamente nervosa, e aquele médico só piorava as coisas. Precisava f ugir do olhar devorador daquele homem.

Outra vez ele sorriu.

-- Eu tenho que ir, eu preciso ir.

Mas antes que ela alcançasse a porta, ele a segurou pelo braço, agarrou-a e a beijou na boca com uma f ome, quase animal.

Ela tentou esmurrá-lo, mas a força dele era maior, e ele a empurrou contra a parede, sugando a saliva de sua boca. Quando ela conseguiu afastá-lo, ela viu um sorriso cínico em seu rosto. Ali não havia mais nenhum médico, nenhum profissional, e sim um homem com uma fome louca de possuir uma mulher.

Amanda levantou a mão, e com toda a força que tinha, ela o esbofeteou!

-- Seu miserável e cretino! Quem pensa que eu sou?

-- Uma mulher gostosa, uma cadela, uma cadelinha linda e bonita. Sei que você não vale nada, eu conheço pessoas como você... É capaz de tudo para conseguir o que quer. Portanto, minha cara, desejo algo em troca para ficar de boca fechada.

Ela começou a tremer, enquanto que ele sorria, mesmo com a face ardendo devido à bofetada.

-- Chantagem?—Ela levantou a cabeça. —O senhor está-me chantageando?

-- Não sei, talvez...

-- O senhor é repugnante, não vale nada!

-- Você também não vale nada, somos do mesmo barro. Agora vá para casa, relaxe e depois falaremos mais sobre esse assunto.

Amanda viu a aliança na mão esquerda dele.

-- O senhor é casado, não é?

-- Sim... Sou.

-- O que a sua esposa faria se soubesse que beijou a força uma paciente?

-- Não faria nada, pois ela não acreditaria. Roberta me ama, ela é louca por mim. Portanto, minha cara, se está pensando

em contar a ela, não perca o seu tempo.



Sobre a cama de Serena estava à mala, aberta para ela colocar suas roupas, pois dali a dois dias, ela se casaria com Marcelo. Ia morar na f azendacom ele, e esperava que com o tempo pudesse amá-lo. Ela torcia que com o tempo ela arrancasse Conrado de seu coração e Marcelo ocupasse o seu lugar.

Conrado tinha sido o primeiro homem em sua vida e o único. Nunca desejou estar com outro homem, pois Conrado era o homem de sua vida, ele era o seu amor, e era praticamente quase que impossí vel esquecê-lo.

Ia se casar com Marcelo, apenas porque ele era um homem bom, e ela queria f ormar uma f amí liapara que Alexandre vivesse em um lar harmonioso.

Os pais de Serena tinham sido uns pais maravilhosos, e se Amanda havia optado para o outro lado, o lado do mau, a culpa não tinha sido deles. Eles morreram em um acidente quando elas completaram quinze anos, e depois disso, cada uma tentou se virar sozinha.

O som da campainha trouxe Serena ao presente, e ela f oi abrir a porta.

Quando abriu a porta ela se viu diante dela mesma: Amanda. Amanda estava ali, olhando para ela. As duas f icaram olhando uma para a outra... A que estava com mais ar de surpresa era Serena, pois a ultima coisa que ela imaginava era que a sua irmã f osse aparecer na sua casa.

-- Come se atreve, Amanda, depois de tanto anos, aparecer aqui?

-- Não me convida para entrar, maninha?

-- Você deixou de ser minha irmã há muito tempo, Amanda, há muito tempo. —Serena começou a f icar irritada. —E agora me aparece aqui, f aça-me o f avor!

Ela tentou f echar a porta, mas a irmã bloqueou com o pé.

-- Sabia que eu tenho direita metade dessa casa? A casa era dos nossos pais. Se bem que eu não preciso disso. Tenho uma mansão para viver, pois o meu marido tem dinheiro suf iciente para comprar varias dessas. O que você achou da f ita que eu mandei? Viu como eu sou f eliz? Aquele homem me leva ao delí rio!—Disse ela empurrando a porta e entrando, quase derrubando Serena. -- Faz mais de dez anos, que eu entrei aqui. —Falou ela passeando a sala com o olhar. —Conf esso que não senti f alta disso.

-- Eu gosto daqui. Foi aqui que nossos pais nos criaram... Aqui mesmo que você não concorde, f omos f elizes.

-- Você é f elizem qualquer porcaria! Eu não! Mansões é o meu lugar, não isto!—Falou ela f azendo um gesto com o braço. —Eu f ui esperta. Conrado é um marido, maravilho, amante ardoroso, e ele f az, loucuras comigo na cama.

-- Eu não quero saber o que você e Conrado f azem ou deixem de f azer na cama, a vida sexual de vocês não me interessa.

-- Nossa, maninha, que mau humor! A quanto tempo não da uma boa trepada? É f alta de homem!

-- Já chega! Dê o f ora daqui!—Gritou Serena.

-- Morre de inveja de mim, não é Serena?

-- Inveja? O seu casamento ainda não está completo, querida, para ser completo vocês precisam ter um f ilho!

Foi naquele momento que Amanda perdeu completamente o rebolado! Era como se ela estivesse no ultimo degrau da escada, e ela despencasse lá de cima.

-- Cadê os f ilhos? Vocês não têm f ilhos, tem?

A palidez f icou visí vel no rosto de Amanda.

-- Eu... Eu não quis tê-los, mas agora, eu decidi que vou ter! E você? Você se casou? Tem f ilhos?

-- Vou me casar daqui a dois dias. E quanto a f ilhos,tenho um. —Disse orgulhosamente Serena pegando a f otode Alexandre e mostrando a Amanda. —Esse garoto lindo é meu f ilho, ele não te lembra alguém?

Amanda arrancou bruscamente a porta retrato das mãos de Serena, olhando totalmente surpresa para a f oto do garoto.

-- Não! Não pode ser! Não é possí vel! Você e Conrado f icaramjuntos uma única noite. Esse... Esse menino é a cara dele. —Disse ela completamente trêmula.

-- Sim... Foi uma única vez sim que eu estive com Conrado, e ele f ezum gol perf eito, ele me f ezAlexandre, Amanda. Ele é f ilhode Conrado. —Disse Serena sentindo um enorme gosto de satisf ação.

Capítulo 07

UM ATAQUE DE FÚRIA tomou conta de Amanda. Fora de si ela atirou o porta-retratos contra a parede e depois avançou sobre Serena, com as palavras do Doutor Lauro martelando em sua mente, dizendo que ela nunca poderia ter f ilhos. Serena empurrou Amanda que cambaleou para trás e quase caiu. Mas ela voltou com mais f orça sobre Serena acertando-lhe um, tapa, no rosto. Mas Serena devolveu a bof etada, dando uma a mais nela.

Amanda levou a melhor logo depois, empurrando Serena, que caiu e bateu com a cabeça no canto de um móvel, f icando inerte no chão.

Amanda arregalou os olhos, olhando para a irmã que continuava inerte no chão, não dando sinais de vida.

-- Eu preciso f ugir meu Deus. Será que eu a matei? Não, eu não posso tê-la matado!

Uma parte de Amanda queria f ugir, a outra queria f icar para descobrir se realmente Serena estava morta! Amanda agachou-se procurando os sinais vitais de Serena. Depois pegou o telef one e ligou para emergência! Assim que desligou o telef one, ela olhou mais uma f ez para Serena, e depois deixou a casa.

Amanda não f oi embora. Ficou observando a certa distância até a ambulância chegar com o seu apito estridente.

Marcelo e Alexandre desciam a rua devagarzinho, conversando entre uma risada e outra. De longe eles viram o movimento na casa, e começaram a correr! A ambulância estava na

porta e curiosos se aglomeravam para saber o que havia acontecido. Alexandre entrou em casa gritando pela mãe... Marcelo ia atrás dele, também af lito.



Amanda descobriu mais tarde, em que hospital Serena estava e ligou para lá, para saber notí cias da irmã. Segundo a enf ermeira, ela estava bem.

-- O neto que o velho Amadeu tanto quer já existe! E é o f ilhode Serena! Merda, praga!—Ela andava de um lado para o outro no quarto. —Eu a odeio mais que nunca agora. Descobrir que ela tem um f ilhodo meu marido, só f ezaumentar ainda mais o meu ódio por ela!



No hospital Marcelo dormia na poltrona para f azer companhia a Serena. Tudo estava bem com ela, nada de sério havia acontecido.



Carla dormiu naquela noite, na casa de Serena, pois Alexandre não podia f icar sozinho. Ela sempre f oi uma grande amiga, era daquelas, que estava, sempre, pronta, para ajudar quando precisassem. Era com ela que Serena f azia as suas conf issões,era com ela que Serena se abria. Carla sabia tudo sobre o momento tórrido de amor, que Serena tivera com Conrado.
Quando o dia amanheceu, Carla preparou o caf é da manhã para Alexandre e o levou para a escola. Nenhum dos dois percebeu que estavam sendo seguidos.

Amanda estava a alguma distância da casa de Serena, quando eles saí ram.

Carla parou o carro em f rente à escola de Alexandre, do outro lado da rua.

-- Quem pode ter f eito aquilo com minha mãe, Carla?

-- Ela disse que f oium ladrão. Não se preocupe com a sua mãe, ela está bem.

-- Ela é a única coisa que eu tenho. Sobre o meu pai ela sempre se recusou a f alar Ela só disse que ele não sabe que eu existo. Mas também não f ala onde ele mora e nem quem é ele!

-- Sua mãe vai se casar com Marcelo, ele vai ser um pai para você.

-- Mas não é a mesma coisa.

Alexandre saiu do carro, e a alguns metros, Amanda acelerou. Alexandre começou a atravessar a avenida.

Quando Carla levantou a cabeça e olhou em direção a Alexandre, o carro ia para cima dele como uma ameaça mortal!

-- Cuidado, Alexandre! Olha o carro!—Gritou ela desesperada. Alexandre arregalou seus olhos, quando viu o carro ir para cima dele, junto com a morte!

Capítulo 08

AMANDA ESTAVA FORA DE si e avançou para cima de Alexandre com uma f úria f ora de controle. O coração do garoto disparou, e ele f icou paralisado no meio da avenida, sem f orças para correr!

Mas o milagre veio no ultimo momento, pois Amanda virou o volante para a direita, desviando-se do garoto, mas arrancando a porta de outro carro que havia acabado de estacionar, do qual o motorista abria.

De onde estava Carla só levou as mãos a cabeça ao ver o f ilhode sua melhor amiga correr perigo, e f orado seu alcance para ajudar. Carla saiu correndo em direção a Alexandre, tirando-o do meio da avenida e abraçando-o, tremendo junto com ele.

-- Como você está meu querido? Aquele carro poderia ter matado você! Foi por pouco, Alexandre. Eu não entendo como dão carteira de motorista a uma pessoa daquela! É um absurdo, gente como aquela dirigir.

--Eu estou bem, Carla, eu estou bem. O susto f oigrande, não vou mentir, só f altou eu f azer xixi de susto... —Ele respirou f undo. — Mas eu estou melhorando...



Aline Medeiros estava naquele momento retocando o batom diante do espelho, quando Viní cius entrou.

-- Não vem me dar um beijo, meu amor?—Perguntou ela com um sorriso, vendo-o se sentar na cama. —Sempre me beija quando chega do trabalho, está com uma carinha triste, está acontecendo alguma coisa com você, meu querido?

Ele não respondeu, estava deitado de costas, com os olhos f ixos no teto.

-- Por que não me responde meu bem? Vamos, anime-se! Não vamos perder tempo, vamos tentar f azero nosso bebê. —Aline subiu em cima dele, sentando sobre sua virilha, curvando-se e beijando-o na boca.

-- Às vezes eu acho que isso que o meu pai f ezf oiuma palhaçada.

-- O que é palhaçada, meu amor?—Perguntou ela deslizando os dedos pelo rosto dele.

-- Essa corrida ao bebê. Com essa loucura para ter um neto, acabou jogando a gente nessa corrida maluco.

-- Ainda bem que f izemosos exames, e não há nada de errado conosco. Não sabe como f icoaliviada. —Ela desaf ivelou o cinto da calça do marido, dando um sorriso. —Vamos já encomendar o nosso bebê, vamos!

Com uma gargalhada, ele a virou, f icando sobre ela, f azendo-a sentir a ereção contra o seu corpo.

Depois ele f oi abrindo os botões da blusa dela, e deslizando a lí nguapelo colo dos seios de Aline, f azendo-a dar um longo e prolongado suspiro.

-- Com sorte vamos ter um menino. —Disse ela no momento em que ele a penetrava.

-- Sim... Vamos ter um menino... – ele empurrava para dentro dela lentamente enquanto ela cravava as suas unhas vermelhas contra as suas nádegas, f orçando-o mais para seu interior.



Amanda entrou na mansão como uma bala, com o coração acelerado, passando pelos empregados sem dizer uma palavra e indo para o seu quarto.

-- Ela teve um f ilho de Conrado, isso não podia ter acontecido! Uma única vez e engravidou! Cachorra! E eu sou estéril, eu nunca poderei ter f ilhos, nunca! Enquanto que ela tem um, ela tem um e é f ilho do Conrado! Eu devia ter matado o garoto! Eu devia tê-lo matado! Por que no último momento eu mudei de ideia, por quê? Porque eu sei muito bem que com ele vivo, eu terei mais vantagem. -- Amanda deitou-se, com os pensamentos a mil por hora. O garoto seria útil para ela, de alguma f orma ele seria útil! Pensamentos, ideias passavam pela cabeça de Amanda. Até que um plano começou a se f ormar em sua mente, um plano perf eito, que tinha tudo para dar certo, mas ela ia precisar do f ilhode Serena!



Serena teve alta do hospital e Marcelo a levou para a casa.

-- Depois de amanhã você será a minha esposa. —Disse ele alegre, ajudando-a a se deitar no sof á. —estou contando os dias... Por que você e Alexandre não vêm comigo para a f azenda, eu tenho medo que o ladrão que entrou aqui, volte...

-- Ele não vai voltar. —Disse ela. —Eu só vou para a f azenda, Marcelo, depois do nosso casamento, antes disso, nem pensar.

-- Esta bem, eu não vou f orçá-la, eu apenas estava preocupado com você. Quer que eu arrume alguma coisa para você comer?

-- Pode deixar. Eu cuido disso. Eu estou bem. Você já f ez muito, passou a noite inteira comigo no hospital.

-- Era o mí nimo que eu podia f azer af inal você é minha noiva, vai ser minha esposa dentro de poucos dias...

Como Serena não amava Marcelo, ela estava começando a achar que tinha sido um erro em ter aceitado a proposta de casamento dele. E se ela nunca esquecesse Conrado? Se ela nunca viesse a amá-lo! Marcelo era um homem tão bom, merecia alguém que o amasse de verdade, não uma mulher como ela, há dez anos com um homem na cabeça.



Doutor Lauro tinha acabado de tomar uma xí carade caf é, levado pela sua secretária Vilma, quando ela voltou a sua sala.

-- Doutor Lauro, Amanda Medeiros está aqui e quer falar com o senhor. Ela não tem hora marcada, e eu disse a ela que o senhor só atende com hora marcada. Mas ela disse que é urgente.

-- Tudo bem, Vilma, pode mandá-la entrar.

Lauro saiu de traz da mesa, e poucos minutos depois Amanda entrou.

-- Ora, ora! Voltou mais cedo do que eu imaginava.

-- Sei que você é um canalha e que não vale nada, mas eu preciso de sua ajuda.

-- Você precisa de minha ajuda? Nossa quanta honra!— Falou ele com sarcasmo. —Mas se você precisa de minha ajuda, vou querer algo em troca. Sei que é fundamental para você que eu fique de boca fechada, que eu não diga para ninguém da família Medeiros que você é estéril... Pois muito bem, Amanda... Eu quero você, quero que seja minha amante!

Dizendo isto, ele a abraçou! Ela ficou quieta! Ele começou a deslizar os lábios pelo pescoço de Amanda, enquanto ela continuava quieta! As mãos dele desceram pelas coxas dela, enfiando-se por debaixo do vestido, alcançando a calcinha...

Amanda sentia repulsa! Ódio por aquele homem! Mesmo ele sendo um homem charmoso, bonito; ela não conseguia deixar de sentir repulsa pelas mãos dele vagando pelo seu corpo. Mas ela precisava dele para que o seu plano desse certo.

Ele parou de beijá-la, levantando a cabeça e afastando-se dela. Ele olhava e sorria para ela...

-- Você é muito gostosa, Amanda, muito! Sem sombra de dúvida o seu marido está bem servido.

-- Se me ajudar, me terá como, amante, Doutor. —Disse ela. Ele ficou surpreso, muito surpreso, levantando a sobrancelha direita.

-- Que tipo de ajuda você precisa de mim?

-- Eu quero que sequestre um garoto para mim!

Capítulo 09

DOUTOR LAURO DEU um passo para trás, completamente assustado, olhando para Amanda com cara de espanto.

-- Você f icou louca? Quer que eu sequestre uma criança?

-- Se você f izerisso me terá quantas vezes quiser. —Disse ela.

-- Não. Nenhuma mulher vale esse ato de loucura, nem mesmo você, que me deixou de pau duro assim que a vi. Eu sou um médico, eu não posso entrar nessa roubada.

-- Você só tem que sequestrar o garoto e o resto f ica por minha conta, não se preocupe. Você tem que me ajudar!

-- É f ira, é roubada. —Disse ele balançando negativamente a cabeça.

-- Por f avor, eu preciso de sua ajuda, é depois de amanhã... No dia do casamento...

-- Casamento? Que casamento?

-- Não interessa. Apenas f aça o que eu quero, e me terá como sua amante. Você tem até amanhã à noite para pensar.



Quando Amanda voltou para a mansão dos Medeiros já era noite. Tirou os sapatos assim que entrou no quarto, e os jogou para um lado. Pegou o telef one, discando para o quarto do hotel, onde Conrado estava hospedado.

Conrado tinha acabado de tomar banho e saiu nu do banheiro, quando o telef one tocou.

-- Estou com saudades de você, meu amor. —Disse Amanda do outro lado da linha com uma voz extremamente sensual.

-- Será, Amanda, que nem de longe você me deixa em paz. — Disse ele mal humorado, pois tinha tido um dia exaustivo de trabalho, e sua mente estava cansada.

-- Eu te amo, meu amor, e gostaria que você lembrasse, disso.

– Amanda, estou, cansado, tive um dia exaustivo, e preciso descansar.

Conrado bateu com f orçao f oneno gancho, enquanto que do outro lado da linha, Amanda continuava com o f one no ouvido.



Serena mostrava naquele momento as f otosde Alexandre para Marcelo e Carla de quando ele era bebezinho. Ela lembrava como f oi maravilhoso para ela, o dia do nascimento dele.

Foi o dia mais lindo de sua vida, uma alegria imensa tomou conta do seu coração quando o médico tirou Alexandre de dentro dela. Aplicaram nela anestesia peridural, deixando-a consciente e poupando-a só da dor, para que ela visse o seu bebê vir ao mundo.

-- Serena você nunca me disse quem é o pai do Alexandre, sempre f oge do assunto, quando eu toco nisso.

Carla saiu da sala discretamente, deixando os dois sozinhos.

-- Você ainda não conseguiu esquecer o pai de Alexandre? Você ainda o ama, é por isso que você não consegue me amar?

-- Por favor, Marcelo, não quero falar sobre isso. Não quero magoar você. Talvez eu fale alguma coisa que não lhe agrade, portanto é melhor desviarmos desse assunto.

Mais uma vez Serena fugia da conversa, ela se recusava terminantemente a conversar com ele sobre o pai de Alexandre.



O dia do casamento de Serena e Marcelo amanheceu, sem calor, com um sol não muito quente. Marcelo ia dar uma bela festa para comemorar o dia mais feliz de sua vida.

Os convidados já estavam chegando. Pequenos aviões aterrissavam no campo de pouso da fazenda, trazendo os convidados.

Carla ajudava Serena a se arrumar em um dos quartos da fazenda.

-- Serena você está simplesmente linda. —Disse Carla, olhando para ela vestida de noiva. —Tudo está perfeito: a maquilagem, o vestido...

-- Eu precisava estar mais alegre, afinal hoje é o dia do meu casamento. Vou me casar com um homem maravilhoso, que vai cuidar de mim e do meu filho, Carla! O que mais eu posso querer?

Mas Serena estava triste, completamente dominada pela angustia. Conrado era o marido de sua irmã, não adiantava ela ficar pensando nele, pois ele nunca mais seria dela!

-- Conrado é passado, minha amiga. Esqueça-o e trate de ser feliz com Marcelo. Marcelo te ama. Você sabe disso.

--É você tem razão. Conrado é passado.

Naquele exato momento um carro se aproximava da f azenda. Doutor Lauro era quem estava ao volante!

Capítulo 10

SERENA PASSOU PELO tapete vermelho ao som da marcha nupcial, entre os convidados. Ela sorria, e Alexandre ia à f rente dela carregando as alianças... Marcelo a esperava com um sorriso de orelha a orelha no altar improvisado. O Juiz começou a cerimônia, f azendo as perguntas que se f az em um casamento.

Trocaram as alianças e se beijaram sob o olhar de todos os convidados.

Serena f oi para o quarto se trocar. De lá se ouvia o som da sanf ona, misturada com vozes e risadas vindo lá de f ora.

-- Minha amiga, você me parece ser a noiva mais inf eliz que eu já vi. Precisa melhorar essa cara, af inal é o seu casamento!

-- É... Eu sei. Vou sentir saudades de Alexandre, af inal tirando aquela noite que eu passei no hospital, eu nunca passei uma noite longe dele.

-- Não se preocupe com o Alexandre. Sabe que comigo ele está em boas mãos, vou cuidar bem dele. Aproveite a sua lua de mel... -- Eu e o Marcelo... Você sabe que a gente nunca transou, só tive um homem em minha vida e f oi Conrado... E f oi uma única vez, tenho medo de não estar preparada.

Carla deu uma risada.

-- Amiga, você, já não é mais nenhuma mocinha... Já passou dos vinte e está quase chegando aos trinta... Tudo vai dar certo. Marcelo vai ter paciência, ele é gentil em todas as coisas.



Alexandre se af astou da casa grande, caminhando em direção ao mato, para dar um passeio. O sol que a pouco estava morno, já havia esquentado tornando-se dif í cil f icar sob ele.

De onde estava, com um binóculo, Doutor Lauro observava o garoto, que parecia ir à direção ao local em que ele estava.

-- Perf eito, garoto, perf eito —Disse ele baixinho. —Venha, venha, vai f acilitar muito para mim... —Lauro tirou de dentro do bolso um lenço e um vidrinho. Molhou o lenço com o lí quido que estava no vidro e f icou de tocaia esperando pelo garoto que se aproximava.

O médico contornou e chegou por trás de Alexandre pressionando o lenço contra o rosto dele, até ele perder os sentidos e f icar mole em seus braços.

-- O que um homem não f az por uma bela mulher. Devo estar louco. —Disse ele carregando o garoto para o carro.



Simone resolveu tomar banho de piscina naquele dia. Conrado ainda não havia chegado de viagem, e ela gostava de vê-lo todos os dias. Sempre sonhava com ele, tinha f antasias sexuais, ela sobre o corpo dele, beijando-o por inteiro, enquanto ele gemia e se contorcia de prazer.

Ela tinha acabado de dar um mergulho na piscina, quando Sérgio chegou. Ele parecia ansioso, e por isso ela já imaginava que alguma coisa tinha acontecido.

-- Venha até o nosso quarto, eu preciso f alar com você.

Quinze minutos depois ela já estava no quarto, encontrando Sérgio diante do espelho olhando para a própria imagem.

-- Vim do médico, Simone.

-- Pegou o resultado dos exames?

-- Peguei e as notí cias não são boas, Simone. Eu nunca poderei ser pai.

Simone arregalou os olhos, não acreditando no que acabará de ouvir. Não podia ser, claro que não podia ser! Eles tinham que ter um f ilho para f icar com metade da f ortuna do velho Amadeu, e agora Sérgio chegava com uma notí cia daquelas!

-- Você deve estar brincando comigo. Sérgio, brincadeira agora não!

-- Eu não estou brincando, Simone. Eu não posso ter f ilhos! O médico me disse que eu nunca poderei ser pai. Eu não entendi bem direito, mas parece que... Quando os espermatozoides saem de mim, eles já saem sem vida. Portanto é impossí vel você f icar grávida comigo! Eu que tenho que dar esse neto a ele, eu! A metade f ortuna tem que ser minha!

-- Você precisa f icar calmo. Eu também quero metade da f ortuna do seu pai, mas f icarmos desesperados, não vai resolver nada.

-- Só existe um jeito de você f icar grávida, e torcemos para que essa criança seja do sexo masculino para não perdermos metade da f ortuna do meu pai.

-- Existe um jeito de f icar grávida? Mas como se você acabou de me dizer que você nunca poderá ser pai!—Ela não estava entendendo.

-- Enquanto eu vinha para casa, uma ideia f oi tomando conta da minha mente. Para nós não perdermos essa f ortuna, eu sou capaz de te jogar nos braços do meu irmão Conrado...

-- O que?—Simone surpreendeu-se ao ponto de quase cair.

-- Quero que seduza Conrado e f iquegrávida dele e todos pensaram que o f ilho é meu.

Simone olhava para o marido estupef ato! Que imbecil ele era, meu Deus! Que presente ele estava dando a ela! Tudo que ela queria era Conrado, era ser sua amante, e ele a estava jogando para os braços do irmão!

-- Você quer que eu tenha um f ilho com Conrado?

-- Sim, é muito dinheiro que está em jogo.

-- E para ter todo esse dinheiro, você não se importa que eu transe com o seu irmão? Mas e se ele também não puder ter f ilhos?

-- Conrado pode ter f ilhos, há muito tempo que ele f ezum espermograma.

-- Não seria melhor a gente ir a um banco de esperma e optarmos por um doador, uma inseminação artif icial?—Perguntou ela f azendo-se como se f osse dif í cil para ela transar com Conrado.

-- Não. A criança não seria neto do meu pai, não teria nenhum parentesco comigo.

-- E por que Conrado e não Viní cius?

-- Porque Conrado é o melhor.

-- E você acha que Conrado vai querer ter um caso comigo? -- Ela estava adorando a ideia de tornar-se amante de Conrado com o consentimento do marido.

-- Você saberá como conseguir algumas gotinhas do esperma do meu irmão. Lembre-se a muito dinheiro em jogo e não podemos deixar que nem ele e nem os outros ganhem da gente.



Serena estava desesperada devido ao desaparecimento de Alexandre. Ela e Marcelo já tinham ido até a delegacia pedir a ajuda da polí cia.O delegado f ezvárias perguntas, e ela respondeu. Com Marcelo ao seu lado, ela se sentia mais f orte, mas determinada a encontrar o seu f ilho.

Com o desaparecimento de Alexandre, a lua de mel de Serena e Marcelo, havia sido cancelada, e a primeira noite do casal tinha ido por água abaixo.

Capítulo 11

SERENA E MARCELO não voltaram para a f azenda. Eles pref eriram f icar na cidade, na casa dela, caso a polí cia descobrisse o paradeiro de Alexandre.

Já passava da meia noite, Marcelo cochilava no sof á, enquanto que Serena conversava com Carla na cozinha.

-- Serena, tem uma coisa que eu não disse a você. —Falou Carla. —Eu não sei se f oi uma tentativa de matar, ou se a pessoa estava bêbada, mas... Acho que tentaram matar Alexandre.

-- O quê?—Serena levantou da cadeira completamente apavorada. O que está me dizendo, Carla? Por que não me disse isso antes...

-- Fale baixo. Marcelo pode ouvir. A pessoa f oi com tudo com o carro para cima do Alexandre, e para mim f oi a sua irmã, e pode ter sido ela que o levou.

O telef one tocou. Apressadamente Serena atendeu da extensão na cozinha.

-- Pronto.

-- Serena... Sou eu... Amanda. —Amanda estava em seu quarto na mansão dos Medeiros.

-- Amanda, o que você quer? Estou com um grande problema e não posso f alar agora...

-- Liguei só para lhe dizer que estou com o seu f ilho!

Serena f icou pálida. Carla f oi até ela, colocando a mão sobre o seu ombro, quando percebeu que a amiga não estava bem.

-- Sua maldita! O que você f ez com o meu f ilho?

-- Calma, maninha, por enquanto eu não f iz nada. Mas é claro que isso vai depender de você.

-- E o que você quer?—Perguntou Serena af lita, suando a palma das mãos.

-- Será um segredo só meu e seu. Não conte para ninguém, nem para o seu maridinho. Achei uma pena vocês não terem tido uma lua de mel... Pegue um táxi e venha agora para a mansão dos Medeiros. Vou esperar por você do lado de f ora, no portão.

O táxi parou próxima a mansão dos Medeiros. Serena pagou a corrida e desceu. Com passos cautelosos ela f oi em direção a uma árvore, se encostando ao tronco dela. Mas os f aróis de um carro que se aproximava bateram em seu rosto e a pessoa f reou o veiculo. A porta do carro abriu-se, e a pessoa desceu. O coração de Serena disparou, quando ela viu quem era! Naquele momento ela quis correr, queria f ugir dali! Mas não havia mais tempo.

-- Amanda, o que você está f azendo há essa hora na rua? — Perguntou Conrado f ixando os seus belos olhos esverdeados em Serena.

Capítulo 12

AMANDA ESTAVA ABRINDO o portão para ir ao encontro de Serena, quando ela viu Conrado com ela. Amanda gelou da cabeça aos pés.

-- O que você está f azendohá essa hora na rua, Amanda? — Perguntou ele com uma voz nem um pouco gentil. —Quer ser assaltada, sequestrada?

-- Eu... Eu... —Serena nem conseguia f alar

Ela sentia-se paralisada.

-- Eu queria tomar ar... —Conseguiu ela dizer.

-- Mas há essa hora? Não podia ser lá dentro no jardim?

Conrado encontrava-se de costas para o portão, e Serena de f rente. Serena viu quando Amanda abriu o portão, e se af astou escondendo-se.

-- Entre... Daqui a pouco eu vou.

-- Faça como você achar melhor então.

Depois que Conrado entrou, Amanda saiu das sombras, e as duas f icaram f rente a f rente.

-- Onde está o meu f ilho? O que você f ez com ele?

A vontade de Serena era de meter as unhas no rosto da irmã. Mas tratou de se controlar.

-- Ele está bem. Mas para ele continuar bem, eu quero que você f aça uma coisa.

-- Fazer uma coisa? O que?

-- Quer ter o meu marido por algum tempo?

-- Acho que não ouvi bem...

-- Você ouviu sim... Eu perguntei se você quer ter o meu marido por algum tempo.

-- Que loucura é essa?—Perguntou Serena.

-- Não é nenhuma loucura, Serena. O meu sogro quer muito um neto, é Conrado não vê a hora de ser pai...

-- Conrado já tem um f ilho... Alexandre é f ilho dele! Portanto Amadeu Medeiros já tem um neto!

-- Nunca mais diga isso, Serena, ou eu serei capaz de matar você! Eu que serei a mãe do f ilho de Conrado, entendeu? Eu! —Os olhos dela brilhavam perigosamente. —O meu sogro vai dar metade de sua f ortuna para aquele f ilho que conseguir lhe dar um neto...

-- Como sempre você está pensando em dinheiro. Eu só não entendo o que eu e o meu f ilho temos a ver com isso, se você não quer que o velho e nem Conrado saiba que Alexandre existe!

-- Eu não posso ter f ilhos, mas você pode! Eu sou estéril, Serena! E você não é estéril, provou isso quando se deitou com Conrado e engravidou...

-- Amanda, onde você está querendo chegar?

Serena não estava gostando do rumo daquela conversa. De sua irmã não podia se esperar nada de bom.

-- Quero que você se f aça passar por mim e eu por você. Quero que engravide novamente de Conrado, só que desta vez com uma diferença: Quando a criança nascer cada uma voltara para a sua casa e f icará como se tivesse sido eu a ter o bebê.

-- Você deve estar f icando louca!—Disse Serena não acreditando no que acabará de ouvir. —Isso é um absurdo! O que

pensa que eu sou? Uma barriga de aluguel?

-- Se não f izerisso eu mato Alexandre, eu mato o seu f ilho! Agora se f izer o que eu quero, eu solto ele, e serei uma boa mãe para ele, enquanto você gera o meu f ilho! E se tentar me passar à perna, revelar o nosso segredo a alguém ou ir até a polí cia, eu coloco f ogo em Alexandre e no seu marido enquanto os dois estiverem dormindo, entendeu?

Amanda não estava brincando. Serena via o perigo nos olhos da irmã.

Serena f oi procurar um táxi com as lagrimas descendo pelo seu belo rosto. Amanda tinha ido longe demais! Ter sequestrado Alexandre tinha sido a gota d água.

Amanda estava perto do portão vendo Serena se af astar. Quando a irmã virou a esquina, ela entrou.

Conrado estava no quarto, tirando as roupas da mala e as colocando no armário.

-- Que bom que você chegou antes, disse que ia f icaruma semana. Estava com saudades.

Ele continuou colocando as roupas no armário sem olhar para ela.

-- Conrado, por f avor, olha para mim, eu estou f alandocom você. Até quando vai me tratar desse jeito? Você é f rio comigo.

Conrado abandonou a roupa e voltou a sua atenção para ela.

-- Amanda, eu estou cansado. Tudo que eu quero é um bom banho, uma cama, e uma noite de sono. —Disse ele coçando a barba que estava por f azer

-- Pelo menos me dá um beijo.

Amanda abraçou-o colando sua boca na dele, num beijo molhando e sensual, enroscando sua lí ngua na dele. O cheiro másculo dele deixava-a excitada e molhada, sedenta para tê-lo dentro de si.

A mente de Conrado não queria aquele beijo, mas o seu corpo reagia de outra f orma,seu corpo desejava o contato do corpo quente de Amanda contra o seu!

-- Eu não te amo, eu não quero mais nada com você. — Conseguiu dizer ele, tentando af astá-la, mas com um desejo latejante de possuí -la, pois seu pênis pulsava para encontrar a umidade dela.

-- Mesmo que não me ame, meu amor, eu tenho a certeza que me deseja. Venha, meu amor, possua-me vem pra dentro de mim.

Amanda começou a abrir cada botão da camisa dele, encontrando com satisf açãoo peito coberto de pelos negros. Ela o beijou ali, passou a lí nguaali, enquanto que Conrado já não queria mais se af astar Quando ele f icousem camisa, ela mordeu de leve os seus ombros, passou as mãos pelas costas dele, dando um suspiro longo e prof undo.

-- Você é tão atlético, tão f orte, tão meu!

Ela desaf ivelouo cinto dele, f azendoas calças descerem pelas pernas musculosas. Um volume tinha se f ormado sob a cueca, e ela sorriu com satisf ação quando pousou sua mão ali, sentindo a dureza plena e vigorosa. A cueca também seguiu o mesmo caminho da calça, e ele já não usava mais nenhuma roupa. O membro dele já estava ali, erguido como uma f lecha,pronto para ser disparado! Mas ela não o colocou dentro da vagina, não naquele

momento. Ela se ajoelhou diante dele e o tomou na boca, f azendo pressão com os lábios, deslizando a lí ngua na glande avermelhada.

Conrado já não tinha mais f orçapara f ugir, pois a boca dela não deixava. A boca dela trabalhava em seu pênis de uma f orma ardente e sensual. Quando ela terminou ali naquele lugar, ele a empurrou para a cama e despiu-a, indo para o meio de suas pernas, encontrando a umidade dela pronta para recebê-lo.



No dia seguinte, Conrado ainda adormecido, Amanda levantou-se. Conrado nu, estendido sobre a cama, dormia em um sono prof undo. Bem devagarzinho ela deslizou a mão pelo corpo dele. -- Nunca vou perder você, meu amor, nunca. Assim também como não vou perder metade da f ortuna do velho Amadeu.



Amanda chegou ao apartamento do Doutor Lauro, f altando cinco minutos para as oito. O médico tomava o seu caf é. Ele f oi abrir a porta com um pedaço de torrada na mão.

-- Olha o garoto não pode f icaraqui por muito tempo. — Disse ele.

Amarrado e amordaçado, Alexandre estava no quarto, no f inal do corredor

—Dentro de três dias a minha mulher vai chegar de viagem... Você vai ter que dar um jeito. —Ele mordeu a torrada, e voltou para a mesa. —Por que me mandou sequestrar esse garoto? Eu acho que sou mais louco que você por ter caí donessa, e o pior é que até agora não tive nenhuma trepada com você. Está me

f azendo de idiota, Amanda?—Ele f oi até ela, segurando-a pelo braço.

Ela tentou puxar o braço, mas ele começou a apertar!

Capítulo 13

-- Você está me machucando, Lauro!

-- E vou machucar muito mais, minha querida, se me f izerde idiota. Estou ajudando você em uma coisa que eu nem sei! Qual é o seu plano? O que você quer com esse garoto? Vamos, me diga! Não minta pra mim, não tente me levar em banho Maria!

-- Tudo bem. Acho que não tem jeito mesmo. Vou contar tudo a você. Mas si abrir a boca e contar aos Medeiros, eu mato você!— Ameaçou ela.

Lauro deu uma risadinha, soltando o braço dela.

-- Estou tremendo de medo! Vamos, agora, me diga o que você está tramando? Por que pediu para eu sequestrar aquele f edelho!

-- Aquele garoto que está lá dentro é... Filho do meu marido com a minha irmã gêmea!

Lauro mostrou espanto e surpresa.

-- O que você disse?

-- O que você ouviu: aquele garoto que está lá dentro é f ilho do meu marido com minha irmã gêmea.

Naquele momento ouviram um barulho vindo da porta. A porta da f rente estava para ser aberta, e Lauro olhou assustado para Amanda, e ela para ele.

Do outro lado da porta a esposa de Lauro inseria a chave na f echadura.

Lauro começou a suar f riosem saber o que f azer Roberta estava voltando antes da hora.

-- Meu Deus, e agora o que eu vou f azer?—Falouele num f io de voz olhando para Amanda. – É Roberta.

-- Você não disse que ela ia voltar daqui a três dias?—Perguntou Amanda.

-- Com certeza ela mudou de ideia! Vá para a cozinha... Depressa! Vou dar um jeito de tirá-la daqui.

Amanda estava de salto alto, e na pressa de correr, ela virou o pé e quebrou o salto e acabou caindo metendo o traseiro no chão. Lauro não sabia se olhava para a porta que abriria a qualquer momento, ou para Amanda que tinha esparramado no piso de sua sala. Ele correu para ajudá-la a se levantar. A porta f oi aberta. Roberta agachou para apanhar a mala, e não viu quando Amanda f icou de pé e entrou na cozinha.

-- Lauro, meu querido, me ajude com a mala. —Pediu ela.

Roberta era uma mulher alta, loira e bonita.

-- Não, minha querida.

-- Como não, Lauro?—Perguntou ela levantando a sobrancelha.

-- Pensei que você f osse chegar só daqui a três dias, Roberta, e daqui a pouco estarão chegando os rapazes para dedetizar o apartamento.

-- Dedetizar nosso apartamento? Por quê?

-- Barata, meu amor. Apareceu cada barata aqui. Teremos que f icar alguns dias na casa de sua mãe!

Serena estava em seu quarto conversando com Carla.

-- É um absurdo, Serena, essa sua irmã passou dos limites! Ela querer que você abra mão de um filho, para que ela não faça mal a outro, a Alexandre! -- Carla estava escandalizada.

-- E o pior, Carla, eu tenho medo. Ela já mostrou do que é capaz, ela está com Alexandre. Ela está com o meu filho.—Disse Serena com lagrimas nos olhos.

-- Ela quer que você façase passar por ela só para você ter um filhocom Conrado e entregar a ela, para depois, ela pousar de boa para o velho Medeiros como se tivesse sido ela a ter a criança, para ficar com metade da fortuna do velho! Além de ordinária é esperta.

-- Eu definitivamentenão sei o que fazer —Disse Serena agoniada.

-- Você sabe que se fizerisso, vai ser um risco para você não sabe? Você ama aquele homem, vai estar na mesma casa que ele, no mesmo quarto, na mesa cama. Vocês vão transar, amiga! E Marcelo como vai ficarnisso tudo? Não, não me responda que eu já sei. Ele vai ficartransando com a cobra, dormindo com a cobra que é Amanda, pensando que é você. Eu não queria estar na sua pele, amiga, realmente eu não queria estar na sua pele.



Amanda voltou para a mansão com o traseiro doendo. Passou pelos empregados indo até a biblioteca para apanhar um livro. Mas antes de abrir a porta, ela ouviu vozes agitadas, vindo do lado de dentro. Era o velho Amadeu que falava com alguém no telefone.

-- Eu já lhe disse para não ligar mais para cá. Você é um bastardo, um bastardo! Um filho bastardo que eu tive a infelicidade de ter. Já lhe dei dinheiro suficiente para você se aprumar na vida. Eu nunca vou reconhecê-lo como filho, nunca! A não ser é claro que você me dê um neto... Se fizer isso eu reconheço você como filho e lhe dou o meu sobrenome, e metade da minha fortuna. Mas não tente me enganar me apresentando qualquer criança dizendo ser meu neto, se você tiver um filho homem, vou exigir exame de DNA. — O velho Amadeu bateu o fone no gancho, fazendo Amanda estremecer.

“ Ele tem um filho bastardo. Mas quem pode ser

Capítulo 14

AMANDA NÃO ACEITAVA A IDEIA de que o velho Amadeu tinha outro f ilho.Um f ilhobastardo f orado casamento, mais um para entrar na corrida ao bebê. Mais um para concorrer à metade da f ortuna do velho Amadeu.

Simone começou a descer as escadas, e apressadamente Amanda se af astou da porta da biblioteca. Amanda passou por ela sem dizer uma palavra.

Conrado veio da cozinha naquele exato momento, e Simone jogou os cabelos para trás num gesto sensual.

-- Que bom que você já voltou Conrado. A próxima viagem que você f izer quero que me leve com você. —Disse ela chegando bem perto dele.

-- Eu levar você comigo? Para quê?

-- Quero f icar a par dos negócios da f amí lia.—Disse ela tocando no braço dele.

-- E desde quando, Simone, você se interessa pelos negócios da f amí lia?

-- De repente me deu vontade. Me, deu, vontade de saber como é... —Ela passou delicadamente as unhas no braço dele, num gesto bem sexy. —Ser possuí da por um homem tão gostoso como você.

-- Pelo amor de Deus, Simone, eu sou irmão do seu marido! Vê se cria juí zo nessa sua cabeça!



Serena passou a noite toda rolando na cama, pensando em Alexandre. Trocar de lugar com Amanda e ter um f ilho com Conrado para entregar a ela! Amanda estava f icandolouca, ela não estava em seu juí zoperf eito.Ter um f ilhoe entregar a ela, deixando todos pensarem que tivesse sido ela a gerar o bebê.

E ela era bem capaz de f azer alguma coisa contra Alexandre se Serena não f izesse o que ela queria.

Serena saiu da cama, enquanto que Marcelo ficou dormindo. Mas antes que ela chegasse ao banheiro, ele a abraçou por trás... Ela pode sentir o membro dele espetar as suas nádegas, uma f orma de mostrar a ela o tamanho do seu desejo.

-- Querida, eu sei que parece mesquinho da minha parte, Alexandre desaparecido, mas... Por f avor, vamos f azeramor... Eu já não aguento mais!

-- Marcelo tente entender, eu não estou com cabeça para isso!

-- Desejo tomá-la nos meus braços, e f azê-la minha! Mas tudo bem, me desculpe, eu vou... Eu vou saber esperar. Perdoe-me.

Serena entrou no banheiro para o seu banho matinal.

Já estava escurecendo quando Serena recebeu o telef onemade Amanda. Carla estava com Serena e Marcelo tomava banho.

-- Amanda quer encontrar comigo. —Disse Serena, bem baixinho.

-- E o que você decidiu?

-- Vou dizer que aceito f azer o que ela quer. Ela me devolve o meu f ilho e eu f ujo com ele.

-- Mas e Marcelo? Por que não o coloca a par de tudo?

-- Não! Eu não devo envolver Marcelo nisso. Acho... Acho que f oium erro ter me casado com ele, Carla, f oium erro! Eu não o mereço! A minha vida é muito complicada, ele vai encontrar uma mulher que o ame realmente.

-- Serena você acabou de casar! O cara não vai suportar a ideia de vocês já se separarem!

-- Eu não devia ter casado Carla, eu não devia ter casado!

Serena inventou uma desculpa para Marcelo, dizendo que ia com Carla até a casa dela.

Já estava escuro e uma meia lua brilhava no céu.

-- O que você decidiu? Se, ama realmente o seu f ilho, vai f azero que eu quero!—Estavam em uma praça, naquela hora havia poucas pessoas ali.

-- Tudo bem, Amanda, pelo meu f ilhoeu f açotudo, mesmo que isso signif ique abrir mão de um f ilho para salvar o outro. Devolve-me Alexandre e daqui a três dias eu vou para a mansão dos Medeiros ocupar o seu lugar.

-- Se me enganar sabe que eu sou capaz de acabar com Alexandre e o seu marido, você sabe. —Ameaçou Amanda f riamente.

-- Eu já disse que vou f azer o que você quer, não se preocupe. — Mentiu Serena.

-- Amanhã de manhã o seu f ilho estará na porta da sua casa, e nem me tente enganar. --Amanda lançou um olhar f riopara

Serena. -- Vamos dizer que eu f iquerealmente grávida, e se eu tiver uma menina ao invés de um menino, como f ica?

-- Tem de ser um menino, entendeu? Tem de ser um menino!

-- Isso é Deus quem decidi não você. —Disse Serena af astando-se da irmã e indo embora.

Amanda continuou onde estava, mas sobressaltou-se quando ouviu a voz de Lauro atrás dela.

-- Então é verdade! A história da irmã Gêmea é realmente verdade!

-- Você me assustou! Seguiu-me até aqui?

-- Sim. Quero que me conte tudo o que tem em mente, não me esconda nada. Você me disse que o tal garoto é f ilho de sua irmã gêmea com o seu marido... E parece que ninguém da f amí lia sabe da existência do garoto.

-- Não, ninguém sabe da existência de Alexandre.

-- Você quer muito colocar as mãos na metade da f ortuna do seu sogro, só que para isso você precisar dar um neto a ele... Como se você é estéril?

-- Eu não posso, mas Serena pode. Somos idênticas...

Amanda começou a contar a ele sobre o plano, depois de ouvi-la ele f alou:

-- O seu plano pode dar certo se eu não contar a f amí lia Medeiros que você é estéril. Você me prometeu noites de amor e nada. Sequestrei o garoto para você, estou arriscando a minha vida prof issional, o meu casamento... Decidi que para f icar de boca f echadaeu não quero só o seu corpo, eu quero grana também! Eu quero um pouquinho da grana do velho Amadeu!

Dizendo isso, Lauro a puxou, agarrando-a, beijando-a de f orma rude e violenta.

Capítulo 15

AMANDA TENTOU SE LIVRAR da boca dele, que devorava a sua, mordendo seus lábios, f azendo-asentir o gosto de sangue.

Quando ele parou de beijá-la, ela o empurrou.

-- Você machucou meus lábios, seu selvagem, louco!— Disse ela passando as costas da mão pela boca.

-- Eu desejava mesmo era morder outra parte do seu corpo. — Disse ele f ramente, mas com um olhar cheio de desejo. —você é tão linda. E pensar que existem duas de você!

-- Por dentro somos totalmente dif erentes, meu caro. Ela tem tendência para anjo e eu para diabo.

-- Vamos dizer que a sua irmã f iquerealmente grávida. Mas e se ao invés de um menino, ela tiver uma menina?

-- Isso não vai acontecer, não pode acontecer!

-- Não é impossí velde acontecer. E se um dos outros f ilhos derem esse tão sonhado neto ao velho?

Com os olhos bem f ixos nele, ela disse:

-- Meu querido, se alguma delas f icaremgrávidas, Simone, Aline, ou Lana... Eu sou capaz de f azê-las perder o bebê... Um aborto com a minha ajuda, sem levantar suspeita... Isso acontece...

-- Você é realmente pior do que eu pensava. Seu eu f osse ajuizado eu me af astariade você, mas eu desejo tanto você, quero tanto possuí -la, mergulhar-me dentro de você...

-- Mas você não é ajuizado. Mas eu posso te garantir que nenhum homem é tão bom amante como Conrado. Conrado sabe como penetrar em uma mulher, ele sabe como se mover... Sou louca por ele!

-- Você vai f icarlouca por mim também, pode ter certeza! E vai ser agora, vamos para o meu apartamento, chegou a hora de você cumprir com a sua promessa.

Assim que Lauro f echou a porta do apartamento ele abraçou Amanda, deslizando as mãos pelas suas nádegas, apertando, beliscando! Ele a empurrou contra a parede não parando de beija-la esf regandoo seu corpo contra o dela, f azendo-a sentir a dureza do seu pênis que pulsava sob a calça.

-- Você me deixa louco, Amanda, louco. – Ele começou a tirar a roupa dela de f ormaapresada e urgente. Ao vê-la nua diante dele, ele deu um rouco gemido, e enf iou um dedo em sua vagina, f azendo-adar um gemido de dor, pois f oibrusco. Ele enf iavao dedo e tirava, enf iava o dedo e tirava, enquanto a empurrava para cima do tapete, f azendo-a sentir a dureza do chão.

Depois ele se despiu, revelando um corpo f orte e sólido e um pênis assustador que se f osseusado de f ormaselvagem, f ariaa mulher sentir dor.

O médico não era nada gentil, ele f oi para o meio das pernas dela como um animal, enterrando seu membro dentro dela, de uma f ormarude e selvagem. Enquanto ele saia e entrava dentro dela, ele começou a morder os seus seios, tornando aquele ato uma tortura para Amanda. Ele estocava dentro dela com f orça animal, com f orça cruel, arrancando lagrimas dos olhos de Amanda. Quando ele começou a ejacular dentro dela, ele deu um grito, e a

segurou pelos cabelos, batendo a cabeça dela contra o chão, e só parando quando ele deixou dentro dela a sua ultima gota de sêmen. Foi então que ela decidiu que o mataria!

Ele acabou virando para um lado ali mesmo no chão, enquanto ela sentia as piores dores de cabeça, e o cheiro daquele animal em seu corpo. Amanda olhava para ele com uma f úria imensa...

-- Vamos, para o quarto, eu ainda não estou satisf eito.—Ele a puxou pelo braço, e quando chegou ao quarto, ele a empurrou para cima da cama, e f oi mais animal ainda.

Então ele adormeceu.

Os olhos de Amanda começaram a brilhar perigosamente. Se ela o matasse o seu segredo estaria bem guardado! E ela não precisaria dar nenhum dinheiro a ele. Amanda levantou-se cuidadosamente, enrolando-se em um lençol, saindo descalça.

Na cozinha ela abriu a gaveta do armário, e seus dedos tocaram uma f aca! Uma f aca pontuda e af iada. Seria melhor livrar-se dele antes que ele desse trabalho.

Ela voltou para o quarto! Aproximou-se da cama! Ergueu a f aca pronta para dar o primeiro golpe!

A campainha começou a tocar com existência acordando Lauro. Ele acordou já com a f aca descendo sobre ele. Mas ele f oi ágil, ele se virou e f aca cravou no colchão! Ela puxou a f aca, disposta a atacá-lo novamente, mas ele a dominou segurando-a pelo pulso.

-- Sua cadela! Sua vaca ordinária!—Ele f oi apertando o pulso dela, até ela gritar de dor e soltar a f aca!

Lauro parecia uma f era, seus olhos brilhavam com uma f úriaassassina, com sede de matar! Amanda não era boba para não notar, ela sabia que poderia não sair dali com vida. Tinha se envolvido com um homem perigosamente cruel. Ele a mataria e jogaria o seu corpo em qualquer lugar, e com certeza ninguém acharia. E se achassem, só estariam os seus ossos.

Ela não ia implorar pela vida, ela nunca f ariaisso. Ela não daria esse gostinho a ele!

A campainha não parava de tocar, seu som estava estridente.

-- Eu sabia que não podia conf iar em você, eu sabia!— Grunhiu ele.

Lauro soltou o pulso dela, mas as suas mãos f echaram-se em torno do pescoço de Amanda, começando a enf orcá-la!

A campainha continuava tocando, tocando...

Era o f im para Amanda...

Estava acabado...

E as mãos dele começaram a apertar, a apertar o pescoço dela.

Amanda começou a sentir a f alta de ar O som estridente da campainha já começava a f icar distante, pois ela já mergulhava na escuridão da morte. Era o f im para Amanda, ela sabia que estava morrendo.

Então Lauro af rouxou as suas mãos em torno do pescoço dela, jogando-a sobre a cama. Ela começou a tossir a procurar pelo ar, a procurar pela vida.

Mas quem estaria do outro lado da porta tocando com insistência a campainha?

Lauro enrolou uma toalha na cintura e foi ver de quem se tratava. Era o porteiro do prédio.

-- Vai, Osvaldo, diga, onde é o incêndio! Você quase arrebentou a campainha.

Segundo o porteiro a esposa de Lauro tinha aparecido, e ele sabendo que o médico estava com uma mulher no apartamento, mentiu a Roberta, dizendo que Lauro não havia aparecido, e que ela não poderia subir por causa da dedetização.

Com um sorriso Lauro foi ao quarto e voltou logo depois com uma nota de cinquenta reais entregando ao porteiro, que sorriu de orelha a orelha.

Lauro voltou para o quarto e Amanda já estava se recuperando.

-- Você quase me matou. Você é louco!

-- E você o que fez? Quase fez o meu corpo de peneira! Ordinária!

-- Você foi bruto comigo, deixou marcas por todo o meu corpo. E se o meu marido vir essas marcas o que vou dizer a ele?

Lauro apenas sorriu, segurando no queixo dela e apertando. Depois ele enfiou a língua por entre seus lábios, cobrindo-a com o seu corpo.

Capítulo 16

ALEXANDRE FOI EMPURRADO para f ora do carro do Doutor Lauro, pouco antes do dia clarear. Serena que quase não havia dormido escutou o derrapar de pneus e correu para ver... Ela abraçou o f ilho envolvendo-o nos braços, chorando, beijando-o. Serena disse ao f ilho que eles precisavam deixar a cidade, Alexandre f ez algumas perguntas, e enquanto Marcelo dormia, Serena e Alexandre f oram para a casa de Carla levando algumas malas.

Na casa de Carla ela chamou um táxi, e despediu da amiga com muitas lagrimas.

-- Boa viagem para vocês. Não deixe de dar notí cias, Serena. — Carla abraçou Alexandre. — Quanto a sua loja, Serena, não se preocupe, pois eu vou cuidar muito bem dela.

O táxi se f oi levando Serena e Alexandre.

Na rodoviária, Serena f oi até o guichê e comprou duas passagens para Foz do Iguaçu.

Um homem observava, ela e Alexandre. O sujeito estava sentado entre as outras pessoas que iriam embarcar. Ele f ingia que lia um jornal para esconder o rosto. Mas adiante a mulher também f azia a mesma coisa que o homem.

Serena e Alexandre estavam sendo vigiados! O homem viu quando Alexandre entrou no banheiro masculino e Serena f icou na porta esperando. A mulher f ez sinal para o homem, tirando o jornal da f rente do rosto, revelando o mesmo rosto de Serena: AMANDA!

A mulher era Amanda e o homem era doutor Lauro. O médico f oi em direção a Serena com as mãos no bolso do casaco.

-- Queira me acompanhar para f orada rodoviária, e se f izer qualquer coisa eu atiro em suas costas. —Disse Lauro encostando o revolver nas costas de Serena, que f icou gelada e assustada!

Lauro empurrou Serena para dentro do carro.

-- O meu filho está no banheiro da rodoviária. —Disse Serena af lita tentando f ugir do carro, mas Lauro a empurrou bruscamente. -- A partir de agora você será Amanda, e Amanda será você. Quando o seu f ilho sair do banheiro, Amanda vai esperar por ele como se f osse você. E ela novamente manda lhe dizer que se você tentar alguma coisa se abrir a boca, ela acaba com o garoto e com o seu marido.



Quando Alexandre saiu do banheiro, Amanda estava esperando por ele.

-- Decidi que não vamos mais viajar, meu querido. —Disse ela. Vamos continuar em São Paulo.

-- Você trocou de roupa, mamãe? Sim porque antes deu entrar no banheiro, você usava outra roupa...

Amanda deu um sorriso sem graça.

-- Troquei no banheiro, pois aquela estava muito quente.



Lauro parou o carro em f rente à mansão dos Medeiros e mandou que Serena descesse.

-- A partir de hoje essa casa será sua nova morada. — Disse ele de dentro do carro f azendoum gesto com a mão. —Entre pelos f undos, suba direto para o quarto de Amanda e troque de roupa.

-- Vá para o inf erno!—Grunhiu Serena, sentindo um ódio prof undo.

Enquanto Serena entrava pelos f undos, Amadeu saia do quarto. Já no meio da escada, ele começou a sentir uma dor prof unda no peito. Era uma dor dilacerante, horrí vel!

Com uma mão no peito e a outra no corrimão, Amadeu terminou de descer as escadas e caiu no chão. Nesse momento Serena entrou na sala a tempo de vê-lo ter o enf arto!

Ela correu até ele, enquanto gritava por socorro!

Todos os empregados apareceram, e um deles pegou o telef one, enquanto Serena prestava os primeiros socorros a Amadeu!

Capítulo 17

SERENA ESTAVA NA SALA de espera, esperando ansiosamente noticias do velho Amadeu, quando Conrado chegou. Com ar apavorado, o desespero brilhando em seu rosto, ele f oiaté ela.

O coração de Serena disparou! Toda a ternura, todo o amor que ela sentia por ele veio como uma avalanche sobre ela.

-- O que aconteceu com o meu velho, Amanda?

-- Parece, parece que f oienf arto.—Disse ela tremendo de emoção.

Conrado se af astou para saber notí cias do pai, mas não obteve sucesso e o seu nervosismo só aumentou.



Amanda chegou com Alexandre na casa de Serena. Quando Marcelo viu o garoto, ele deu um abraço apertado nele, sorrindo cheio de alegria e emoção. Ele já tinha dado f alta das roupas de Serena no armário, e ele perguntou meia hora depois se ela ia f ugir -- Sim, eu ia f ugir Fiquei com medo que... Essa pessoa que levou Alexandre pudesse tentar algo novamente...

-- E por que não se abriu comigo sobre isso? Eu iria com vocês, poderí amos f icaralgum tempo f ora...– Ele a abraçou. —Eu te amo tanto, Serena!—Ele tinha lagrimas nos olhos. —Eu queria que você me amasse só um pouquinho...

Então... Não resistindo, ele a beijou, deslizando delicadamente suas mãos pelas coxas de Amanda, mas ela o af astou,mas antes de soltá-la, ele viu as manchas no pescoço dela.

-- Serena... O que é isso em seu pescoço?

-- Do que está f alando?—Amanda f oi até o espelho tentando disf arçar o nervosismo.

-- Essa mancha em seu pescoço, Serena. —Ele se postou junto dela diante do espelho. —Quem f ez isso com você?

Saindo da f rente do espelho, com um ar de coitada, ela perguntou:

-- Você não se lembra?

-- Me lembro do quê?— Perguntou ele sem entender nada.

-- Na noite passada, você teve um pesadelo. Você parecia desesperado! E quando eu tentei acordá-lo, você agarrou no meu pescoço e começou a me enf orcar Por isso, Marcelo... Quero que me dê um tempo, acho melhor você dormir no quarto de hospedes!

-- Nunca vai me amar, não é?—Perguntou ele com tristeza no olhar.

-- Nunca é uma palavra muito dura para dizer. Quem sabe um dia, eu o ame realmente.

-- Ok. Vou ter paciência. Desculpe-me por ter tentado de enf orcar.. É estranho, pois eu não sou de ter esses pesadelos.

-- Tudo bem, Marcelo, você estava sonhando, não sabia o que estava f azendo.

Conrado conseguiu ter notí ciasdo pai. Doutor Samuel o médico de Amadeu, disse que tudo estava bem.

-- Ele está bem, Conrado, mas se não f osse os primeiros socorros que a sua esposa prestou a ele, Amadeu teria morrido.

Conrado olhou para ela surpreso, e Serena sem graça desvio o olhar.



Amadeu sorriu, quando Conrado entrou no quarto.

-- Como está, papai?

-- Eu estou ótimo, meu f ilho, e estarei melhor quando eu tiver um f ilho seu em meus braços.

-- Papai, essa história de neto novamente!

-- Ter que ser você! Tem que ser você a me dar esse neto. Dê-me esse neto, Conrado, por f avor Esse neto tem que ser f ilho seu! De todos os meus f ilhos você é o único de bom coração.

Dê-me esse neto antes deu morrer, e entenda-se com sua esposa. É graças a Deus e a ela que estou vivo!



Serena não cometeu nenhuma gaf e com a f amí lia Medeiros. Ela já sabia quem era quem, portanto não houve nenhum deslize.

Na mesa do jantar, Serena percebeu os olhares ardentes que Simone lançava para Conrado. A cunhada estava interessada no irmão do seu marido, não se dando nem ao trabalho de disf arçar

Serena não esperou pela sobremesa e subiu para o quarto. Como seria aquela noite? Como seria tê-lo de novo perto do seu corpo, sentir seu cheiro, sua masculinidade, sua f orça?

Mas ele não subiu para o quarto, foi passar a noite com o pai no hospital. E pela manhã, ele só passou lá para tomar banho e apanhar algumas roupas, pois estava indo a negócios para Ribeirão Preto.

Mas antes de deixar o quarto ele disse:

-- Obrigado por ter ajudado o meu pai.

-- Não foi nada. Eu fico feliz que ele esteja bem.

-- Você me parece tão diferente tão mais calma... Nem parece que é você.

O coração dela disparou, obrigando-a a dar as costas para ele.

Ele estendeu a mão para tocar o seu ombro, mas no ultimo momento mudou de ideia. Ele pegou a mala e saiu fechando a porta.



Faltavam cinco minutos para as quatro da tarde, quando Amanda chegou ao consultório do doutor Lauro. Vilma, a secretária dele, recebeu Amanda com um sorriso frio e foi logo dizendo que ele não estava, que tinha ido mais cedo para a casa.

-- Ele ficou sabendo hoje que a esposa está grávida.

-- Eu precisava muito falar com ele.

-- Falar com ele, ou ir para a cama com ele?—Perguntou a secretaria com um tom acusador.

O coração de Amanda disparou.

-- O que você disse?

-- Foi só você aparecer e ele parou de me procurar.

-- Escuta aqui: Quem você pensa que é para f alar desse jeito comigo?

-- Seu sogro quer muito um neto, não é?

Vilma abriu a gaveta de sua mesa tirando alguns papeis, exibindo-os diante de Amanda.

-- É impossível a senhora dar um neto ao seu sogro! Esses exames dizem que é estéril!

Amanda f icou totalmente pálida!

-- E parece que a senhora não quer que o seu marido saiba, alias ninguém da f amí lia.

Furiosamente Amanda levantou o braço para esbof eteara secretaria.

-- Sua... Sua cadela!

Mas a secretaria segurou-a pelo pulso!

-- Não f aça isso! Ou esses exames vão parar na mansão dos Medeiros. —Disse Vilma com um f rio sorriso. —E nem pense em f alar com o doutor Lauro sobre a nossa conversa. Você me roubou o doutor, por sua culpa ele me deixou, então eu acho que mereço uma recompensa para f icar de bico f echado, não concorda?

-- Chantagem?

-- Vai ter que me dar uma boa quantia em dinheiro para eu f icar de boca f echada.

-- Tudo bem. —Amanda se af astou, mas com os olhos bem f ixos nela. —Quanto você quer para não abrir essa sua maldita boca? Vilma andou em volta de Amanda por algum tempo, sempre com um sorriso sarcástico no rosto.

Ela f alou a quantia!

-- Mas é muito dinheiro!—Disse Amanda fuzilando-a com um olhar.

-- Eu posso mandar a pasta para a mansão dos Medeiros.

-- Tudo bem, eu pago. Mas se voltar a me chantagear eu mato você, entendeu? Se voltar a me pedir dinheiro, eu não pensarei duas vezes em acabar com a sua vida!

"Chantagem nunca tem fim, meu seu idiota! Por isso eu não vou me cederá sua chantagem, sua vadia. Seus dias estão contados!

Capítulo 18

UM VENTO AGRADÁVEL ENTRAVA pela janela, acariciando o corpo de Serena estendido sobre a cama. Ela usava uma camisola de Amanda, e seus seios, todo o seu corpo estava visí velsob ela. Já passava da meia noite e Conrado ainda não havia chegado de Ribeirão Preto.

Serena acabou pegando no sono, pensando em Conrado e em Alexandre.

Conrado entrou silenciosamente no quarto, deixando a mala perto do armário. Foi até o abajur e acendeu-o, derramando uma luz agradável pelo quarto. Depois ele começou a se despir, sem tirar os olhos de Serena, que dormia tranquilamente, tendo sonhos agradáveis com ele.

Nu ele f oi para o banheiro, tomando uma ducha revigoraste, enxugando-se em uma toalha, na qual ele deixou no cabide do banheiro e f oi nu para a cama. Ele deitou-se, evitando o máximo para não encostar, em Serena, mas ela dormindo se virou encostando seu corpo no dele, deixando Conrado com, a, respiração, suspensa, e excitado. Conrado tentou se af astar dela, mas era impossí vel deixar o calor daquele corpo. Um desejo avassalador tomou conta de ambos, era como se aquele momento no elevador voltasse... Ela acordou com a boca dele sobre a sua, devorando-a! A lí ngua dele enroscou-se na sua num elo perf eito. Serena desejou af astá-lo antes que f osse tarde demais, mas ela nãc

conseguia! Ela não conseguia controlar aquele desejo louco, ardente!

Ela se chegou mais a ele, e começou a acariciar suas costas, enquanto que suas línguas continuavam enroscadas numa dança frenética e ardente!

Ela pode sentir naquele momento, toda a força do pênis dele contra o seu corpo. O membro duro, guerreiro pulsava contra a coxa dela, pedindo para ser guardado.

-- Conrado... Conrado... Como é bom poder ter seu corpo contra o meu...

-- Desejo como este só senti por você uma vez, e foi quando nos vimos pela primeira vez, quando nos amamos naquele elevador. Ele puxou a camisola do corpo dela, rasgando-a, jogando-a para o outro lado do quarto, deixando-a nua em seus braços. Ele sugou cada um dos mamilos dela, apertando levemente os seios, deixando-a úmida e ardendo por ele. Ele tocou a sua vagina, sentido nos dedos a umidade que ele havia provocado.

Serena gemeu desesperadamente, pedindo para ser penetrada.

-- Eu te amo, eu te amo... Penetre-me, meu amor!

-- Eu tinha decidido não fazer mais amor com você. Mas nesse momento eu não consigo me afastar, e como se você não fosse você é como se você voltasse pra mim depois de muitos anos.

Conrado voltou a beijá-la no momento, em que o seu membro forte e vigoroso encontrou a abertura úmida e quente! Conrado tinha sido o primeiro e único homem a fazer amor com ela, e agora depois de muitos anos, ele voltava para dentro dela novamente. Serena fechou os olhos para viver aquele momento.

Ela sentia o membro dele deslizar delicadamente para dentro de si. Ela o recebeu com prazer e umidade. Os lábios vaginais dela se f echaram em torno dele, no momento em que ele começou os movimentos! Eram movimentos calmos e f ortes ao mesmo tempo.

Conrado sentia alegria naquele momento, sentia prazer e uma sensação maravilhosa por estar dentro dela, movendo-se, empurrando, voltando e entrando em seguida. Quando ele não aguentou mais, ele deixou que o seu sêmen a inundasse, e ela recebeu aquelas gotas que há muitos anos a f ecundou trazendo uma vida para o mundo: Alexandre!



Amanda marcou o encontro com a secretaria do Doutor Lauro, em um galpão abandonado. Nuvens escuras começaram a se f ormar no céu, anunciando uma tempestade. Ela desceu do carro, caminhando bem devagar, sobre o seu salto alto, tomando o cuidado para não cair no meio de algumas pedras.

Vilma já estava lá com um sorriso nos lábios, e mascando chiclete.

-- Trouxe a quantia que eu lhe pedi?

-- Claro. —Respondeu Amanda abrindo a bolsa. Mas o que saiu da bolsa, não f oi dinheiro, e sim um revólver que deixou Vilma assustada.

-- O que é isso? Para que essa coisa?

-- Não sabe para quê serve um revólver, Vilma? Revólver serve para matar! Matar cadelas como você! Você f oi tão valente comigo no consultório do Lauro!—Amanda deu uma risadinha. -- Por

que agora está com medo? Por que não mostra a sua coragem, Vilma?

-- Você não pode f azer isso?

-- Eu posso sim, Vilma, e é o que eu vou f azer!

Vilma virou-se para correr! Amanda disparou a arma, uma...

Duas! As balas pegaram nas costas dela!

Ela caiu de rosto no chão!

A tempestade desabou com f orça pouco depois de Amanda deixar o local.

Capítulo 19

Um mês depois...

Marcelo já não aguentava mais de estar casado com Serena, e não poder tocá-la. O rapaz estava cheio de desejo por Amanda, que ele pensava ser Serena.

-- Até quando você vai fugir de mim, Serena, até quando? Ate parece que eu tenho uma doença contagiosa! Mais de um mês casados, e até agora eu não consegui nem acariciá-la! Sempre que eu toco você, você se afasta de mim! Nem dormimos no mesmo quarto! Você está totalmente estranha, até o seu filho já percebeu isso!

Marcelo era um homem bonito, atraente, Amanda sabia disso. Não seria difícil entregar-se a ele, receber seus beijos, sua carícias, mas ela não queria se envolver fisicamente com ele! Ela não queria trair Conrado! Com Lauro era diferente, ela era obrigado a se entregar aquele canalha, fazer tudo que ele queria, pois ele era um louco! Marcelo era um homem doce, ele nunca a obrigaria a fazer amor com ele.

-- Você já não é mais uma virgem, Serena, você já tem um filho! Tudo bem que você não me ama. Isso até eu já sei, mas agora se recusar a fazer amor comigo, isso já é demais!

-- Eu... Eu não sei o que dizer, só penso que tenha um pouco de paciência...

-- Estou voltando para a fazenda. Se você quiser ficar aqui com Alexandre, tudo bem. Faça o que achar melhor.

Antes de ir para a f azenda, Marcelo f oi até a casa de Carla. A moça o recebeu meio sem jeito, pois ultimamente, ela andava sentindo coisas estranhas, quando se encontrava com ele. Carla estava apaixonada pelo marido se amiga, mas rejeitava aquela paixão. Agora, ali naquele momento o coração de Carla estava disparado. Ele conf essandopara ela que achava que tinha sido um erro ter se casado com Serena, pois ela nunca ia amá-lo.

-- É claro que um dia ela vai amá-lo, você precisa ter paciência, Marcelo.

-- Acho que ela nunca esqueceu o pai de Alexandre. Você sabe quem é ele, Carla?

-- Não. —Mentiu ela.

Olhando para ele, Carla desejou abraçá-lo, tocá-lo e beijá-lo. Mas conteve-se, pois aquele homem era proibido, ele era o marido de sua melhor amiga, mesmo Serena não o amando e não estando com ele.



Serena não tinha a menor dúvida de que estava grávida. Estava novamente grávida de Conrado. Ele a procurava todas as noites, f aziam amor ardentemente, mas depois ele sempre a deixava e ia dormir num colchão no chão.

Naquela noite, depois de f azeramor com Serena, ele saiu do quarto, usando apenas um roupão. Ele estava passando pelo corredor, quando Simone surgiu, bloqueando a sua passagem.

-- O que você quer Simone?

-- Você. —Ela o abraçou, pois queria beijá-lo, enquanto ele tentava af astá-la. Mas Simone não desistia f acilmente. Ela enf ioua

mão sob o roupão dele, f echando a mão em torno do pênis que havia endurecido com o contato. —Vê... Você me quer! Ficou excitado quando eu o toquei!

-- Você não presta Simone, não vale nada!—Disse ele empurrando-a bruscamente, f azendo-a bater o corpo contra a parede.

-- Filho da puta, cretino! Você é um imbecil, Conrado, um imbecil!



Lana já tinha adormecido quando o celular de Felipe tocou.

-- Você? O que você quer?

--...

--Quanto a Lana não se preocupe, ela não vai f icargrávida, agora quanto às outras... Eu dou a Lana todas às noites o anticoncepcional em um suco especial, ela nem percebe. —Felipe tinha entrado no banheiro e f echado à porta. -- É você que vai dar esse neto a ele, eu tenho certeza! O f ilhobastardo que o velho tanto rejeita vai ser o pai do neto que ele tanto quer. —Disse Felipe com um meio sorriso.



Serena acordou com os raios do sol banhando o quarto. Conrado não estava ao seu lado na cama. Com certeza ele já havia ido para a empresa. Ela entrou no banheiro para um banho, e quando olhou para o espelho, teve que levar a mão à boca! Escrito a batom, estava:

"Bingo, você conseguiu, está grávida de Cobrada ainda não sabe, não é? Só eu e você que sabemos."

Serena ficou gelada, ela começou a tremer

"Essa criança não pode nascer, as gêmeas devem morrer"

Serena saiu do banheiro completamente apavorada. Quem teria feito àquela brincadeira de mau gosto? E quem daquela casa sabia sobre ela e Amanda, sobre as gêmeas? E como essa pessoa sabia sobre a gravidez? Com certeza essa pessoa sabia que ela não era Amanda. Mas se essa pessoa sabia que ela não era Amanda, então por que não havia contado tudo ao velho Amadeu?



Doutor Lauro e sua esposa Roberta, tomavam o café da manhã.

-- Estou preocupado com Vilma, ela sumiu. Ela simplesmente desapareceu! E o pior é que eu não conheço nenhum parente dela.

-- Lauro... Tenho que te contar uma coisa: Vilma deixou uma pasta comigo, me pediu que se alguma coisa acontecesse a ela, que era para enviá-la para Amadeu Medeiros.

-- Pasta, que pasta?—Perguntou Lauro largando a xícara de leite.

-- Eu não sei o que tem na pasta. Eu a deixei no cofre, sem dar muita importância aquilo. Mas agora com o desaparecimento dela... Lauro correu para o quarto onde ficava o cofre. Abriu-o, tirando uma pasta azul do meio de alguns papeis. A pasta estava endereçada a Amadeu Medeiros. Ela continha os exames de Amanda. Os exames que comprovavam que ela era estéril!

-- Meu Deus será que Amanda tem alguma coisa a ver com o desaparecimento de Vilma?

Capítulo 20

-- Você está totalmente estranha, nem parece que é a minha mãe! Até Marcelo se cansou de você voltou para a f azenda! —Desabaf ou Alexandre sobre Amanda, achando ser sua mãe.

-- Alexandre, pelo amor de Deus, desça do carro, eu não tenho todo tempo do mundo.

Estava em f rente à escola dele.

-- Você sempre se recusou a dizer quem é o meu pai, sempre f oge quando eu pergunto sobre ele...

-- Já chega Alexandre, pare com essa conversa.

-- Você se tornou uma pessoa chata, insuportável!—Gritou Alexandre saindo do carro.



Amanda entrou na casa de Serena e jogou a bolsa sobre o sof á. Encostou-se às almof adas, deixando seus pensamentos irem até Conrado. Ela sabia que era arriscado demais Conrado e Serena estarem no mesmo quarto, na mesma cama. Mas ela também sabia que Serena não ia f azer nada de errado, ela não ia arriscar a vida do f ilho!

Naquele momento o telef one tocou. Amanda atendeu.

-- Pronto.

-- *AS GÊMEAS DEVEM MORRER* —Disse alguém usando um misturador de voz. E em seguida a pessoa deu uma risada! Uma risada estranha, sinistra!

Amanda não f icouassustada com aquele telef onema.Com certeza tinha sido Lauro.

Pouco depois Amanda recebeu o telef one de Serena. Serena contou a ela sobre a estranha mensagem no espelho. Amanda f icou em silêncio.

-- Amanda, você está me ouvindo?—Perguntou Serena do outro lado da linha.

-- Antes de você me ligar, alguém ligou para cá, usando um misturador de voz dizendo que as gêmeas deviam morrer!

-- Tem ideia de quem pode estar f azendo isso?

-- Eu... Eu pensei em Lauro... Mas eu não sei. Eu não tenho certeza...

-- Realmente aquele médico não é conf iável! Realmente vocês se merecem. Se f orrealmente ele, pede a ele para me deixar em paz.



Lauro colocou a pasta com os exames de Amanda novamente no cof re, sob o olhar de Roberta.

-- O que tem de tão importante nessa pasta para Vilma querer enviá-la para Amadeu Medeiros?

-- É melhor você não se meter nisso, Roberta. Preocupe-se com a sua gravidez, com o nosso f ilho que vai nascer

-- Por que f ilho? – Pode ser uma menina!

-- Tem que ser um menino!—Disse ele de um jeito que deixou Roberta assustada.



Serena lia um livro no f inal da tarde, quando Conrado chegou da empresa. Ele não f alounada com ela. Tirou a roupa e f oi para o banheiro.

Ela f oi atrás.

-- Tenho uma coisa para f alarcom você. —Disse ela meio sem jeito.

Ela estava f azendo a barba, passava a navalha pelo rosto.

-- Pode f alar

-- Eu... Estou grávida.

A navalha f icou suspensa no ar

-- Meu pai vai gostar. —Disse ele depois e continuou a f azer a barba.

-- E você não gosta?

-- Claro. Ter um f ilho é uma dádiva de Deus. Se f or um menino você vai gostar muito, não é? Se f or um menino você colocará as mãos na metade da f ortuna do meu pai. —Disse ele f riamente.

Serena saiu do banheiro com lagrimas nos olhos.



Serena e Amanda encontram-se em um restaurante para conversarem sobre as mensagens.

-- Eu cheguei a pensar que pudesse ser o Lauro, mas... Acredito que seja realmente alguém da mansão. —Disse Amanda, tomando um pouco do suco de laranja que o garçom acabará de servir.

-- Essa pessoa pode saber da troca, pode saber que você não e você e que eu não sou eu. Eu estou muito preocupada com Alexandre, tenho medo que essa pessoa também queira f azer alguma coisa a ele.

-- A gente precisa manter a calma.

-- Eu estou grávida. —Disse Serena.

Amanda deu um largo sorriso.

-- Jura? Meu Deus f oimais rápido do que eu pensava. Que maravilha!

Mas o sorriso de Amanda morreu nos lábios, quando viu entrar no restaurante o doutor Lauro, que f oi em direção a elas.

-- Ora... Ora... Vejam quem estão aqui: As gêmeas... —Ele se sentou à mesa delas mesmo sem ter sido convidado. Fez sinal para o garçom e pediu uma limonada.

-- Com licença, mas eu tenho que ir. —Disse Serena levantando-se. Era dif í cil f icar diante daquele médico. Ele tinha um sorriso sarcástico e um perigo no olhar.

-- Vai por que eu cheguei minha querida?—Perguntou ele.

-- Não. A minha conversa com Amanda já havia terminado, quando você sentou na nossa mesa sem ter sido convidado. Ate mais.

Ele deu outro sorriso.

Serena f oi embora, deixando Lauro e Amanda sozinhos.

--Me diz Amanda, o que você f ez com a minha secretária Vilma?

-- O quê?—O coração dela disparou. Suas mãos f icaram f rias, geladas!

-- Você matou Vilma, não matou?—Acusou ele olhando bem no rosto dela.

-- De onde você tirou essa ideia maluca? Eu não matei ninguém!—Falou ela o mais baixo que pode, para que ninguém ouvisse.

-- Vilma entregou uma pasta com todos os seus exames para a minha esposa e pediu a ela que entregasse ao velho Amadeu se alguma acontecesse a ela!

Maldita secretaria! Por essa ela não esperava.

-- E ela entregou? A sua mulher enviou a pasta ao meu sogro?-- Novamente sorrindo, ele disse que não, e mentiu dizendo que havia queimado a pasta com os exames.

-- A sua mulher viu os exames?—Perguntou ela tensa.

Lauro f eza gentileza de pagar a conta, e lá f ora, perto do carro ele respondeu a pergunta dela.

-- Não se preocupe, ela não viu. —Lauro puxou Amanda para os seus braços e a beijou nos lábios. Ela tentou af ast á-lo, mas ele não deixou, continuou beijando-a de f ormarude e possessiva. — Você me deixa louco, sabia? Louco de excitação, louco de raiva! Eu sei que você não presta.

-- Você também não presta. —Provocou ela.

-- É... Eu sei, acho que é por isso que você me atraia tanto. — Dizendo isso ele voltou a beijá-la, desta vez mais delicadamente.

Quando chegaram à casa de Serena, ela não quis que ele entrasse, pois tinha medo que Alexandre chegasse e os pegasse juntos.

-- Quero dar uma rapidinha com você, meu bem. —Disse ele apertando as nádegas dela. —Se quiser podemos f azer aqui

mesmo, para toda a vizinha ver!

-- Engraçadinho!

Eles entraram e ele foi logo levando ela para o sofá, enfiando as mãos sob o seu vestido, acariciando as coxas, puxando o elástico da calcinha. Depois começou a beijá-la, ficando sobre ela, pressionando o corpo de Amanda contra o sofá.



Naquele final de tarde, Marcelo passou na escola de informática de Alexandre, onde ele tinha aula, para apanhá-lo. Levou-o para casa.

-- Não vai descer Marcelo?—Perguntou Alexandre. — não quer ver a minha mãe? Eu sei que ela anda meio estranha, mas você gosta dela...

-- É melhor não entrar não, Alexandre. —Disse sorrindo, dando tchau para o garoto e ligando o carro.

Alexandre que tinha a própria chave abriu a porta.

-- Mãe!

Eles já não estavam mais sobre o sofá, e sim sobre o tapete, completamente nus, com Lauro movendo sobre ela.

Lauro saiu de cima de Amanda, procurando pelas roupas. Ela apressadamente pegou as suas tentando se vestir, sob o olhar estupefato do garoto.

-- O que é isso, mãe? Como foi capaz? —Havia lagrimas nos olhos dele. A decepção estava estampada em seu rosto.

-- Alexandre, não é nada disso... —Tentou ela falar, mas o olhar horrorizado dele a fez calar-se.

-- Eu te odeio mãe, eu te odeio!

Alexandre saiu correndo pela porta da rua, sem olhar para trás.

-- Meu Deus, e agora?—Falou ela agitadamente passando as mãos pelos cabelos. —Se esse garoto sumir todos os meus planos iram por água abaixo, pois Serena desistira de tudo. E você é o único culpado, eu disse que o garoto poderia pegar a gente!— Gritou ela.

-- Desculpe, mas é que a vontade f azeramor com você f oi maior.

Vamos encontrá-lo, não se preocupe.



Enquanto isso a esposa de Lauro, abria o cof ree pegava a pasta com os exames de Amanda, colocando uma parecida no lugar. Roberta viu os exames de Amanda!



No jantar daquela noite, Conrado revelou a todos que seria pai. O velho Amadeu vibrou com a notí cia!Mas os outros membros da f amí lia odiaram aquela notí cia, e nem f izeram questão de esconder a raiva.

Capítulo 21

AMADEU DISSE QUE teriam de comemorar.

-- Deixe para comemorarem quando souberem o sexo do bebê.

—Disse Viní cius.

-- Pode nascer uma menina. —Falou Aline.

-- Vai ser um menino!—Disse o velho Amadeu. —Eu sabia Conrado, eu sabia que esse neto veria de você. Temos que brindar! Champanhe para todos!

-- Desculpem, mas eu não estou para brindes. —Disse Sérgio se levantando.

-- E eu estou com dor de cabeça. —Disse Simone, acompanhando o marido.

"Essa criança não pode nascer." pensou Sérgio.

"Maldita, mara que morra ela e a criança." pensou Simone. *"Cadela, cadela! Eu que quero dar esse neto ao velho."* Aline olhava cheia de ódio para Conrado e Serena.

"Eu não vou deixar, ele esfi car com metade da fortuna, não vou." Viní cius tremia por dentro.

"Essa mi serável passou na minha frente. Porque será que eu não consigo engravidar, por quê? Por que se tudo está bem comigo e com Felipe." Luna saiu da sala sem pedir licença.

"O filho bastardo do velho Amadeu não vai gostar quando souber dessa gravidez." Pensou Felipe que foi o único que ficou para brindar com Amadeu, Conrado e Serena.

Naquela noite Conrado deitou ao lado de Serena, evitando encostar-se a ela. No meio da noite, Serena teve um pesadelo com Alexandre. Ele corria pelas ruas de São Paulo com um homem ao seu encalço! O homem tinha uma f aca na mão, e alcançou Alexandre. Serena deu um grito, começando a se debater na cama.

-- Alexandre, Alexandre!

Ela se debatia e Conrado tentava segurá-la na escuridão do quarto, mas ela estava em pânico. Então ela começou a chorar, e por f im Conrado conseguiu acalmá-la, abraçando-a. Serena encostou o rosto no peito f orte do amado, ainda chorando. Ele começou a acariciar os seus cabelos e pouco depois as bocas se encontraram e as lí nguas se enroscaram aumentando a temperatura entre eles.

No dia seguinte ela acordou antes dele. Eles tinham se amado novamente, e tinha sido maravilhoso, mas o pesadelo ainda continuava na sua memória. Ela f oi para o banheiro, e enquanto tomava banho e lavava os cabelos, ela pensava em Alexandre. Aquele sonho seria um aviso? Será que algo muito grave estava para acontecer ao seu f ilho?

Serena saiu do banheiro de roupão com uma toalha enrolada na cabeça. Conrado continuava na cama, só que acordado, com o corpo f orte encostado nos travesseiros.

-- Tudo bem com você?—Perguntou ele. —O pesadelo que teve... Amanda, quem é Alexandre?

Serena f icou gelada, tensa com a pergunta.

-- Vamos, Amanda, me diga quem é Alexandre!

-- Alexandre?

-- É seu amante?—Perguntou ele com tristeza no olhar.

-- Não, claro que não. Eu te amo, Conrado, nunca trairia você. Alexandre é um garoto, filho de uma amiga minha, ele gosta muito de mim, e eu sonhei com ele... Que ideia, meu amor, achar que eu tenho um amante.

-- Muito estranho... Você não é apegada a crianças.

-- Mas com essa eu sou, pois ele é muito especial.



Alexandre estava dormindo na calçada e acordou com um homem chamando-o. Ele abriu os olhos deparando-se com um homem loiro. Ele levantou-se e o homem o agarrou pelo braço.

-- Você é um belo garoto, eu ganharia um bom dinheiro com você.

-- O que o senhor está dizendo?

O homem agarrou Alexandre e saiu arrastando-o para o carro, enquanto ele se debatia para se livrar. Alexandre foi jogado para dentro do carro e o loiro bateu a porta. Enquanto dava a volta, Alexandre abriu a porta e saiu correndo.

O loiro abriu a porta do lado do motorista, ligou o carro e pisou fundo no acelerador, indo em direção a Alexandre que descia a rua, com algumas pessoas olhando, mas sem coragem para ajudar o garoto.

Alexandre continuou correndo, sem olhar para trás, e entrou em um beco cheio de lixo, local de impossível tráfico para veículos. O loiro saiu do carro e entrou no beco com um revólver!



Lauro chegou da rua, depois de passar à noite inteira a procura de Alexandre. Ele jogou a chave do carro sobre a mesinha de centro e af undou o corpo no sof á. Roberta entrou na sala. Ele disse a ela que tinha passado a noite inteira no hospital, dando plantão.

-- Lauro, você está tendo um caso com Amanda Medeiros?

Lauro f icou surpreso e desconcertado com a pergunta.

-- De onde tirou essa ideia?

-- Por que não contou ao marido dela, a f amí liadela que ela é estéril?

Lauro levantou-se com ar f urioso.

-- Você abriu o cof re! Você não tinha esse direito; Roberta, não tinha! Amanda é minha paciente!—Vermelho de raiva, ele ameaçou esbof eteá-La, mas mudou de ideia assim que levantou a mão.

-- Vamos, Doutor Lauro, bate-me!—Gritou ela.

Ele baixou o braço, engolindo a raiva, a vontade de bater.

-- Eu tinha o direito de ver o que tinha naquela pasta, Vilma a deixou comigo.

-- Amanda Medeiros não quer que a f amí liasaiba que ela é estéril, por isso eu não contei.

-- Antes de desaparecer Vilma me f alou sobre vocês! Amanda Medeiros é sua amante!

-- É mentira da Vilma!—tentou def ender-se ele.

-- E por que Vilma inventaria uma história dessas?

-- Por que Vilma sempre quis ter um caso comigo, mas eu sempre f ugia dela!

-- Eu f iz o que Vilma me pediu. Faz meia-hora que eu mandei a pasta com os exames para a mansão dos Medeiros. — Disse Roberta com ar de triunf o!

Roberta disse que tinha pedido para a empregada colocar a pasta no correio.

Como a agência dos correios era perto, Lauro correu para tentar evitar que a pasta com os exames de Amanda f osse enviada para a mansão dos Medeiros.

Mas quando chegou ao correio, e ele arrancou a pasta das mãos da empregada, ele descobriu que havia sido enganado por Roberta. -- Que isso, doutor Lauro, eu acabei de pegar essa pasta com o meu médico! São resultados dos exames que eu f iz.- Disse a empregada.

Lauro voltou para o seu apartamento disposto a estrangular Roberta se f osse preciso. Mas ele não a encontrou. No seu lugar, ele encontrou um bilhete, no qual ela dizia que o estava deixando e que ela estava levando a pasta com os exames de Amanda, e que entregaria pessoalmente na mansão dos Medeiros.

-- Cachorra, f ilha da mãe!—Lauro tremia de raiva por dentro.



Alexandre parou de correr! Estava cansado, com a respiração of egante. Ele tinha saí do do beco, e atravessado para outra rua. O lugar era estranho, com pessoas estranhas. Foi então que ele sentiu uma respiração quente em seu pescoço, e o cano de uma arma em suas costas.

-- Te, peguei, garoto! —Disse o loiro dando um sorriso de puro perigo.



Capítulo 22

ASSIM QUE CONRADO ENTROU NO BANHEIRO PARA TOMAR banho, Serena ligou para a sua casa. Ela estava angustiada, queria saber notí cias de Alexandre.

Amanda atendeu ao telef one, e mentiu dizendo que tudo estava bem com Alexandre!



Pouco depois do loiro, colocar as mãos em Alexandre, a sirene do carro da policia se f ez ouvir. Apressadamente ele largou Alexandre, e saiu correndo.

O carro da policia f reou próximo a Alexandre e dois policiais desceram.



Amanda entrou debaixo do chuveiro e deixou que água morna caí sse sobre o seu corpo. Depois começou a passar a esponja pelo pescoço, seios, enquanto pensava em Conrado, ora em Lauro, pois ela queria achar um jeito de se livrar daquele médico, e também pensava em Marcelo.

Ultimamente ela pensava muito em Marcelo, e talvez até resolvesse ir morar com ele na f azenda, até Serena ter o bebê. Talvez se f osse morar na f azenda, Lauro há deixasse um pouco em paz.

Após o banho ela colocou um vestido bege, e ia para a cozinha, quando tocaram a campainha!

Eram os policiais com Alexandre.



À distância o loiro observava a casa de Serena. O loiro tinha seguido o carro da polí cia para descobrir onde Alexandre morava, pois ele não tinha desistido de pegá-lo. Ele venderia o garoto para um casal de gringos e f aturaria uma boa grana.

Dentro do carro, ele se livrou da peruca loira que usava e do bigode postiço também. Olhando no retrovisor de dentro, ele ajeitou os cabelos, dando um largo sorriso. Felipe, marido de Lana deu um largo sorriso.

Ele era o loiro e usava aquele disf arce para apanhar crianças! Alexandre não seria o primeiro menino que ele pegava para vender a pessoas estrangeiras. Felipe trabalhava com o tráf ico de crianças já alguns anos.



Assim que os policiais se f oram, Amanda disse para Alexandre que eles iriam para a f azenda de Marcelo.

-- Vou tentar ser f eliz com Marcelo.

-- E aquele sujeito que estava aqui com você? Quem é ele?

-- Aquele sujeito não é ninguém, ele não presta. E o que você viu aqui, naquele dia não f oipor minha culpa, ele praticamente me agarrou.



Marcelo estava chegando do passeio a cavalo, quando viu o carro atravessar o portão principal da f azenda.

Amanda saiu do carro junto com Alexandre.

Ele saltou do cavalo, indo em direção aos dois.

-- Marcelo será que podemos nos esquecer de tudo e começarmos do zero, a partir de agora?—Perguntou Amanda o mais doce possí vel.

Sem esperar pela resposta, ela se aproximou de Marcelo, enlaçou-o pelo pescoço e o beijou na boca.

Alexandre f oi para dentro da casa grande, e deixou os dois sozinhos.

-- Você voltou pra mim?—perguntou Marcelo.

-- Sim. Prometo que vou f azer de tudo para amar você.

-- Serena, Serena, você me f az o homem mais f eliz desse mundo!—Ele a beijou, e Amanda f echou os olhos, gostando de verdade do contato daqueles lábios contra os seus. Depois de ter se casado com Conrado, ele tinha sido seu único homem, ela nunca olhou para mais ninguém... Até que apareceu Lauro que a obrigou ser sua amante para ajuda-la

Ela tinha que admitir que o marido de Serena também era bonito e atraente.

A carta chegou às mãos de Serena. Não havia o nome do remetente, e isso f ez o coração de Serena disparar

Ela rasgou o envelope e tirou a f olha dobrada de dentro.

Imprimido em letras bem grandes estava escrito:

“ As gêmeas dev em mor r er

Capítulo 23

SIMONE SAIU DO BANHEIRO, DENTRO DE UM ROUPÃO.

Sérgio entrou no quarto, chegando da empresa.

-- Ate agora, você não conseguiu nada com o meu irmão, não é? -- É impossí vel, Sérgio, Conrado jamais vai se deitar com a mulher do irmão dele. Essa corrida ao bebê para nós já era! Cheguei até a pensar em raptá-lo, atacá-lo sexualmente no meu perí odo f értil, mas isso não daria certo.

-- É, Conrado e Amanda vão vencer essa!

-- Será que vão mesmo?—Falou ela de um jeito nada agradável com um ar de dúvida.



Ci nco meses depoi s...

Conrado segurava na mão de Serena, enquanto a médica passava o gel na barriga dela para a ultrassonograf ia.



Mesmo Aline estando grávida, ela e Viní cius não escondiam o ciúme e a inveja pela gravidez de Serena, que eles pensavam ser Amanda.

-- O senhor sempre pref eriu Conrado, sempre!—Desabaf ou Vinicius para Amadeu.

-- Vocês todos, sempre foram gananciosos! Conrado não, ele nunca colocou o dinheiro acima de tudo, ao contrario de vocês, que só pensam em grana!

Conrado e Serena chegaram do médico, e ao vê-los, Amadeu se afastou de Vinicius e foi até eles completamente ansioso.

-- E então, já sabem o sexo do bebê? Deu para ver?

Simone, Sérgio, Aline, Vinícius, Lana e Felipe se aproximaram.

-- Digam! É um menino?

O coração de Amadeu estava disparado.

Conrado de uma risada e abriu os braços para o pai.

-- Sim, pai é um menino!

Pai e filho se abraçaram. Amadeu começou a tremer, Serena teve que buscar um copo com água para ele. Enquanto entregava o copo com a água para ele, ela ficou imaginando o que Amadeu faria se soubesse que já tinha um neto, se soubesse de Alexandre! Com certeza ele e Alexandre se dariam muito bem.

Mas nem Conrado e nem Amadeu nunca saberiam de existência de Alexandre. Assim que ela desse a luz, ela voltaria para a casa, e Amanda assumiria o seu lugar, assumiria o bebê como se fosse dela.

Marcelo acariciava o corpo nu de Amanda sobre a cama, depois com os lábios começou a cobri-la de beijos, deslizando a sua boca pelos seios, e ventre.

Amanda sentia-se atraída por Marcelo não havia a menor dúvida. Ele também sabia como dar prazer a uma mulher.

A língua dele foi para o meio das pernas de Amanda, fazendo-a gemer de prazer, depois o membro dele ocupou o lugar da língua, com força e masculinidade.

Enquanto ele movimentava sobre ela, ela pensava em Conrado. Dentro de pouco tempo ela voltaria para os braços do marido, e Marcelo seria passado, aquela atração que ela sentia por ele, ficaria presa ao passado.

Mas e Lauro? O médico insistia em estar presente em seu futuro também. Como se livrar daquele médico?



Estava escurecendo. Marcelo tinha ido para a cidade, levar Francisca ao médico e Alexandre havia ido com eles.

Amanda encontrava-se sozinha na casa grande. E um grande temporal ameaçava cair. Ela deixou a cozinha e subiu para o quarto. Ao entrar no quarto, ela descobriu assustada que o computador estava ligado! Ela não havia ligado o computador. Ele ficava no fundo do quarto, e com passos cautelosos, ela foi em direção a ele.

Amanda deu um grito ao ver escrito na tela do computador a mensagem:

" AS GÊMEAS DEVEM MORRER"

Amanda saiu correndo do quarto, mas antes que chegasse até as escadas, ela se chocou contra um peito forte, um peito de homem!



Roberta a mulher do doutor Lauro, tocou a campainha na mansão dos Medeiros f altando cinco minutos para as oito da noite.

Apenas Serena e os empregados estavam na mansão. Todos tinham saí do, e dentro de meia hora os empregados serviriam o jantar. Serena estava em seu quarto, quando a empregada apareceu dizendo que uma mulher queria f alar com ela. Serena deixou o livro que lia, sobre a cama, e f oi ver de quem se tratava.

-- Boa noite. —Comprimento Serena educadamente.

-- Sabe quem sou não sabe?—Perguntou Roberta.

-- Não, eu não conheço você, eu deveria conhecer?

-- Quem é você?—Perguntou Roberta.

-- Sou Amanda Medeiros.

-- Não! Você não é Amanda Medeiros!—Falou Roberta de olhos bem f ixos em Serena. Eu sei que você não é Amanda Medeiros, não tem como você ser Amanda Medeiros. Pois a verdadeira Amanda é estéril! E você está grávida, assim como eu!—Falou Roberta, alisando o ventre.

O coração de Serena disparou! Ela deu um passo para trás, estava sem ação! Ela olhava para aquela mulher que parecia saber toda a verdade!

-- De onde você tirou essa ideia maluca?!

Roberta disse quem era, disse que era a esposa do doutor Lauro! Falou que tinha visto os exames que comprovavam que Amanda era estéril, e que Amanda era amante do seu marido.

-- Vilma a secretaria do meu marido me entregou a pasta com os exames, e me pediu que... Se alguma coisa lhe acontecesse que enviasse imediatamente a pasta com os exames para Amadeu Medeiros. E Vilma desapareceu misteriosamente, e eu deixei a pasta nesta mansão.

-- Você o que? Você mandou a pasta com os exames para cá?

-- Faz uns cinco meses mais ou menos, no mesmo dia em que eu deixei o meu marido.

-- Isso signif ica então que alguém dessa casa pegou a pasta com os exames. Pegou e f icou calado, pois ninguém se manif estou a respeito disso.

-- Me responda: quem é você? Irmã gêmea de Amanda Medeiros? E por que você está aqui se f azendopassar por ela? Se bem que eu posso imaginar porque você está aqui. —Disse ela, olhando para o ventre de Serena. —Amanda é estéril e você está... Grávida.

Não adiantava esconder nada daquela mulher. Pensou Serena. Ela levou Roberta para o seu quarto e contou tudo ela, começando pelo dia, que conheceu Conrado.

Capítulo 24

AO SE CHOCAR CONTRA O PEITO DO HOMEM, Amanda deu um grito! E quando viu quem era ela deu um passo para trás, meio tremula e assustada.

-- Você?—Amanda tinha os olhos f ixos no homem.

-- Eu mesmo. —Respondeu Lauro com um leve sorriso. —Faz quase um mês que você não me procura, um mês sem ter o meu corpo colado ao seu, minha querida, me deu saudades, muitas saudades! A minha mulher me deixou, lembra? Mas eu pretendo encontrá-la, contratei um bom detetive para achá-la.

-- É você, não é? É você que manda as mensagens *às gêmeas devem mor*, não é?

Amanda não esperou pela resposta, correu para o quarto!

-- Você deve estar maluca, Amanda, eu estou do seu lado. —Ele f oi atrás dela, ela tentou f echar a porta, mas ele não deixou. Ela f orçava a porta para f echar e ele f orçava para abrir

-- Vai embora, Lauro, vai embora!—Gritou ela.

Lá f ora a chuva começou a cair

-- Marcelo vai chegar a qualquer momento!

-- Não, não vai! Eu sei que ele f oi para a cidade, e dei um jeito no carro dele, para ele se atrasar. Temos muito tempo, meu amor. Eu quero você de corpo e alma, agora! Nesse momento!—Ele conseguiu entrar no quarto, e viu a mensagem no computador. —Com certeza é alguém da f amí lia Medeiros que está querendo acabar com vocês duas, não eu!

Lauro puxou Amanda para os seus braços, ela já não estava mais com tanto medo dele.

Ele começou a beijar Amanda, até cair junto com ela sobre a cama, começando a despi-la, a deslizar os lábios pelo corpo daquela mulher.

Sobre a cama onde ela e Marcelo tinham f eito amor, ele a colocou-a de joelhos, deslizando as mãos pelas nádegas dela, dando leves tapas, entre um sorriso e outro. Depois sem nenhum aviso, ele passou o braço em torno da cintura dela, e enterrou com f orça o membro no, anus de Amanda, que pega de surpresa, soltou um grito de dor e ódio! Enquanto ele socava dentro dela, ela sentia a pior dor do mundo. Os olhos dele brilhavam de prazer, enquanto a possuí a.

Depois que Lauro f oi embora, ela f icou sobre a cama, chorando, e odiando-o mais do que nunca. Ela levantou-se com o corpo todo dolorido e f oi para o banheiro. Queria tirar o cheiro do médico do seu corpo, por isso esf regou com f orça a esponja na pele.

Lá f ora alguém abriu a porta e entrou, usava um par de luvas e segurava um revólver!

A pessoa subiu as escadas com o revólver na mão. Amanda continuava no banho esf regando o corpo! Tirou toda espuma do corpo e voltou a se ensaboar novamente.

A pessoa já estava no corredor!

Amanda enxugou o corpo e nua saiu do banheiro, passando a toalha pelos cabelos. Assim que colocou os pés no quarto, ela ouviu algo se espatif ando no corredor! Era o vaso que Francisca havia colocando lá na semana passada com as rosas que

Marcelo havia dado a Amanda. Apressadamente Amanda largou a toalha e procurou pela sua bolsa. Dentro da bolsa tinha uma pistola pequena. Ela pegou a arma, e nua enf iou-se debaixo da cama, pronta para dispará-la.

A pessoa empurrou com força a porta, que bateu contra a parede. De onde ela estava dava apenas para ver os pés de alguém, que usava botas pretas. Foi então que esse alguém f ezum movimento para se agachar e olhar debaixo da cama. O coração de Amanda disparou!

Uma das armas f oi disparada!



Roberta ouviu toda a história de Serena, e decidiu f icar calada e não revelar nada aos Medeiros. Ela perguntou para Serena se podia f icaralgum tempo na mansão, pois tinha pouco dinheiro, e Lauro havia bloqueado sua conta no banco e todos os cartões de créditos.

-- Por mim tudo bem, mesmo eu não sendo a dona da casa. E eu acredito que o velho Amadeu não vai importar, direi a ele que você é uma grande amiga!



Amanda disparou sua arma, e a pessoa assustada saiu correndo, sem ser f erida. A pessoa atravessou o corredor, desceu as escadas e saiu na noite chuvosa.



Serena já estava na cama, quando Conrado chegou naquela noite.

-- Tudo bem com você?—Perguntou ele despindo-se.

-- Sim, estou ótima. —Conrado tinha mudado, ele havia mudado muito, estava mais gentil, mais tranquilo e carinhoso na hora de f azeremamor. Olhando para ele, Serena sentia vontade de beijá-lo, de acariciá-lo e contar-lhe toda a verdade. Queria poder contar a ele sobre Alexandre, dizer a ele que ele tinha um f ilho de dez anos.

-- O bebê chutou hoje?—Perguntou ele só de cuecas, sentando na cama.

-- Sim. —Respondeu ela com um sorriso, pegando a mão dele e a levando ao ventre. —Sinta.

Assim que sua mão f oi colocada sobre o ventre, o bebê chutou, e Conrado deu um largo sorriso.

-- Conrado... Me, beija. —Pediu ela.

-- Beijá-la?—Ele continuava com a mão sobre o ventre dela, olhando bem dentro dos olhos de Serena.

-- Sim.

Ele aproximou o rosto do dela, e seus lábios se encontraram. A lí nguadele alcançou o céu de sua boca, e ela soltou um rouco gemido, puxando-o para cima do seu corpo.



No dia seguinte, Serena f oise encontrar com Amanda em um parque rodeado pelo verde para saber noticias de Alexandre. Amanda disse que tudo estava bem com o garoto. E contou a Serena sobre o atentado na noite passada.

Serena f icou preocupada, pois as coisas estavam tomando um rumo muito perigoso.

-- Me preocupo com Alexandre, essa pessoa pode querer atingir o meu f ilho. Essa pessoa é muito perigosa, e pode sim ser alguém dos Medeiros.

-- O velho Amadeu tem um f ilho bastardo, e ele também entrou pela corrida ao bebê. Eu... Eu acredito que Lauro pode ser o f ilho bastardo do velho Amadeu. —Disse Amanda.

Serena não acreditava no que, ouvia seus olhos estavam pregados em Amanda.

-- O que leva você a pensar que esse médico pode ser o f ilho bastardo do velho Amadeu?

-- Muitas coisas coincidem, Serena, muitas coisa. Lauro quer muito que o f ilho que a mulher dele espera seja homem, a mãe dele é mãe solteira... E ele sabe tudo sobre nós.

-- Não, isso não é suf iciente, Amanda. Faz muito tempo que Carla não me liga, tem noticias dela?

-- Sua amiguinha anda sumida. Parece que ela arranjou um namorado.

Serena sorriu.

-- Que bom, ela merece, ela é uma grande amiga. Eu f iz a ultrassonograf ia, eu estou esperando um menino.

Amanda abriu um largo sorriso e seus olhos f icaram umedecidos.

Carla a amiga de Serena estava ao telef one conversando com alguém. Ela estava nervosa e agitada.

-- Você não se preocupa comigo! Só quer o meu f ilho! E está louco para saber se homem ou menina! Ter me envolvido com

você, f oi a pior coisa que eu f iz na vida.

Ela bateu com f orçao f oneno gancho e começou a chorar desesperada!



Já era noite, Conrado já havia adormecido e Serena estava em seus braços. Como não conseguia dormir, ela resolveu descer para tomar um pouco de leite quente. Ela saiu do quarto, passou pelo corredor, e já ia começar a descer as escadas, quando ouviu um barulho. Ela virou-se, e não viu nada, a casa continuou mergulhada no mais prof undo silêncio. Ela começou a descer as escadas, e quando novamente o barulho se repetiu, ela virou-se! Virou-se e f oientão que ela viu uma sombra e a sombra f oiem sua direção rapidamente, tornando-se uma pessoa com uma máscara no rosto.

Ela deu um grito! A pessoa avançou sobre ela e a empurrou!

Serena desceu rolando escada abaixo!

Foi o velho Amadeu que encontrou Serena caí dano chão e começou a gritar!

Conrado f icou desesperado!

Conrado f oi junto com Serena na ambulância, enquanto que Amadeu f oi em seu carro com Roberta.

Lana, Felipe, Simone, Sérgio, Aline e Viní cius, não esconderam a satisf ação de saber que Serena poderia perder o bebê, ou até morrer!

Foi por pouco que Serena não perdeu o bebê. Conrado, Amadeu e Roberta, f icaramaliviados quando o médico disse que o

perigo já havia passado.

Mãe e f ilho estavam salvos.

Amadeu levantou as mãos para os céus e abraçou Conrado.



Para Conrado não havia a menor dúvida de que um de seus irmãos, cunhada, ou o cunhado Felipe e que tinha empurrado Serena.

Ele ameaçou colocar a polí cia no caso...

-- Sei que nenhuns de vocês querem que o meu f ilho nasça.

-- Eu ia colocar a policia no meio disso, mas Amanda não quer. -- Mas isso é um absurdo!—Disse Vinicius. —Você acha que somos assassinos, é?

Conrado olhava para cada um deles, com um olhar f rioe ameaçador.

-- Aline está grávida, Viní cius, e vocês querem muito que o f ilhode vocês seja homem, f izerama ultrassonograf ia,mas não deu para o ver o sexo do bebê, se Amanda perdesse a criança, e se o f ilho de vocês f or menino, metade da f ortuna do meu pai, f icaria pai vocês!

-- Eu não vou f icaraqui para ouvir tal coisa. —Disse Aline, f ingindo-se insultada e saindo da sala.



Algumas semanas depois, Carla ligou para Serena, dizendo que precisava f alar com ela, com urgência.

Ela parecia com medo e assustada!

-- Eu sei quem está querendo matar você e Amanda. —A voz dela saiu tremula.

Serena que estava sentada na cama levantou-se apertando com f orça o f one no ouvido.

Carla também ligou para Amanda.

-- Venha para cá, Amanda, venha para a minha casa!

-- Mas para que, Carla, para que tanta presa?

-- Porque eu sei quem está querendo acabar com você e Serena.

Capítulo 25

SERENA TINHA ACABADO DE trocar de roupa, quando Roberta entrou no quarto. Serena disse que estava de saí da, pois precisava se encontrar com Carla.

-- Carla me disse que sabe quem esta querendo acabar comigo e Amanda. Eu só não entendo como ela descobriu. Parece que não há ninguém em casa, não é? Todos saí ram.

-- Sim, saí am todos. Até o velho Amadeu. Também vou sair, pois preciso comprar algumas roupinhas para o meu bebê, para a minha f ilha. —Roberta deu um sorriso. —Lauro queria muito um menino, e vai vir uma menina, f oimelhor assim, pelo menos ele me deixa em paz. Se f osse um menino com certeza ele iria querer tirá-lo de mim. Ter um f ilhohomem tornou-se uma obsessão para ele, ele estava até parecendo um membro dessa f amí lia...

Serena lembrou sobre Amanda suspeitar de Lauro ser o f ilho bastardo de Amadeu.

-- Os pais do seu marido... Eles ainda estão vivos?

-- Pelo menos a mãe eu sei que sim. Ela nunca se casou, se envolveu com um homem casado, e f icougrávida... Lauro é f ilho bastardo.

Serena virou o rosto para que Roberta não visse a surpresa em seu nele.

Lauro era f ilho bastardo! Lauro queria muito um f ilho homem! Seria coincidência?



Carla ainda estava ao telef one f alando com Amanda, quando a campainha tocou.

-- Me diga Carla, quem está querendo acabar comigo e Serena?

-- A campainha tocou, vou ver quem é. - Ela deixou o f one sobre a mesinha e f oi em direção à porta.

Carla abriu a porta. Seu coração disparou, e ela f oi se af astando, se af astando de olhos f ixos naquela pessoa que apontava a arma para ela. As mãos estavam cobertas por um par de luvas. O dedo estava pronto para acionar a arma. Do outro lado da linha Amanda ouvia a voz de Carla e sentia o seu desespero.

-- Pelo amor de Deus não me mate! Não f aça isso, eu prometo que não vou contar a ela que é você! Nãaaao! —Carla deu um grito, assim que a arma f oi disparada.

Ao ouvir o disparo pelo telef one,Amanda deixou o aparelho cair de suas mãos.

-- Oh, Meu Deus, o que f oi que aconteceu. — Apressadamente ela pegou a chave do carro!

Ia até a cidade, até a casa de Carla.



Serena chegou antes de Amanda à casa de Carla, ela tocou a campainha, várias, vezes! Levou à mão a maçaneta e descobriu que a porta não estava trancada. Abriu-a e levou a mão, a boca para abaf aro grito, ao ver Carla caí dano meio da sala envolta em uma poça de sangue.

-- O meu Deus... Oh... Não. Carla, Carla!

Uma mão foi colocada sobre o seu ombro, e com o coração disparado, ela se virou para ver quem era!

Era Amanda. Ela estava branca, feito papel, olhando para o corpo de Carla.

-- Quem pode ter feito isso? Quem?— Falou Serena chorando.

-- Ela... Ela está morta?—Perguntou Amanda.

-- Eu não sei, eu não tive coragem de ver. —Serena estava completamente estarrecida.

Lá fora alguém observava a casa. Era a mesma pessoa que tinha matado Carla.

Amanda agachou-se para certificar se Carla estava realmente morta.

E estava. Carla estava morta.

Amanda ligou para a polícia, falando sobre o assassinato. Depois ela e Serena deixaram a casa, pois não queriam estar ali, quando a polícia chegasse.

Mas assim que colocaram os pés para fora da casa, Serena se tornou o alvo do assassino. A pessoa a distancia apontava a arma para ela. Elas começaram a caminhar rumo ao carro de Amanda. Serena ainda era o alvo... Tudo foi muito rápido, foi como uma cena de cinema!

Amanda virou-se e viu!

-- Serena! Cuidado!—Gritou ela e pulou na frente da irmã.

O tiro atingiu o peito de Amanda que caiu nos braços de Serena. Outros tiros vieram. Serena não soube de onde tirou tanta força, para arrastar Amanda até o carro.

A chave do carro estava na bolsa de Amanda.

-- Me deixe na porta de um hospital mais próximo e vai embora. Ninguém pode nos ver junta, Serena, ninguém!—Disse Amanda já quase perdendo os sentidos.

Serena pisou f undo no acelerador para chegar o mais rápido possí vel no hospital. Pelo retrovisor ela descobriu que estavam sendo seguidas. Ela aumentou mais a velocidade, e a pessoa que as seguia f ez o mesmo.

Um tiro estilhaçou o vidro de trás do carro e Serena deu um grito! A noite já havia envolvido a cidade. Foi na próxima esquina que Serena conseguiu se livrar da pessoa misteriosa, pois surgiu uma carreta, bloqueando a passagem do perseguidor.

Próximo ao hospital, ela colocou Amanda inconsciente do lado do motorista, apoiando com cuidado a cabeça dela sobre o volante e f oi nesse momento que a buzina disparou.

Serena saiu correndo, escondendo-se e não demorou várias pessoas apareceram.

-- Tem uma mulher f erida dentro do carro! Um médico, ela precisa de um médico. —Gritou uma voz masculina.

Serena então f oi se af astando, sentindo-se cansada, devido ao esf orço.Enquanto caminhava ela pensava em Alexandre, ela pensava em como ele sof reria, ao f icar sabendo que Amanda tinha sido baleada, pois ele achava que ela era sua mãe, que ela era Serena.

Foi então que Serena sentiu algo descer pelas pernas.

Sua bolsa havia estourado, o bebê nasceria!

Capítulo 26

MESMO A BOLSA TENDO estourado, e as dores começado, Serena não parou de caminhar, continuou andando. Ela precisava f icaro mais longe possí veldo hospital, para onde tinham levado Amanda.



Uma hora depois, Doutor Lauro chegou a seu apartamento e tirou da cintura um revólver, guardando-o na gaveta da escrivaninha.



Na mansão dos Medeiros, Sérgio f oi o primeiro a chegar, seguido de Simone, o velho Amadeu, Lana, Viní cius, Felipe, e por último, Aline.

Vinicius estava guardando alguma coisa no meio de suas roupas, quando Aline entrou no quarto.

-- O que está guardando ai, Viní cius?—Perguntou ela curiosa.

Ele deu um sorriso meio sem graça.

-- Nada, Aline, que bobagem.

Mas ela não se deu por satisf eitapela resposta. Empurrou o marido para um lado e puxou as roupas. Assim que ela puxou as roupas o revólver caiu, e ao bater contra o chão, ele disparou e

Aline deu um grito. A bala atravessou a vidraça, estilhaçando-a por inteiro.

-- Viu o que você fez sua louca? Você poderia ter matado nos dois. —Esbravejou ele pegando o revólver com todo o cuidado do chão.

Ela olhava para ele ainda tremendo, assustada!



Lana estava tomando banho, quando Felipe entrou no quarto com o suco de laranja, que ele fazia todas as noites para ela. Todas as noites ele colocava o anticoncepcional, e naquela noite não foi diferente. Foi só diferente em uma coisa: desta vez, ela viu, mas fingiu não ter visto e se aproximou dele, abraçando-o. Mas ao abraçá-lo, ela sentiu algo duro no corpo dele. Ela levantou a camisa, e viu o cabo de um revólver!

-- Por que saiu armado, Felipe?—Perguntou ela arrancando o revólver da cintura dele.

-- Essa cidade anda violenta, é só para me proteger, Lana.

-- Essa arma, Felipe, foi usada e não faz muito tempo, eu tenho certeza!—Garantiu, ela. —Felipe, você matou alguém?

-- Que isso, Lana, você está maluca? É claro que não! Eu estava praticando tiro ao alvo, só isso... Vamos, meu bem, me dê o revólver e beba o seu suco.

-- Gosta muito de fazer esse suco para mim, não é, Felipe? — Falou ela.

-- Claro, meu amor.

-- Felipe... Quero que saia do meu quarto, não vai mais dormir comigo.

-- O que?—Ele arregalou os olhos surpreso.

Ela apontou o revólver para ele.

-- Vamos, saia, antes que eu dispare essa arma.

-- Lana, o que está acontecendo? Por que está agindo desse jeito comigo?

-- Acho... Acho que o nosso casamento acabou, Felipe.

-- Não, não pode ser a gente se ama.

-- Às vezes eu acho que você nunca me amou, Felipe. — Disse ela com lagrimas nos olhos.



Marcelo adentrou o hospital, completamente desesperado. Amanda estava sendo operada.



Serena já não aguentava mais andar. As dores e as contrações haviam aumentado. Ela estava próxima a uma praça, e sentou-se em no banco.

Uma lua cheia brilhava no céu. O lugar ali naquele momento era de pouco movimento. Ela saiu do banco e f oi para o meio do gramado, sentando-se ali.

Ela alisava o ventre, abria e f echava os olhos, mordendo o lábio inf erior

Um carro veio se aproximando em direção a praça e parou! A porta f oi aberta e um homem desceu, caminhando em direção a Serena, pois já a tinha visto. De onde estava ela não pode ver as

suas f eições, só percebia que ele era alto... Ele caminhava com passadas largas, e quando ele f icou mais perto, ela o reconheceu!

-- Como você me encontrou aqui?—Perguntou ela surpresa.

-- Acho que agora não é hora para perguntas, não é?—Falou Conrado ajudando-a se levantar. —Você precisa de um médico.

-- Não! Não vai dar tempo o bebê vai ter que nascer aqui!

-- Aqui?—Ela arregalou os olhos estupef atos, olhando a sua volta. —Você quer ter o bebê aqui, nessa praça?

-- E você vai me ajudar. —Falou ela.

-- Está me achando com cara de parteira? —Falou ele sorrindo, mas completamente apavorado, nervoso com a situação.

-- Conrado, não vai dar tempo, o nosso f ilho quer sair! Você o colocou aqui dentro, agora o tire daqui!—Falou ela sentindo mais uma contração.

-- Colocá-lo ai f oif ácil,minha querida, agora tira-lo daí isso é trabalho para um médico!—Falou ele com um meio sorriso. Vou chamar uma ambulância. —Falou ele se af astando dela e f azendo uma ligação pelo celular.

Quando ele acabou de f alarpelo celular, e voltou-se para Serena, mais uma vez ele arregalou os olhos. Ela tinha aberto as pernas e f azia f orça para a criança nascer. Ele f icou mais desesperado, mas mesmo assim ele começou a ajudá-la.

-- Só vi partos pela televisão, eu só sei que você precisa f azer muita f orça. —Falou ele segurando as pernas dela e olhando pela a abertura que era por onde sairia à criança. —Vamos, Amanda, f aça f orça!

-- Dói muito!—Ela suava. Ela f ezmais f orça.—Conrado... Acho que não vou aguentar, eu... Vou morrer!

Alexandre! Se ela morresse Alexandre f icaria sozinho no mundo!

-- Você não vai morrer, Amanda, pelo amor de Deus! Você está proibida de morrer. —Ele também já estava todo suado.

-- Diz isso porque não é você que está sentindo todas essas dores. Oh, Deus... aaaaiiiii.....

-- Calma! Você precisa ter calma, tudo vai dar certo.



No hospital naquele exato momento Amanda estava tendo uma parada cardí aca e os médicos f aziam de tudo para f azê-la voltar.

No momento em que a equipe médica conseguiu trazer Amanda de volta, trazê-la a vida, o f ilhode Serena nascia nas mãos de Conrado.

Chorando emocionado, Conrado deu um, tapa no traseiro do bebê, que abriu a boca a chorar.

O som da sirene da ambulância se aproximava, mas nenhum dos dois ouvia, pois, estavam emocionados, olhando o bebê, ainda ligado a mãe pelo cordão umbilical.

Um bando de curiosos já havia se aproximado.

Conrado colocou o bebê sobre o peito de Serena, que o beijou na cabecinha.

Conrado beijou os lábios de Serena, cheio de emoção!



Serena estava muito abalada pela morte de Carla. Ela queria ter ido ao enterro, mais f oiimpossí vel,pois naquele momento enquanto Carla era enterrada, Serena encontrava-se no hospital devido ao parto na praça.

Segundo o médico, tudo estava bem com ambos: mãe e f ilho. Eles podiam ir para a casa. Conrado entrou no quarto do hospital com um buquê de rosas e um sorriso nos lábios. Beijou Serena na boca, e só parou de beija, porque a enf ermeira entrou com o bebê. Mas Serena não conseguia deixar de pensar em Carla e nem em Amanda. Carla estava morta e Amanda havia levado um tiro. Se Amanda não tivesse levado o tiro, aquele era o momento de cada uma voltar para as suas vidas.

Serena teria que voltar para a mansão, e com isso ela se apegaria mais ao bebê e depois seria dif í cil deixá-lo.



Os garçons circulavam pela sala, servindo champanhe a todos. O velho Amadeu estava dando uma f estaem homenagem ao neto.

Serena usava um vestido verde, estava bela, muito bela. Conrado também estava muito elegante, sorrindo, parecia outro homem, a alegria brilhava em seu rosto. Simone não conseguia tirar os olhos dele.

“ MeuDeus,comoel æst á i ndoS.er áquenuncavout eı esse homem?”

Conrado pegou uma taça de champanhe e entregou a Serena, e pegou uma para ele. Uma das empregadas chamou

Serena, dizendo que o bebê estava chorando. Ela deixou a taça com o champanhe sobre a mesa e f oi ver o f ilho.

Mas no meio do tumulto e tanta conversa alguém se aproximou discretamente e colocou algo na bebida.

Serena não demorou, voltou pouco depois, pegando sua taça com o champanhe.

-- Vamos brindar a saúde do meu neto, o mais novo membro da f amí lia Medeiros... A saúde de Conrado Junior Medeiros!

Brindaram! E cada um levou a taça aos lábios.

Os lábios de Serena tocaram na taça para beber o lí quido borbulhante.

-- Amanda, não!—Gritou Roberta do topo da escada. — Você não pode beber isso!

Todos que estavam ali naquele momento, voltaram os seus olhares para Roberta.

Capítulo 27

ROBERTA TERMINOU DE DESCER as escadas, com todos os olhares voltados para ela.

-- Você não pode beber esse champanhe, Amanda. —Falou ela novamente.

-- Por que ela não pode beber o champanhe?—Perguntou o velho Amadeu. —Eu não estou entendo.

Roberta sorriu.

-- Porque ela está amamentando, senhor Amadeu. Será melhor ela brindar com um suco, não é, Amanda? Eu f ico com o champanhe.

-- Claro, Roberta, eu não havia pensando nisso. —Serena entregou a taça a Roberta e pegou outra com ref rigerante. – Mas apenas alguns golinhos acho que não f aria mal. Mas em todo caso.

O suco f oi entregue a Serena.

Brindaram novamente.

Roberta levou a taça aos lábios e tomou o lí quido borbulhante. Alguns minutos depois Roberta começou a passar mal, e teve que ser levada as pressas para o hospital.

No hospital descobriram que ela havia sido envenenada. O médico queria comunicar o caso à polí cia,Conrado pediu um tempo a ele.

O veneno era para Serena. Ela não tinha a menor dúvida. Se Roberta não tivesse tomado o seu champanhe, ela que estaria naquele momento no hospital.

Na sala de espera...

-- O veneno era para mim!

-- É horrível, mas eu tenho que admitir que alguém da minha família, quer, acabar com você. Primeiro empurrou você da escada, e agora tentaram te envenenar. E tudo isso por inveja, meu Deus, somente porque você deu um neto ao meu pai. É difícil de acreditar Amanda, por favor, olha para mim.

Ela fixou seus olhos no belo rosto de Conrado.

-- Está me escondendo alguma coisa, você sabe de alguma coisa que eu não sei?

O coração de Serena disparou.

-- Eu? Claro que não! E você, Conrado esta me escondendo alguma coisa?

-- Por que está me perguntando isso?

-- Até agora eu não sei como você me descobriu naquela praça.

-- Vamos fazer um trato? Eu não pergunto o que você estava fazendo naquela redondeza, e você não me pergunta como eu achei você ali, certo? Pelo menos por enquanto... Vou contratar um detetive para descobrir quem está por trás desses atentados contra você.

O celular de Serena começou a tocar. Olhou para o visor e viu que era numero desconhecido, mas mesmo assim atendeu. Seu coração disparou quando soube que era Lauro. Ele queria saber onde estava Amanda, pois fazia algum tempo que não há via. Afastando-se de Conrado, e falando bem baixinho ela disse que Amanda tinha levado um tiro.

-- Em que hospital ela está?

-- Acha que vou lhe dizer? Mas de jeito nenhum!

-- Com quem está f alando, Amanda?—Conrado chegou por traz dela, mas antes que ela o respondesse arrancou o celular das mãos dela. —Oi, aqui quem f alaé Conrado Medeiros, eu posso saber quem está do outro lado da linha?

A voz de Conrado saiu f orte, perf eita! Serena olhava para ele, com medo do que Lauro poderia dizer.

Mas ao ouvir a voz de Conrado, Lauro desligou o telef one.

-- Desligou. —Ele entregou o celular a Serena.

-- Era um amigo de Roberta, Conrado. —Mentiu ela. —Por quê? Você pensou que f osse algum amante meu? Você sabe que eu não sou esse tipo de mulher. Eu te amo.

Amanda havia sido baleada e Carla assassinada, tudo no mesmo dia.

Amanda estava em coma, não podia dizer o que realmente tinha acontecido.

-- Tenho as minhas suspeitas: Para mim, ela viu quem acabou com a vida da Carla e o assassino tentou f azer o mesmo com ela.

-- Francisca, estou pensando em voltar a minha antiga prof issão antes de comprar essa f azenda.

-- Pelo Amor de Deus, Marcelo, aquele tipo de prof issão é muito arriscado, por Deus, meu f ilho, não!

-- Pois saiba que eu estou pensando sim, Francisca. O que aconteceu com Serena e a amiga dela mexeram comigo. Durante o tempo que trabalhei como detetive eu nunca deixei de desvendar

um crime. Acho que está chegando a hora de deixar essa f azenda, e voltar a f azer o que eu sempre gostei de f azer

-- Você quase morreu, lembra? Aquele homem louco quase matou você, quando você descobriu que ele próprio havia matado a f ilha.Você nunca contou à Serena; o que você f aziaantes de comprar essa f azenda, contou?

-- Não. Serena não sabe que eu era um ótimo investigador.



Conrado estava decidido a contratar um detetive. E ele já tinha um plano em mente. O chof erdos Medeiros havia aposentado e o cargo estava livre.

Ele decidiu que contrataria um detetive para passar-se como chof er

Ele pegou o telef onediscou para um amigo, que f aziahá muito tempo que ele não via, e que f oi um ótimo detetive.

Ele descobriu o numero do telef one desse amigo, com outro amigo que havia sido amigo de ambos.



O som da campainha do telef onef ez Francisca sair da cozinha e ir atender.

-- Marcelo... É para você. —Falou ela ao vê-lo descer as escadas.

-- É do hospital? É sobre Serena?—Perguntou ele ansioso.

-- Não. Não é do hospital. É um tal... Tal de Conrado... Conrado Medeiros.

Sorrindo Marcelo pegou o telefone. Ele e Conrado foram grandes amigos no passado e faziamuitos anos que não se vinham.



Amanda saiu do coma e deixou a UTI. Serena havia ligado para o hospital várias vezes.

Marcelo foiaté o hospital vê-la, com um buquê de rosas e um sorriso largo no rosto.

-- É lindo, Marcelo, obrigada!

Amanda contou para a polícia e Marcelo que o tiro havia sido uma tentativa de assalto no semáforo.

-- Foi um erro eu ter reagido.

-- Eu cheguei a pensar meu amor, que o tiro que você levou tinha alguma coisa a ver com a morte de Carla. —Ele já tinha dito a ela que Carla havia sido assassinada, e ela reagiu surpresa, fingindo não saber de nada.



Lana havia levado o copo com o suco em um laboratório e descoberto que o que Felipe havia colocado no suco era pílula anticoncepcional.

Ela ficou furiosa, e quase atingiu o vaso em sua cabeça quando ele entrou no quarto.

E ele, esperto como só, conseguiu se sair bem dessa.

-- O dinheiro não é tudo, minha querida. —Mentiu ele. —Eu te amo demais, e não desejava dividi-la com ninguém nem mesmo com um filho, por isso eu colocava todos os dias, anticoncepcional em seu suco. —Você é o grande amor da minha vida, minha

querida. Eu achava que uma criança entre nós, af astaria você de mim. Por f avor, me perdoa, eu f iz isso por amá-la demais e querer você só para mim.

Ele a puxou para os seus braços e não dando chance dela reagir, ele a beijou. Ela caiu na mentira.

Alguns minutos depois ele a possuí a e ela gemia em seus braços.



Serena f oi ao hospital ver Roberta, e não percebeu que Lauro a seguia, pois ele pensava que ela estava indo ver Amanda.

-- Então é nesse hospital que Amanda está internada. — Falou ele com um sorriso. Um sorriso f rio e perigoso.

Lauro olhava para Serena de cima a baixo.

-- Então já teve o bebê.

-- É melhor você ir embora, você não vai entrar no hospital.

-- Eu quero ver Amanda!

-- E quem disse que é Amanda que está internada aqui? Quem está aqui é sua esposa Roberta!

-- E desde quando você tem amizade com Roberta?— Perguntou ele surpreso. —Mas antes de esperar pela resposta, ele f ez outra pergunta: - - Aconteceu alguma coisa com o nosso f ilho?

Capítulo 28

CONRADO E MARCELO SE ENCONTRARAM naquele dia em um restaurante.

Os dois deram um abraço entre risadas, batendo nas costas um do outro.

-- Há quanto tempo à gente não se vê, meu amigo. —Falou Marcelo f azendo sinal para o garçom.

Conrado e Marcelo tinham se conhecido na época do colegial, tornaram-se grandes amigos. Mas com o passar dos anos, perderam contato um com o outro.

Entre uma garf ada e outra, os dois continuaram conversando. Conrado disse a Marcelo que precisava de seus serviços, colocando-o a par de tudo, sobre as tentativas de assassinatos.

-- É uma grande coincidência... —Marcelo sorriu. — Acredita que eu tinha decidido a voltar ao meu antigo trabalho?



Uma semana depois Amanda teve alta do hospital, e Marcelo a levou para a f azenda.

Marcelo ocuparia o cargo de chof er na mansão dos Medeiros, para investigar cada membro daquela f amí lia e descobrir qual deles era o autor das tentativas de assassinato contra Serena.



Amanda tinha dito para Lauro que assim que estivesse melhor, ela voltaria para a mansão dos Medeiros e ocuparia o seu lugar. Ela já sabia do nascimento da criança, pois Lauro havia contado para ela.

Lauro tinha tentado de todas as f ormas,convencer, Roberta a voltar para ele, mas ela f oi decisiva.

-- Eu não quero mais nada com você, Lauro, nada!



O velho Amadeu estava voltado de um f inalde semana da sua f azenda, quando percebeu que alguma coisa estava errada com os f reios do carro.

A rodovia naquele momento era tranquila, mas havia muitas curvas naquele lugar. Ele f icoudesesperado quando descobriu que os f reios não correspondiam. Ele pisava, pisava e nada! E uma curva se aproximava...

Desesperado ele soltou o volante!

O carro saiu da estrada e f oirolando, até chegar ao f undo do abismo.

Lá em cima na rodovia, um carro parou, mas não para of erecerajuda. A pessoa abriu a porta e desceu. Aproximou-se do abismo, olhando para o carro arrebentado lá embaixo. Depois voltou para o carro e f oi embora.



Já completava um mês que o velho Amadeu havia sofrido o acidente e encontrava-se em coma no hospital.

Capítulo 29

AMANDA DESEJAVA VOLTAR para os braços de Conrado. Desejava sentir novamente, a boca dele contra a sua, o membro dele pulsando cheio de vida dentro dela.

Marcelo havia mexido muito com ela durante aqueles meses passados com ele. Mas o grande amor de sua vida era Conrado.

-- Vou assumir o meu lugar, vou assumir o meu f ilho!— Disse ela para si mesma, enquanto caminhava sozinha pelo pasto da f azenda, apreciando a natureza.

Lauro parou o carro na estradinha e desceu, indo até ela.

-- Você se recuperou depressa. —Disse ele olhando para ela cheio de desejo. — O meu casamento acabou por sua causa.

-- Por minha causa?—Ela deu uma risada.

-- Vai ser minha para sempre, Amanda, para sempre. --- Falou ele puxando-a para si e beijando-a.

-- Não sou sua, Lauro, pertenço a Conrado e não a você!— Ela o empurrou.

-- Conrado pertence a sua irmã. E ela pertence a ele!

-- Não, Lauro, nunca. Eu posso ter vários homens, mas Conrado é o único homem que eu amo. Vou voltar para a mansão e salvar o meu casamento.

-- Sabe de uma coisa, eu não destruí os exames que comprova que você é estéril... Roberta os enviou há alguns meses para a mansão dos Medeiros, isso signif ica que alguém daquela

casa colocou as mãos nos exames, e sabe que você nunca poderá ter f ilhos!

Ela arregalou os olhos, avançando para cima dele, tentando esmurrá-lo no peito, mas ele a dominou e jogou-a sobre a grama f uriosamente e ao mesmo tempo cheio de desejo. Ele começou a rasgar a roupa dele, enquanto ela se debatia, tentando se livrar.

Mas ela não conseguiu se livrar dele. Ele abriu o zí per da calça e empurrou para dentro dela, o pênis duro e f urioso. Ele socou, e socou o membro dentro dela. Depois gozou, com prazer e satisf ação.

-- Eu volto. Assim que sentir desejo novamente, eu volto, porque você é minha, Amanda, minha!



Serena estava no quarto dando banho no bebê quando a campainha tocou.

Conrado estava lá embaixo. Marcelo começaria naquele dia disf arçado de chof er na mansão.

Conrado abriu a porta e Marcelo entrou. Ambos f oram para a biblioteca.

-- Conrado... Saiu o resultado da perí cia. Tentaram matar o seu pai, o carro f oi sabotado, cortaram os f reios.

Conrado não acreditava no que acabara de ouvir. Alguém também queria acabar com a vida do seu pai.

-- Eu não descarto a possibilidade de ser a mesma pessoa que tentou duas vezes matar a sua esposa ser o autor de mais essa tentativa de assassinato, só que desta vez contra o seu pai.

-- Eu nem sei o que dizer... Eu estou... —Conrado sacudiu a cabeça negativamente. —E o pior que eu acredito que essa pessoa que está fazendo isso, esta no meio da minha família.



Serena deixou o quarto com o filho nos braços. Ouviu novamente a campainha tocar... Conrado foi abrir a porta no momento em que ela começou a descer as escadas.

Mas antes dela chegara à sala, ela viu Marcelo. Ela ficou branca feito papel e teve que se agarrar no corrimão para não cair.

"Meu Deus, Marcelo aqui! Será que ele descobriu tudo sobre a troca?"

Ela se afastou para que ele não a visse, pedindo a Deus para que o filho não chorasse.

Conrado abriu a porta.

-- Conrado Medeiros é o senhor?—Perguntou um homem de quase cinquenta anos.

-- Sim, sou eu. Em que posso ajudá-lo?

-- Sou o investigador Sebastião Toledo e gostaria que me acompanhasse até a delegacia.

Serena que já estava nervosa com a presença de Marcelo ali ficou mais ainda ao ouvir a palavra delegacia.

-- Acompanhá-lo até a delegacia? Eu posso saber o motivo pelo menos?

-- Conhece Carla Mendes, Senhor Conrado?

Conrado estremeceu por dentro ao ouvir o nome de Carla, mas não deixou que o investigador percebesse.

-- Não conheço nenhuma Carla Mendes.

-- O senhor tem algum irmão gêmeo?

Conrado deu uma risadinha não entendendo nada.

-- Eu não tenho nenhum irmão gêmeo!

-- Então o senhor conhece sim Carla Mendes.

-- Eu já disse que não conheço nenhuma Carla Mendes!

-- Conrado Medeiros, você está preso como principal suspeito de ter matado Carla Mendes. —Declarou o investigador.

De onde estava Serena soltou um rouco gemido, e uma tontura a envolveu, e ela quase caiu com o filho.



Marcelo foi com Conrado para a delegacia. No caminho Conrado ligou para o seu advogado.

Segundo o delegado Garcia, uma vizinha de Carla tinha visto Conrado ir umas três até a casa de Carla. Da ultima vez ela o fotografou e garantiu que ele saiu de lá pouco antes do crime.

-- Há quanto tempo conhece Carla Mendes?

Conrado não respondeu e fez uma pergunta:

-- E por que essa vizinha me fotografou? Qual o interesse de uma desconhecida ter uma foto minha?

O delegado fechou a cara, não gostando da pergunta.

-- É, Delegado, o meu cliente tem o direito de saber porque essa vizinha estava tirando fotos dele!—Falou o advogado de Conrado o doutor Bruno.

-- Segundo ela, ela o achou muito bonito, ela disse que ele parecia um artista de cinema, por isso bateu algumas fotos. Agora eu volto a fazer a mesma pergunta: Há quanto tempo conhece Carla Mendes?

-- Há pouco tempo. Carla era uma amiga, apenas um começo de amizade, nada mais.

-- Eram amantes?—Perguntou o Delegado Garcia.

-- Eu acabei de falar que éramos apenas amigos. —Conrado estava ficando nervoso. —Eu sou um homem casado, delegado.

-- E daí? Conheço muitos homens casados que comem fora! O filho que ela esperava era seu?

-- Ela não era minha amante e essa resposta responde a sua segunda pergunta tá legal?—disse Conrado perdendo de vez a paciência.

-- A arma do crime foi encontrada nas proximidades da casa, e nela continha as suas impressões digitais!—Revelou o delegado, pegando Conrado de surpresa.



Serena andava de um lado pelo outro em seu quarto, sem saber o que pensar. Conrado conhecia Carla! De onde ele a conhecia e qual a ligação dele com ela? Será que Conrado sabia que ela não era Amanda e estava fingindo esse tempo todo? Carla havia descoberto quem queria acabar com ela e Amanda, e por isso terminou sendo assassinada. E agora surgi mais essa sobre a possibilidade de Conrado conhecer Carla e tornar-se o principal suspeito de tê-la matado!

Não! Conrado não mataria Carla, ele não mataria ninguém! Mas de onde ele a conhecia? E por que Carla nunca falou a ela que conhecia Conrado?

Serena estava angustiada com aquele mistério.



Naquele momento Alexandre andava com a sua cachorrinha pelo pasto da f azenda, sem saber que estava sendo observado por Felipe. -- É hoje que eu pego você, garoto, é hoje!

Capítulo 30

NA DELEGACIA, CONRADO DIZIA pela quarta vez que não havia matado Carla.

-- Eu não tinha motivos para matá-la, pois praticamente eu havia acabado de conhecê-la.

-- Mas como o senhor explica suas impressões digitais na arma?— Perguntou o delegado Garcia.

-- Armaram contra mim!—Declarou Conrado.

-- Delegado, eu e minha esposa conhecí amos Carla. — Revelou Marcelo. —Ela era uma grande amiga de minha esposa, portanto está sendo uma surpresa para mim, Conrado, saber que você a conhecia, mas isso não quer dizer que ele a tenha, matado.

O Delegado desconf iavaque houvesse muitas coisas por trás da morte de Carla. E para o delegado mesmo que não tenha sido Conrado, ele sentia que Conrado estava escondendo alguma coisa.



Felipe saiu de trás da árvore e f oiem direção a Alexandre. Chegou por trás dele e colocou contra o seu nariz um lenço molhado de éter. O menino perdeu os sentidos, e ele o levou para o carro.

Serena sentiu uma pontada no peito, e um desejo desesperado de ligar para a f azenda para saber notí cias do f ilho.

Ela ligou e Amanda disse que Alexandre estava brincando com sua cachorrinha e que tudo estava bem.

Serena conseguiu f icar um pouco mais calma, ao ter certeza que o f ilho estava bem.

-- Conrado conhecia Carla. —Disse ela a Amanda.

Amanda f icou surpresa diante da notí cia.

-- Mas como eles se conheciam?

-- Conrado e Marcelo também já se conheciam, e há muito tempo.

-- Como?—Amanda f icou mais estupef ata.

-- Marcelo esteve aqui hoje, andei sondando os empregados. Parece que ele vai ser o novo chof erda mansão... Eu não estou entendo...

-- Pois eu estou. Marcelo me contou que f oiinvestigador e com certeza Conrado o contratou para descobrir quem tentou matar você. Agora quanto a Conrado conhecer Carla... Isso é muito estranho.

-- De uma coisa eu tenho certeza, Amanda, Conrado não matou Carla.

-- Será que não matou mesmo?—A pergunta ficou suspensa no ar.

Serena bateu f uriosamente o f one no gancho. Junior dormia tranquilamente, ela resolveu descer. Precisava saber notí cia de Conrado, ela tinha que vê-lo.

Ao terminar de descer o ultimo degrau da escada a campainha tocou. Ela mesma f oiabrir a porta e quase caiu para traz ao ver Marcelo. Mas ela f ingiumuito bem, disf arçoucomo se nunca o tivesse visto.

Marcelo encontrava-se diante dela estupef ato! Seus olhos estavam arregalados e a surpresa reinava em seu rosto naquele momento. Pelo menos era o que parecia.

Serena deu alguns passos para trás, f ingindo um sorriso agindo como se não o conhecesse.

-- Em que posso ajudá-lo?

-- Não pode ser! Quem é você? Qual é o seu nome?—Ele tinha os olhos totalmente arregalados, f ixos em Serena.

-- Meu nome é Amanda Medeiros.

-- Você é idêntica a uma pessoa, você é... Idêntica a minha esposa. É como se você f osse um clone dela...

-- Qual é o nome do senhor?

-- Marcelo Alencar... Sou o novo chof er da casa. Eu estava aqui quando a polí cia levou o seu marido... Ele quer muito vê-la e me pediu para leva-la até ele.



Conduzira Conrado para a sala de visitas. Serena estava lá... Sozinha.

-- A gente tem muita coisa para conversar, não tem?— Falou ela, olhando para ele, cheia de amor e carinho. Ele não mataria ninguém, nunca! Aquele homem era o pai dos seus dois, o grande amor de sua vida, ele não era um assassino!

-- Pensei que nunca f osse dizer isso.

Ela f oi para os seus braços, e se abraçaram. Uniram seus lábios em um beijo apaixonado, cheio de desejo.

-- Eu não sou um assassino, eu não matei ninguém. — Disse ele ainda abraçado a ela.

-- Eu sei, eu acredito em você. Mas de onde você conhece Carla?

-- Eu posso lhe responder essa pergunta, se você me contar toda a verdade.

-- Verdade? Que verdade?—Ela estremeceu e saiu de seus braços, dando as costas para ele.

-- Eu amo você! Amo e amo!—Falou ele o mais doce possí vel.

Ao ouvir aquela conf issãoo coração de Serena começou a bater descompassadamente. Ele chegou por trás dela, envolvendo-a pela cintura e mordiscando a sua orelha.

-- Muitas coisas estão acontecendo. Uma pessoa maluca tentou acabar com você e tentou também acabar com a vida do meu pai. O acidente que ele sof reu f oi criminoso. Marcelo o novo chof er lá de casa, não é um chof er, é um detetive que eu contratei para descobrir quem f oi que tentou matar você duas vezes... Marcelo f oi um grande amigo meu no passado. Quero que me conte tudo, que se abra comigo, porque eu já a perdoei pela mentira.

Mais uma vez o coração dela disparou.

-- Mentira? Que mentira?

-- Será que... As gêmeas devem mesmo morrer... Serena?

Serena virou-se para ele bruscamente, encarando-o completamente surpresa!

Capítulo 31

SERENA ESTAVA PERPLEXA!

-- Você... Você sabe?

-- Eu sei de tudo, Serena, de tudo. O elevador... Lembra? Era você em meus braços e não... Amanda.

As lágrimas começaram a descer pelo rosto de Serena.

-- Não tenho raiva de você, Serena, não tenho ódio! E também não a culpo, pois sei que f oiAmanda que a obrigou f azero que f ez,a trocar de lugar com ela. Eu peguei os exames no quarto do meu pai que comprovavam que Amanda não podia ter f ilhos...

-- Então foi você que pegou os exames?—Ela parecia estar em transe.

-- Eu achei muito estranho, pois sei que Amanda não mudaria de uma hora para outra. Quando eu beijava, quando eu abraçava você, tudo parecia dif erente... Um f ogo consumia o meu corpo e um desejo me dominava por inteiro. Aquele jeito carinhoso seu... O jeito doce de tratar o meu pai, coisa que Amanda não f azia. E então aqueles exames... E você grávida! A minha cabeça quase pirou! Como você poderia estar grávida se era estéril? Um dia então, Carla me procurou no supermercado... E me contou tudo, dizendo que você era uma ví tima e que tinha aceitado trocar de lugar com Amanda para salvar Alexandre.

-- Alexandre?—Os olhos de Serena brilharam cheios de amor e carinho ao f alar o nome do f ilho. —Carla te contou sobre Alexandre? Ela contou que ele é...

-- Que ele é meu f ilho?—Disse ele sorrindo também com lagrimas nos olhos. —Sim, ela me contou. —Eu tinha um f ilho, o neto que o meu pai tanto queria já existia... Você não sabe como está sendo dif í cil para eu ver Alexandre e não poder abraçá-lo.

-- Você já o viu?

Conrado contou que Carla o levou até a escola para vê-lo à distância.

-- Todos os dias na saí da eu vou vê-lo. Ele é um lindo garoto. — Disse ele emocionado. —Peço a Deus para que o meu pai sobreviva para poder conhecê-lo. Carla estava muito preocupada com você. Naquele dia ela ligou para você e Amanda e para mim. Eu ia encontrar você lá, ia dizer para vocês duas que já sabia de tudo. Mas quando cheguei lá, nem você e nem Amanda estavam lá, e Carla estava morta! Fiquei desesperado imaginando que alguma coisa poderia ter acontecido com você também e com medo que se alguém me visse ali, poderia pensar que eu matei Carla. Sai da casa dela disposto a encontrar você, eu tinha encontrado um segurança para vigiar você, ele me ligou dizendo que você estava em uma praça e que parecia que ia ter um bebê. Alguém quer me incriminar, e eu não sei como as minhas digitais f oram parar na arma que matou Carla. Eu acredito que seja alguém da minha f amí lia.

-- Seu pai tem um f ilho f ora do casamento. Você sabia disso?

A surpresa no rosto dele f oi à resposta.

-- Não. Ninguém lá de casa sabe disso. Como você soube?

Serena contou que Amanda tinha ouvido uma conversa de Amadeu com esse tal f ilho pelo telef one.

-- A pessoa que quer acabar comigo e com Amanda, e que matou Carla, pode ser esse f ilhodesconhecido. —Disse Serena. — Carla tinha descoberto quem era por isso morreu.

-- Serena, você, podia ter me procurado, ter desmascarado Amanda, ter dito que era você que estava no elevador comigo naquela noite e não ela. Você podia ter me dito que esperava um f ilho meu e tudo podia ter sido dif erente. —Ele voltou a abraçá-la.

-- Eu amo muito você, Conrado, nunca, o esqueci. —Ela saiu dos braços dele. —Você precisa saber de outra coisa. Antes quero que saiba que eu não amei nenhum outro homem, você f oio único na minha vida, mas... Eu me casei. Porém até hoje eu não tive nenhuma intimidade com o meu... Marido. Você já conhecia Marcelo quando o contratou para as investigações?

-- Faz anos que eu conheço Marcelo. A mulher dele também conhecia Carla. – Conrado f ixou seus olhos verde em Serena, novamente surpreso. —Você. É você!

-- Sim... Marcelo é meu marido.

Capítulo 32

-- Marcelo é seu marido!

-- Casei-me com Marcelo porque ele é um homem bom, gosta de mim, mas f oium erro, eu nunca vou amá-lo. E eu gostaria que pelo menos por enquanto, ele não f icassesabendo dessa troca.

Serena contou a Conrado que Marcelo esteve na mansão e que f icou surpreso ao vê-la.

-- Eu f ingi como se nunca o tivesse visto.

Serena respirou f undo...

-- Amanda vai voltar para a mansão.

-- Ela vai voltar para a mansão e f ingirpara todos, como se ela tivesse dado a luz! Eu não quero que ela volte para a mansão! Junior é seu f ilho, meu f ilho!

-- Não... Pelo amor de Deus, deixe-a voltar para a mansão, e f inja que não sabe de nada. —Pediu ela. —Ela é minha irmã, apesar de tudo ela é minha irmã. Eu tenho esperança que ela mude, e conte tudo a você.

-- Mas e nós, Serena, e nós? Por culpa dela já perdemos tempo demais. Eu amo você e não a ela! Ela vai voltar para a mansão e você vai voltar para Marcelo...

-- Não! Eu vou me divorciar dele, pois não tem sentido a gente f icar casado. Vai doer muito ter que f icar longe do Junior, assim como doeu ter f icado longe de Alexandre durante esses meses, só que desta f ezé dif erente, tem uma dif erença, pois o pai dele vai f icar com ele, você vai estar com Junior

Conrado tocou o rosto dela, deslizou os dedos pelos seus braços.

-- Você acredita realmente que a sua irmã possa mudar?

-- Sim. Ela ainda tem salvação, por isso eu peço a você que não f ale nada a ela, Continue f ingindo que não sabe de nada, por f avor -- Vai ser dif í cil f icar longe de você. —Eles voltaram a se beijar. Tempo depois o policial entrou na sala, dizendo que o horário de visitas já havia terminado.



Aline a esposa de Viní cius deu a luz a uma menina.



Alexandre f oi colocado dentro de um quarto sem janelas. Felipe saiu e trancou a porta.

Quando Alexandre acordou começou a gritar por socorro.

Mas ninguém apareceu.

O garoto estava desesperado!



Conrado f oi solto. O pedido de habeas corpus f oi aceito pelo juiz. Quando ele chegou à mansão, Serena pulou em seu pescoço e o beijou. Ele a carregou para o quarto e eles f izeram amor.

Ficaram um nos braços do outro, ela com a cabeça apoiada em seu peito.

-- É amanhã, meu amor.

-- Amanhã o que?

-- Que Amanda volta para essa casa.

-- Se dentro de três meses ela não der nenhum sinal de mudança, eu mando ela embora daqui. —Disse ele.

Já era noite, quando Serena recebeu o telef one de Amanda. Conrado estava ao lado de Serena com a mão sobre o seu ombro. -- Alexandre f oi sequestrado. —Disse Amanda do outro lado da linha.

Conrado teve que amparar Serena para que ela não caí sse.



No di a segui nt e...

Amanda entrou pelos f undos da mansão e subiu para o segundo andar sem ser vista.

Conrado tinha acabado de colocar o f one no gancho, quando ela entrou no quarto. Ela f oi até Conrado e o beijou nos lábios, como se ela nunca tivesse se ausentado da mansão.

Amanda f oi até o berço, sob o olhar de Conrado. Ela pegou o bebê, sorrindo... Maravilhada.



Serena não ia f icar na f azenda com Marcelo, pref eriu f icar em sua casa na cidade.

Uma empregada da f azenda tinha visto o rosto do homem que havia levado Alexandre. Por isso Serena f oi naquele f inal de tarde f alar com Sueli.

Serena levou f otos da famí lia Medeiros para mostrar a ela... Menos a f oto de Conrado e o velho Amadeu que ainda

continuava em coma no hospital.

Sueli olhou foto por f otoe f oina ultima que ela f icoualgum tempo indecisa, e parecia assustada. Era a f oto de Felipe.

Ela reconheceu Felipe como sendo o homem que havia levado Alexandre.

Mas Sueli estava com medo, com muito medo. Por isso ela balançou a cabeça negativamente e disse:

-- Não f oi nenhuma dessas pessoas.

Serena deixou a f azenda totalmente decepcionada. Quando ela saiu da estrada de terra e entrou na rodovia, ela pisou f undono acelerador e colocou o carro para correr. O tempo estava se f echando, ameaçando uma tempestade. E de repente o carro f oi diminuindo a velocidade... Até parar.

Ela saiu do carro, pensando em pegar uma carona para chegar à cidade. Mas a rodovia estava deserta, nenhum veí culo passava por ali naquele momento. Ela abriu o capô do carro, para ver o que tinha acontecido. Falta de gasolina não era, pois o tanque estava cheio. Enquanto olhava o motor do carro, ela não percebeu quando um carro surgiu na curva e veio em alta velocidade... Quando ela levantou a cabeça e viu o veí culoir em direção a ela, com a intenção de não parar, ela se jogou para o outro lado da rodovia, e o carro f oi para cima do seu atingindo-o com f orça total jogando-o para f ora da rodovia.

O carro dela caiu em um buraco de quase vinte metros de prof undidade, e se ela não tivesse saí do da f rente, teria ido junto com ele.

O Monza preto deu marcha ré preparando-se para ir para cima dela, quando descobriu que ela havia escapado.

Serena se embrenhou no mato e começou a correr. O Monza entrou no mato ido para cima dela numa velocidade inf ernal, passando por cima de tudo que encontrava pela f rente. Foi então que Serena caiu após virar o pé. A dor f oi alucinante e ela f icou olhando para o carro que ia para cima dela disposto a esmagá-la.

Serena cobriu a cabeça com as mãos quando descobriu que não tinha mais saí da,pois o Monza de vidro f umeia esmagá-la. Ela f echou os olhos esperando pelo pior, mas não aconteceu. O Monza parou bem próximo dela. Ela abriu os olhos encarando o automóvel que poderia acabar com ela a qualquer momento.

A pessoa começou a acelerar o carro, numa ameaça diabólica e assustadora. A chuva chegou junto com o vento e de quebra veio relâmpagos e trovoes. A pessoa continuava a acelerar o carro, enquanto a chuva molhava o corpo de Serena e o vento parecia querer carregá-la, castigá-la.

Ela estava paralisada, não tinha f orças para correr. Mas a vontade de viver f oi mais f orte, e ela saiu correndo em disparada e o carro arrancou para cima dela novamente. Correr! Sobreviver! Ela precisava salvar a própria vida! Foi então que o chão rompeu sob os seus pés, e ela desceu rolando batendo a cabeça em uma pedra assim que o corpo parou de rolar. Ela f icou imóvel, com a chuva continuando a cair sobre o seu corpo.

O Monza voltou para a rodovia, e f oi embora.

Serena continuava lá embaixo, com a chuva caindo sobre ela. Ela parecia morta, não se mexia!

Faltava pouco para a noite cair e envolver a terra.

-- Serena!—O grito de Conrado ecoou pelo campo, ele vinha correndo, se embrenhando pelo mato, gritando por ela. —

Serena!

Capítulo 33

ELE A VIU LÁ EMBAIXO

-- Sereeena! — Gritou ele a plenos pulmões.

Conrado desesperado desceu até o buraco pegando Serena nos braços, e chorando f eito uma criança, imaginando que ela estivesse morta. Ele tirou o barro do seu rosto, e procurou trazê-la de volta a consciência. Ela f oi despertando, e momentos depois ela abriu os olhos.

-- Meu Deus, eu estou viva!—Disse ela.

A chuva continuava a cair.

-- Minha,querida, pensei, que eu a tivesse perdido. Eu estava indo para a f azenda f alar com você...

-- Você me salvou a vida, Conrado. Se não f osse você eu morreria aqui. Como você me achou?

Ele saiu carregando-a nos braços, levando-a para a rodovia onde o carro dele estava.

-- A tecnologia está avançada, meu amor, e eu não vou negar que estava muito preocupado, com medo que a tal pessoa tentasse alguma coisa contra você novamente, e eu não estava enganado, pois novamente essa pessoa tentou contra a sua vida... E graças a Deus que não deu certo. Coloquei um GPS em seu carro.

Conrado levou Serena para a casa dela. Lá ele a colocou debaixo do chuveiro e carinhosamente começou a passar a esponja

em seu corpo. Enquanto f aża isso, ele aproveitou para beijá-la e acariciar lhe os seios.

Serena o f eztirar a roupa, e o abraçou, beijando-o na boca, enquanto o jato de água quente caia sobre eles. Ele a empurrou contra os azulejos do banheiro, e ela cruzou as pernas ao redor da cintura dele, no momento em que o membro dele encontrou a abertura de sua vagina. Ele deslizou para dentro dela, e ela soltou um rouco gemido de prazer. Lá f ora a tempestade continuava caindo...

Conrado esmagava o corpo de Serena contra os azulejos, enquanto entrava e sai de dentro dela. Os dedos dela estavam enterrados nos cabelos dele, e ela de olhos f echados,sentia todo o prazer do mundo.

Meia-hora, depois, deitados, na cama, debaixo dos lençóis ouvindo a chuva, cair, ele disse:

-- Eu f uiprocurar a tal mulher, vizinha de Carla, a que tirou as f otos minhas saindo da casa de Carla. Ela não queria me receber, pois não queria encrenca. Ela só aceitou a f alar comigo depois que eu of ereci a ela, uma boa grana. Ela disse que uma pessoa a procurou para que ela tirasse as f otos e que a pagou muito bem pelo serviço. E essa pessoa pediu para que ela entregasse as f otos à polí cia.

-- E essa pessoa ela f alou se é homem ou mulher?— Perguntou Serena.

-- Mulher.

Conrado f oiembora assim que o dia amanheceu. Quando chegou à mansão, Amanda já estava de pé, não tinha dormido e queria saber onde ele havia passado à noite.

-- Na empresa, passei a noite na empresa. Tinha muito trabalho para f azer, e essa chuva que caiu sobre a cidade, provocou alagamentos, derrubou árvores, e eu achei melhor não me arriscar.



Meia hora depois de Conrado ter ido embora, a campainha tocou. Serena abriu a porta, deparando-se com Marcelo.

-- Serena... O que aconteceu? Por que voltou para cá, tudo estava indo tão bem entre a gente... O que está acontecendo, Serena?

-- Por f avor, Marcelo, vai embora. Eu... O sequestro de Alexandre está me deixando desorientada. Portanto é melhor você ir embora.

-- Serena, sou o seu marido, lembra? Não sou nenhum desconhecido. —Ele tentou tocá-la e ela se af astou.

-- Marcelo... Acho que não devemos continuar casados. — Conseguiu dizer ela.

-- O que? O que é isso, Serena? O que está acontecendo? Tudo estava indo tão bem entre a gente, eu te amo.

"Tudo est ava indo t ão bem ent re você e Amanda" - Ela teve vontade de dizer.

-- Eu reencontrei o pai do Alexandre...

-- Você o que?—O olhar dele era de surpresa total. —Você nunca me f alou sobre esse cara, sempre se recusou... E agora você

vem e me diz que o reencontrou? É demais para mim, não acha Serena?

-- A verdade, Marcelo, é que eu nunca deixei de amar o pai de Alexandre. Só não f icamos juntos no passado por causa da armação de outra pessoa... Ele está f azendode tudo para encontrar o meu f ilho... O nosso f ilho.

As lagrimas começaram a descer pelo rosto bonito de Marcelo. Serena sentiu pena, pois ele era um homem muito bom para ser magoado daquele jeito.

-- Me perdoa, por f avor, pois a ultima coisa que eu quero nesse mundo é magoá-lo. —Ela estava com um nó na garganta.

-- Gostaria de morrer, de desaparecer do mundo. —Disse ele abrindo a porta para ir embora. —Seria bom se eu morresse somente para não vê-la com esse homem.

Dizendo isto ele saiu batendo a porta.



Era meio dia quando Serena ligou para Conrado.

-- Estive pensando: Se é uma mulher que armou contra você, para incriminá-lo pela morte de Carla, então essa pessoa que levou Alexandre não é a mesma pessoa que quer acabar comigo e Amanda.

-- Há a possibilidade de duas pessoas estarem envolvidas nisso... Um homem e uma mulher... O homem sequestrou Alexandre e a mulher matou Carla. Sabe Serena, uma coisa me preocupa muito: Eu não queria dizer para não assustá-la, mas você tem que saber! O sequestro do nosso f ilhopode não ter nada a ver com você

e nem com Amanda. —Conrado estava no quarto sozinho, Amanda havia saí do.

-- O que você está querendo dizer, Conrado?

-- Tráf ico de crianças. —Conseguiu ele dizer

-- Tráf icode crianças?—Repetiu ela alarmada. —Você acha que alguém levou o nosso f ilho, para vender em outro paí s? Oh, Deus não!—Ela começou a chorar apertando com f orça o f one. — Se f or isso, Conrado, então o nosso f ilho já pode estar bem longe daqui!

-- Calma, Serena, pelo amor de Deus f iquecalma, vou já para ai.



Era noite quando vários carros da policia pararam em f rente à mansão dos Medeiros. Os policiais desceram e f oram rodeando a casa, enquanto o delegado Garcia tocava o interf one.

-- Polí ciahá essa hora? —Falou Aline que segurava a f ilha nos braços.

Viní cius abriu a porta e o delegado com mais cinco policiais f oram entrando.

-- Mas o que está acontecendo?—Perguntou Viní cius. — Não podem ir invadindo a casa! Somos pessoas de bem!

-- Começo a duvidar que todos aqui sejam pessoas de bem. Primeiro f oi Conrado Medeiros principal suspeito de ter matado Carla Mendes...

-- Conrado não matou ninguém. —Apareceu Simone descendo as escadas. —Não me diga que veio aqui para prendê-lo novamente?

-- Não. Eu não vim para prendê-lo. Vim para prender Felipe...

-- Felipe é meu cunhando. —Falou Viní cius.

-- Há anos que eu quero pegá-lo. Mas nunca tive provas suf icientespara isso... Mas agora eu tenho as provas que precisava para colocar aquele miserável na prisão! Homens: revistem toda a casa!

-- Mas o que o meu cunhado f ez?—Sérgio chegou da rua.

-- Felipe comanda uma quadrilha que sequestra crianças para vender para outros paí ses, ou para retirada de órgãos.



Felipe se vestiu rapidamente, pois sabia que o cerco tinha se f echado ao seu redor. Lana saiu do banheiro assustada a tempo de ver o marido pular a janela.

-- Ele está f ugindo, ele está f ugindo!—Gritou um dos policiais.

-- Não deixem que ele f uja!—Gritou o delegado Garcia.

Então na escuridão da noite um tiro f oi disparado.

E Lana chegou até a janela, gritando:

-- Feliiiipe!

Capítulo 34

O dia seguinte amanheceu com chuva.

Felipe tinha sido alvejado no braço e estava bem, mas se encontrava naquele momento em um quarto de hospital com dois policiais para vigiá-lo.

A notícia de sua prisão saiu em todos os jornais e na televisão também.



Era final de tarde, Conrado estava na casa de Serena. A prisão de Felipe os surpreendeu, pois nem eles e ninguém imaginavam que ele era esse tipo de pessoa.

-- Pode ter sido ele que levou Alexandre. —Disse Serena. —Eu estou com muito medo, Conrado. Tenho medo de nunca mais voltar a ver o nosso filho.

-- Calma, querida, Alexandre vai voltar pra gente, você vai ver!

A campainha tocou e cautelosamente Serena foi ver quem era. Era Sueli a esposa de uma dos empregados da fazenda de Marcelo. Serena abriu a porta, enquanto que Conrado continuava na cozinha.

-- Sueli...

-- Eu menti, dona Serena, eu menti quando disse que nenhuma daquelas pessoas nas fotos que me mostrou era a que levou Alexandre. Foi um deles sim que levou o seu filho! Aquele

cara que foi preso ontem à noite, da família Medeiros... Seu nome parece que é Felipe... Foi ele... Ele que levou o seu filho!



Conrado entrou no quarto de Felipe disfarçado de médico. Ele passou pelos policiais, entrou e fechou a porta. Felipe estava adormecido e só acordou quando sentiu o cano da arma de Conrado em sua cabeça.

-- O que é isso, Conrado? Ficou louco?—Ele tentou se levantar, mas Conrado não deixou.

-- Seu filho da mãe miserável!— Falou Conrado. —Quero que me diga agora para onde você levou o garoto que você sequestrou na fazenda Arco Íris!



Já passava da meia-noite quando a polícia invadiu um sobrado afastado da cidade e encontraram cinquenta crianças, todas preparadas para serem mandadas para outros países. Os cúmplices de Felipe foram presos, e as crianças assustadas olhavam com medo para os policiais.

Alexandre não estava no meio daquelas crianças. Felipe havia mentido para Conrado.



Sérgio tinha acabado de sair, quando o telefone tocou. A empregada atendeu e chamou Simone.

--Alô... Você? Eu falei para nunca ligar para cá! Tudo bem eu vou me encontrar com você.

Simone desligou o telefone e ficou algum tempo na sala, pensativa. Não tinha conseguido conquistar Conrado... E o seu casamento com Sérgio não ia muito bem.

Tinha desistido de Conrado, ele nunca olharia para ela. Ele nunca seria dela, e ela não estava disposta a ficar implorando para que ele a levasse para cama.

Ela subiu, pegou a bolsa e foi se encontrar com o amante!



Conrado ia entrar no hospital e tentar arrancar de Felipe para quem ele tinha vendido Alexandre, quando quatros homens saíram encapuzados do hospital e junto com eles estava Felipe. Os homens tinham invadido o hospital, renderam os policiais de plantão e tiraram Felipe do quarto. Felipe foi levado para um carro que já aguardava por ele no próximo quarteirão.

Conrado voltou para o seu automóvel, disposto a seguir o carro que levava Felipe.

Ele não perdeu o carro de vista, nem mesmo quando ele deixou a cidade e entrou na rodovia.

Mas os homens de Felipe perceberam que estavam sendo seguidos e começaram a atirar contra o carro de Conrado.

Um tiro acertou um dos pneus da frente do carro, estourando, fazendo-o perder o controle do carro, sair da estrada e se chocar contra uma árvore. Com o impacto Conrado bateu a cabeça no volante e perdeu os sentidos.



Amanda tinha acabado de colocar Junior no berço, quando sentiu tudo girar a sua volta. Ela precisou se apoiar no berço para não cair. Começou a suar f rio, se sentido sem f orças para dar um passo. O celular dela que estava sobre a cama começou a tocar. Ela se arrastou até a cama e pegou o aparelho. Sua visão estava completamente turva e sua voz saiu devagar.

-- Alô

-- Querida Amanda, sou eu... Lauro. Você voltou para a mansão, não é? Liguei para lhe dizer que quero você, todinha. Quero beijar todo o seu corpo... Gostosa... Quero vê-la... Agora!

-- Eu... Eu acho que estou morrendo. —Disse ela de olhos f echados.

O celular caiu de suas mãos e ela bateu o rosto no chão!

Lauro percebeu que Amanda não estava brincando. Por isso ele correu até a mansão, disse que era o médico dela, f oiaté o quarto e junto com os empregados, a encontrou, caí da.

Lauro chamou uma ambulância e f oijunto com Amanda para o hospital.

O médico pediu alguns exames, disse que o que tinha acontecido, podia ter sido algo puramente emocional, mas teriam que esperar o resultado dos exames para terem certeza...

-- Nunca pensei que algum dia eu f osselhe agradecer por alguma coisa, mas muito obrigada por ter me trazido até aqui. — Disse Amanda a Lauro.

Ele segurou as mãos dela, levando-as aos lábios, beijando dedo por dedo.

-- Eu amo você, do meu jeito, mas a amo. Estou me divorciando de Roberta, se você f osseuma mulher livre eu a pedirei

em casamento.

-- Mas com certeza eu não aceitaria. —Falou ela abrindo a porta do quarto do hospital e saindo.



Conrado despertou com uma tremenda dor de cabeça, ele estava sobre uma cama, em um quarto quase que escuro e todo f echado.Ele saiu da cama soltando um rouco gemido, com as mãos na cabeça. Forçou a maçaneta, e teve a certeza de que estava realmente preso naquele lugar!

Capítulo 35

Dois dias depois...

-- Está me dizendo que Conrado desapareceu?—Falou Marcelo para Vinicius. —Alguma coisa pode ter acontecido a ele!

—Você faz perguntas demais para um chofer, e está sempre observando cada um dessa casa. Parece até um detetive.

Marcelo deu um sorriso.

-- Eu? Detetive?

-- Sim. – Vinícius olhava bem para ele. – Não gostei de você.



Já passava da meia noite, quando Serena conseguiu dormir. Ela teve um sono agitado, um pesadelo. No pesadelo estava ela e Amanda e de repente aconteceu uma explosão!

Serena acordou gritando e acendeu a luz, completamente apavorada.

Serena estava preocupada com Conrado, fazia dois dias ele não entrava em contato com ela e ela não conseguia falar com ele. Já tinha pensado em ligar para Amanda e perguntar para ela sobre Conrado, mas achou melhor não, pois Amanda podia desconfiar descobrir que ela e Conrado se encontravam e que ele já sabia de tudo.

Mas depois do pesadelo, ela achou melhor ligar para Amanda, para alertá-la sobre o sonho que tivera.

Amanda atendeu o celular...

-- Amanda sou eu... Serena... — A voz de Serena estava tremula.

-- Aconteceu alguma coisa, Serena?

-- Tive um sonho horrí vel! Era um aviso, Amanda, um aviso! O aviso é de que uma de nós duas vai... Morrer.

Um calaf rio percorreu o corpo de ambas naquele exato momento!



No cativeiro Conrado avançou para cima do homem que f oi levar o caf é da manhã para ele. Ele f icou atrás da porta, e f oi para cima do sujeito, dando-lhe uma gravata para depois esmurrá-lo inúmeras vezes no rosto. O homem perdeu os sentidos. Conrado tirou da cintura dele um revólver calibre 38 e saiu do quarto com passos calmos e silenciosos. No f inal do corredor Conrado ouviu o choro de uma criança. Seu coração disparou. Lentamente Conrado colocou o ouvido na porta.

-- Eu quero sair daqui. – Dizia o garoto.

-- Ei, garoto, tudo bem com você?—Perguntou Conrado praticamente num sussurro.

O menino levantou o rosto molhado pelas lagrimas indo em direção à porta.

-- Quem é você? Um daquelas caras maus que me trouxe para cá?

-- Eu não sou um dos caras maus, estou aqui para ajudar você.

Pode me dizer o seu nome?

- Me chamam Ale... Alexandre.

-- Alexandre?—Um sorriso alargou o belo rosto de Conrado. — Alexandre! Filho de Serena?

-- Sim.

-- Agora você vai me dizer, Conrado, porque está tão interessado nesse garoto!—Apareceu Felipe encostando o cano do revólver na cabeça de Conrado. —Vamos! Eu quero saber! Por que esse garoto é tão importante para você?

-- Você mentiu para mim, você disse que ele tinha sido vendido, e que já estava em outro paí s...

-- Realmente ele já f oivendido, e vai se entregue amanhã para a sua nova f amí lia...

-- Não vai não, Felipe. Ninguém vai levar o meu f ilho!— Declarou Conrado.

-- Filho?—Indagou Felipe perplexo. —Esse garoto é seu f ilho?

Como resposta, Conrado se virou, dando um golpe na mão de Felipe, f azendo o revólver voar longe. Os dois começaram uma luta corporal! Naquele momento Felipe estava sobre Conrado, tentando socar seu o rosto, mas ele desviou inúmeras vezes e quando conseguiu f icar por cima de Felipe, Conrado socou-o no rosto com muita f orça. Zonzo com o sangue escorrendo pelo rosto, Felipe não conseguia nem abrir os olhos direito. Conrado pegou o molho de chaves que estava preso na cintura dele e inseriu uma a uma na porta até conseguir abri-la.

No f undo do quarto estava Alexandre, completamente assustado. Conrado sorriu para ele e f oiem sua direção abraçando-o.

-- Quem é o senhor?—Perguntou Alexandre com o rosto colado contra o peito dele.

-- Seu pai. —Respondeu Conrado beijando várias vezes o rosto do menino.

-- Meu pai?—Falou Alexandre surpreso.

-- Sim. Depois eu conto tudo a você, primeiro vamos sair daqui.

Não foi fácil para Conrado e Alexandre saírem dali. Felipe conseguiu pegar a arma, e disparou-a. O tiro acertou a perna de Conrado.

Os outros bandidos ouviram o disparo, e saíram homens armados por todos os lados... E sob uma chuva de balas, protegendo o filho com o próprio corpo, Conrado conseguiu chegar até um dos carros, fazer ligação direta e deixar o local.



O sonho. Para Serena tinha sido um aviso do que estava para acontecer. Uma das duas ia morrer.

Amanda tinha lhe dito que Conrado havia sumido já fazia dois dias. Serena sentia que algo de muito sério havia acontecido a ele, por isso ele não entrava em contato.

Marcelo apareceu na casa de Serena naquela manhã.

Ele queria que ela voltasse para ele, mas ela foi firme e disse que não tinha como eles voltarem. Ela o achava uma boa pessoa, queria o como amigo e não como marido.

-- Serena, você tem uma irmã gêmea?

-- Amanda?—Ela não ia esconder mais dele.

-- Então você conhece a esposa de Conrado Medeiros?

-- Ela é minha irmã gêmea, Marcelo. E Conrado Medeiros é o pai de Alexandre. —Serena não ia esconder mais nada dele, só não f alaria da troca.

Marcelo sentou-se completamente embargado pela surpresa.

-- Eu e Amanda nos apaixonamos pelo mesmo homem, nós nos apaixonamos por Conrado Medeiros... Faz anos que não vejo Amanda... Eu conheci Conrado primeiro, em uma f esta...

Serena começou a contar, e Marcelo ouvia com atenção com seus olhos f ixos em nela.



Amanda tinha recebido um telef onema urgente do médico. Ela f oi até o hospital.

Diante dele, com a boca seca e as palavras de Serena:

“ Eu t i v e um s onho f oi mai s do que um s onho f oi um avi s o uma de nós duas vai mor r er ”.

-- Você tem câncer de pâncreas, eu sinto muito. Você só tem no máximo uns seis meses de vida.

Amanda abriu e f echou os olhos angustiadamente. Depois ela começou a ter uma crise de riso e choro ao mesmo tempo.

Capítulo 36

MARCELO HAVIA IDO EMBORA, Mas Serena estava preocupada com ele. Ela havia tocado no assunto da anulação do casamento e ele havia reagido de uma estranha.

-- Eu posso acabar com a minha vida, Serena, se não f icar comigo. Se não posso ter você, Serena, também não quero viver.

Ele tinha f icadode joelhos diante dela, implorado para que ela não o deixasse, mas era impossí vel f icar com ele, pois seu coração pertencia a Conrado.

Pouco depois que Marcelo saiu, a campainha tocou. Serena abriu a porta e quase caiu para trás ao ver Conrado e Alexandre. Ela abraçou os dois, chorando...

-- Conrado, o que houve com a sua perna?

-- Papai levou um tiro, mamãe! Ele levou um tiro para me tirar daqueles bandidos!—Os olhos de Alexandre brilhavam de orgulho. —Esse é o pai que eu sempre quis ter.

-- Já contei tudo a ele, meu amor. —Disse Conrado.

Conrado ligou para um médico que f oi até a casa de Serena e cuidou de sua perna, a bala tinha pegado de raspão. O f erimento não of erecia nenhum perigo.

Serena f ez um jantar especial naquela noite. Os três estavam f elizes e só f altava Junior ali.

-- Quero conhecer o meu irmão. —Disse Alexandre. Ele já sabia de tudo. Conrado já tinha contado tudo a ele: sobre a irmã

gêmea de Serena, a troca, o bebê... —Eu já sei, e gostaria de ver você e sua irmã juntas, mamãe...

-- Não sei se é uma boa ideia, Alexandre. —Serena tirava a mesa.

-- Eu percebia que você estava diferente, mas não imaginava que não era você... E o dia então que eu a peguei com aquele homem aqui na sala...

-- Homem?—Perguntou Conrado. —Que homem?

-- Meu filho,acho, que você falou demais. —Disse Serena.

-- Que homem, meu filho?—Perguntou Conrado.

-- O doutor Lauro, Carla deve ter lhe falado alguma coisa sobre ele. —Disse Serena. —Ele fazia chantagem com Amanda, ameaçava contar tudo a você sobre a esterilidade...

A companhia tocou e Serena olhou pelo olho mágico e o seu coração disparou.

-- É Amanda, ela não pode vê-lo aqui, Conrado. Será que aconteceu alguma coisa com o Junior?

-- A minha tia má? Eu quero vê-la. —Falou Alexandre.

Conrado foi para o quarto e Serena abriu a porta. Havia lagrimas nos olhos dela e Serena achou estranho. Nunca a tinha visto daquele jeito. Mas antes que Serena perguntasse se havia acontecido alguma coisa, Amanda olhou para Alexandre dando um largo sorriso.

-- Alexandre, meu Deus, acharam você?

Naquele momento Amanda surpreendeu Serena e foi em direção ao sobrinho, abraçando-o.

-- Aconteceu alguma coisa, Amanda? Junior...

-- Não se preocupe que o Junior está bem.

-- Vocês são realmente iguais, são idênticas!—Disse Alexandre.

-- Vá para dentro, Alexandre, por f avor —Pediu Serena.

O garoto obedeceu.

-- Serena, estou morrendo. Creio eu que é castigo de Deus por tudo que f iz a você, minha irmã.

-- O que está dizendo?—Serena f icou pálida.

-- Tenho apenas seis meses de vida, é tempo suf icientede consertar tudo que f izde errado, se é que tem conserto... Conrado sumiu sem deixar notí cias, com certeza essa pessoa que quer acabar com nos duas o pegou. Mas eu prometo que se ele voltar contarei tudo a ele, tudo, Serena. Quero que vocês sejam f elizes. Por ambição eu f iz tudo errado.

Novamente ela abraçou Serena, chorando e Serena começou a chorar também, pois pela primeira vez ela sentia paz e amor, vindo da irmã.

Conrado teve que sair pelos f undos,pois Amanda acabou adormecendo no sof á e passou a noite na casa de Serena.



Simone parou o carro em uma estrada deserta. Logo uma pessoa entrou. A pessoa deslizou as mãos pelas suas pernas, enquanto ela jogava a cabeça para trás num ato de puro desejo.

Ela f echou os olhos diante das carí cias e só os abriu no momento em que o punhal perf urou a sua barriga. Ela encarava a pessoa que tinha f eitoaquilo, sentindo pouco a pouco a vida sair do seu corpo.



Simone f oienterrada no dia seguinte e a policia não tinha nenhuma pista sobre o seu assassino. A polí cia não abandonará a hipótese de assalto, pois a carteira dela havia desaparecido.

Mas Conrado tinha as suas dúvidas sobre isso. Alguém queria acabar com Amanda e Serena. Essa mesma pessoa tinha matado Carla, porque havia descoberto quem ele era. Depois tentaram matar o seu pai, que ainda encontrava-se no hospital e agora Simone era assassinada!



Conrado e Marcelo encontraram-se naquele momento em um restaurante. Serena contou a Conrado que Marcelo já sabia de tudo, que ele era o pai de Alexandre.

-- Sobre a troca eu não f aleinada. Achei melhor não. Mas estou preocupada, Conrado, Marcelo deu sinais de que pode f azer alguma besteira com ele mesmo.

Olhando para ele naquele momento, Conrado achou que Serena podia estar certa.

-- Tudo bem com você, Marcelo?

-- Estaria, Conrado, se nós dois não amassemos a mesma mulher. Por que não f ica com a sua esposa e não esquece def initivamente Serena?

-- Eu não posso esquecer Serena. Temos um f ilho.

-- Mas você tem também um f ilho com Amanda.

Conrado sentiu um louco desejo de contar a Marcelo que Amanda não tinha nenhum f ilho.

-- Eu e Amanda nos separamos. E estou disposto há recuperar esse tempo perdido, com ela e com o meu f ilho.Acho que você não vai querer mais continuar com as investigações, não é?

-- Não vamos misturar as coisas, Conrado, eu vou continuar sim no caso.



Quando Conrado chegou do encontro que havia tido com Marcelo, Amanda já estava na mansão no quarto, ela tinha acabado de chegar da casa de Serena.

-- Conrado, preciso, f alarcom você. Tenho uma coisa para lhe contar, e quando você f icar sabendo, com certeza vai me odiar. Antes quero que saiba que estou deixando essa casa... É dif í cilpara mim dizer, Conrado, eu... Nunca tive f ilho, sou estéril!

Amanda f oi f alando, contando tudo. Sobre a f esta, o elevador, contou que era Serena que estava com ele no elevador e não ela.

Falou sobre a troca, não escondeu nada.

As lagrimas desciam pelos olhos dela.

-- Sei que não vai me perdoar por tudo que f iz,eu errei, sei disso! Separei você de Serena, do seu f ilho...Serena f oiuma vitima em tudo isso, eu a obriguei a trocar de lugar comigo... Para ter um bebê com você...

-- Eu perdoo você, Amanda, e f ico f eliz que você tenha conf essado tudo, f ico muito contente, sinal de que está arrependida... Mas... Eu... Já sabia de tudo.

-- Como?—Amanda levantou a cabeça surpresa.

- Carla... Ela me procurou... Por isso eu f uialgumas vezes na casa dela. Ela me contou tudo, e teve também os seus exames que chegaram até as minhas mãos. Fiquei quieto como se não soubesse de nada... Depois acabei revelando tudo a Serena... Eu queria expulsar você de casa, mas Serena não deixou, me pediu... Disse que você ia se arrepender e que você mesma ia acabar me contando tudo... E contou. Não sinto mais ódio de você, Amanda, pode acreditar, af inal você é irmã da mulher que eu amo, tia dos meus dois f ilhos...

Amanda sorriu emocionada e abraçou Conrado.

-- Você é um homem legal, Conrado, você é maravilhoso!

Ela se af astou dele.

-- Vou morar na casa de Serena, e ela com certeza vem morar aqui com Alexandre... Ainda a tempo de vocês serem f elizes.

Capítulo 37

JÁ FAZIA UM mês que Serena tinha voltado para a mansão para viver com Conrado. Conrado apresentou Alexandre para toda a f amí lia como seu f ilho e Serena como seu único e verdadeiro amor.

Sérgio depois da morte de Simone f icava mais viajando, mas ele estava naquele dia quando Conrado apresentou Alexandre como f ilho.

Lana pela primeira vez mostrou-se sincera quando abraçou Alexandre e sorrio para Serena. Fazia mais de um mês que ela não tinha notí cias de Felipe. A última f oi quando Conrado avisou a polí cia o seu esconderijo depois de f ugir de lá com Alexandre.

A polí cia f oi até o local, mas todos já haviam f ugidos.

-- Papai vai gostar de saber que já tem um neto desse tamanho. —Disse Lana. —E essa história de irmãs gêmeas deixou toda a f amí lia surpresa.

-- Conversei com o médico, e ele acredita que papai vai sair dessa. —Disse Conrado.

Serena voltou a ter o mesmo sonho, ou melhor, pesadelo.

A grande explosão! O f ogo consumindo tudo, ela e Amanda envolvida e uma delas perdia a vida.

-- Estou com medo, meu amor. —Disse Serena abraçando Conrado. —Prometa-me que se eu morrer, você nunca vai abandonar os nossos f ilhos?

-- O que é isso, meu amor?—Que pergunta mais estranha.

-- Sinto que algo de muito ruim está para acontecer... Os sonhos que eu tive... Eu ou Amanda, uma de nos duas vai morrer!

-- Não, não diga isso!—Conrado enterrou o rosto nos cabelos dela, sentindo um calaf rio.—Olha, coloquei um segurança para você e para Amanda. Ninguém vai f azermal a vocês e se f or Felipe que está por trás de tudo isso, vamos pegá-lo. Marcelo continua nas investigações... E sobre morrer, Amanda está doente e isso pode acontecer...

-- Não é morte morrida é assassinato. E Marcelo não é o mesmo, meu querido. Depois que eu disse a ele que queria o divórcio só vejo tristeza em seus olhos, não quero que ele continue vindo aqui, Conrado, é melhor af astá-lo de nós...

-- Soube que ele está sempre visitando Amanda... Quem sabe eles não se entendem, af inal enquanto ela se passava por você, rolou algo entre eles...

-- Seria bom se isso acontecesse, seria muito bom.



Amanda estava naquele momento na delegacia, diante do delegado Garcia.

-- Delegado, vim conf essar um crime. Eu matei uma pessoa... Uma mulher... Seu nome é Vilma... Ela era secretaria do doutor Lauro...

Ela levou o delegado até o local do crime, no galpão abandonado.

-- Realmente um corpo f oi encontrado aqui há um ano e pouco, mas não f oi o de Vilma Valente... Era de uma tal... Luiza Ramos uma moça sem f amí lia...

-- Não! Eu tenho certeza, foi aqui, foi nesse lugar que eu disparei a arma contra Vilma... Eu não estou louca! Ela caiu no chão! Ela morreu!

-- Se morreu o corpo foi tirado daqui e levado para outro lugar. Mas por que alguém levaria o corpo de uma pessoa do lugar e colocaria outro?—O delegado Garcia fez essa pergunta olhando diretamente para Amanda. —Senhora Amanda, creio eu que a senhora tem mais coisas para me contar. Eu sinto isso. O seu ex-marido Conrado Medeiros continua sendo o principal suspeito de ter matado Carla Mendes...

-- Ele não matou Carla. Ele nem a conhecia direito. Ela o procurou, ela o procurou para contar sobre a... Troca.

- Troca? Que troca?

Amanda contou o delegado sobre a troca, e sobre a tal pessoa misteriosa que estava atrás dela e de Serena. Falou também sobre a tentativa de assassinato contra o velho Amadeu Medeiros...

-- E agora por ultimo... Simone morreu assassinada. Conrado contratou um detetive que foi amigo dele... Marcelo ex-marido da minha irmã...

-- Senhora Amanda, a história sua e de sua irmã parece muito estranha, mas muito interessante... Eu tenho que falar com a sua irmã, com cada membro da família Medeiros e principalmente com esse detetive chamado Marcelo.

Quando o delegado Garcia chegou à delegacia, acompanhado de Amanda, um de seus homens o esperava ansioso.

-- Delegado, a tal vizinha de Carla Mendes veio até aqui, ela decidiu falar como é a mulher que a procurou para tirar as fotos de

Conrado Medeiros. Fizemos um retrato f alado, veja!

O Delegado pegou a f olha, f ixando seus olhos verdes no retrato f alado. Depois ele entregou a f olha para Amanda.

-- Conhece essa mulher?

Amanda arregalou os olhos, totalmente surpresa e com ar de espanto total!

-- Meu Deus, não pode ser. Eu não acredito, não pode ser!

-- Conhece essa mulher?—Perguntou o Delegado.

-- Claro que eu conheço... Essa é... Essa é... Vilma Valente a mulher que eu pensava que havia matado, a secretaria do doutor Lauro.

O Delegado espalhou o retrato f alado de Vilma por toda a cidade.

Lauro f oi chamado para depor

-- Vilma desapareceu! Eu acredito até que tenha sido assassinada. —Disse doutor Lauro.

-- A pessoa que atirou nela pensou realmente que a tivesse matado, mas ela não morreu. Imaginei talvez que o senhor soubesse do seu paradeiro, ela f oi sua secretaria...

-- Mas é claro que não. Eu estou surpreso, realmente surpreso que ela tenha tentado incriminar Conrado Medeiros pela morte de Carla...

Delegado Garcia interrogou cada membro da f amí lia Medeiros, e disse que Conrado havia agido errado de não ter comunicado a polí cia as tentativas de assassinato contra Serena, Amanda e o Amadeu.

-- Onde eu encontro o investigador que o senhor contratou?

-- Marcelo Alencar?—Falou Serena.

-- Sim... Eu preciso f alar com ele.

Mas o delegado Garcia não chegou a f alar com Marcelo, pois naquele f inal de tarde, Serena recebeu um telef onema da f azenda, de Francisca. A boa senhora estava completamente desesperada.

-- Serena, aconteceu uma tragédia!

Serena estava no quarto, tinha acabado de amamentar Junior.

-- Francisca? O que aconteceu?

-- Marcelo... Ele... Se... Matou!

Serena estremeceu, o telef one caiu de suas mãos, ela sentiu o chão f ugir debaixo dos seus pés.

“ Se não posso t er você, Ser ena, t ambém não que

Ele tinha dito isso a ela.

Não, ele não podia ter f eito isso! Tirar a própria vida não!

Capítulo 38

DOI S MESES DEPOI S...

Amanda tinha f eito um jantar para ela e Lauro. Pela primeira vez, ela parecia ver o médico com outros olhos. Talvez porque ele tivesse deixado de ser aquele homem agressivo, aquele homem cruel. Ele mudará, desde o dia em que a levara da mansão para o hospital... E depois mais ainda quando ela dissera a ele que tinha pouco tempo de vida.

-- È dif í cilolhar para você, e pensar que daqui algum tempo não vai mais estar aqui...

-- Nós quase matamos um ao outro... E agora que eu tenho uma sentença de morte sobre a minha cabeça, você se mostra triste por isso.—Ela riu.

-- Eu te amo. Queria ter a oportunidade ser f eliz com você.

-- Lauro, Lauro... Quantas vezes desejei matá-lo. E agora estou aqui, f azendoum jantar para você... Esse mundo dá mesmo muitas voltas.

Ele a puxou para si, desta vez não com brusquidão, mas com gentileza e a beijou. Foi um beijo suave, sem agressividade.

Amanda tinha sentido muito pela morte de Marcelo, e com certeza se ele não tivesse morrido, e se ela não estivesse com os dias contados, ele teria mais chances com ela do que Lauro. Mas ele tirara a própria vida, tomando o chá de uma erva venenosa.

Lauro carregou Amanda para o quarto e f ezamor com ela de uma f ormagentil e suave. Amanda não imaginava que ele f osse

capaz de tratar uma mulher daquela maneira.

Ela acordou pela manhã, com o telef one tocando e Lauro dormindo a sono solto ao seu lado.

Ela bocejou, e atendeu ao telef one.

-- Amanda, venha agora ate o hospital. —Era o médico que tinha dito a ela que ela estava com câncer de pâncreas. Desde esse dia, ela nunca mais o procurara e nem f ora em nenhum médico.

Lauro f oi com ela, e o médico estava totalmente estranho em sua sala.

-- Nem sei como dizer a você, houve um erro... Uma troca, uma troca de resultado de exames... Se você quiser, pode processar o hospital, isso nunca aconteceu aqui... Foi a primeira vez que aconteceu e f oi... Foi com você.

-- O que está querendo dizer, Doutor, f ale de uma vez!

-- Seus exames f oram trocados, Amanda, você não vai morrer, você não tem nenhum câncer de pâncreas!

A notí cia deixou Amanda com as pernas bambas. Lauro a abraçou, pois sabia que ela ia cair.

Amanda começou a chorar, emocionada.

-- Como eu lhe disse, se você quiser pode levantar um processo contra o hospital.

-- Não, doutor, não. Foi graças essa troca a esse engano, que eu mudei, que eu passei a ser realmente humana... Talvez se isso não tivesse acontecido, eu não teria mudado...

-- Mas, Amanda, e se você tivesse começado uma quimioterapia sem estar doente? Meu Deus, isso é muito sério!

-- Deixa pra lá, Lauro. Eu estou f eliz, isso é o que importa.

Lá f ora, segurando nas mãos de Lauro, Amanda olhou cheia de vida para o céu.

-- Eu não estou doente, eu não, vou morrer, meu Deus!

Lauro sorriu para ela e disse:

-- Case-se comigo, Amanda. Vamos ser f elizes, vamos apagar tudo de mau que f izemos um ao outro.

-- Amanhã eu lhe dou a resposta. Tenho que ligar para Serena e dar a boa notí cia.

Serena f icou realmente f eliz quando soube que Amanda não tinha câncer. As duas decidiram jantar naquela noite, para comemorar.

Conrado f icou na mansão com os f ilhos.

Serena e Amanda podiam-se dizer agora que eram amigas. Enquanto comiam, elas riam, elas f alavam sobre a vida, como era lindo viver.

Lá f ora uma lua cheia brilhava no céu. O mundo para ela realmente tudo parecia colorido. Serena não pensava mais no sonho ruim.

-- Lauro me pediu em casamento.

-- Lauro?—Serena estava surpresa.

-- Ele não é o, mesmo, Serena. Acredita que ele agora é um homem gentil? Vou me casar com ele, resolvi.

Rindo Amanda pegou o celular e ligou para Lauro.

-- Amanda...

-- Lauro, eu aceito, eu aceito me casar com você.

Do outro lado da linha, Lauro sorriu e deu uma risada gostosa e f eliz.

Serena e Amanda saí ram do restaurante.

Elas estavam caminhando em direção ao carro, com os dois seguranças a alguns metros delas.

Um carro veio como uma bala, e tiros se f izeram ouvir naquele momento! Serena empurrou Amanda para o chão e se jogou também. Ela viu os dois seguranças serem alvejados e alguns homens desceram do carro e f oram em direção a elas, pegando as duas e levando-as para o carro!

Serena e Amanda f oram levadas para uma casa af astada da cidade. Os homens tiraram as suas roupas e jogaram as duas dentro de um quarto no segundo andar.

Estavam desmaiadas, devido à droga que eles aplicaram nelas.

Quando acordaram descobriram que estavam presas naquele quarto com uma bomba.

-- Temos que sair daqui! —Disse uma delas.

-- Não há tempo suf iciente apenas uma vai conseguir! — Disse a outra. —pela janela, vamos, vá você, depressa!

-- Não, eu não posso deixar você aqui, eu não posso.

-- Vai, você tem de ir. —Ela empurrou a irmã em direção à janela, e ajudou subir no parapeito, e a empurrou. No momento em que ela ia cai à bomba explodiu e ela f oi lançada a alguns metros de distância.

A casa tinha virado uma bola de f ogo, envolvida pelas labaredas.

O som do carro da policia se f ez ouvir, o delegado Garcia e alguns policiais saí ram do automóvel.

O delegado Garcia correu até onde estava uma das gêmeas desmaiada. Pegou-a nos braços, levando-a para mais longe do f ogo, colocando-a, dentro do carro, cobrindo um pouco a sua nudez com a própria jaqueta.

Quando a ambulância chegou à gêmea não estava mais na viatura, simplesmente havia sumido.



Ela pegou um vestido que estava no varal de um sitio e cobriu o corpo... Continuou andando, completamente perdida, não se lembrando de nada, não sabendo quem era.

Ela parou, levou as mãos na cabeça e deu um grito angustiante, um grito desesperado, tentando se lembrar como era a sua vida há uma hora.

Quem sou eu?

Quem teria morrido: Serena ou Amanda?

Capítulo 39

CONRADO ESTAVA ABRAÇADO A ALEXANDRE. Ambos choravam, pois já sabiam o que tinha acontecido.

-- Acha que pode ter sido mamãe, papai que morreu na explosão da bomba?

-- Eu não sei, meu f ilho.Eu não sei. O delegado não soube dizer. As duas estavam presas no quarto, uma conseguiu sair e desapareceu, a outra morreu na explosão.

Lana chamou Conrado em um canto e perguntou baixinho:

-- Não sobrou nada para um exame de DNA? Assim pelo menos poderí amos saber que morreu e quem sobreviveu à explosão?

--Não. Nada, a explosão f oi f eia. Eu não posso acreditar que isso tenha acontecido! Justo agora que eu e Serena estávamos juntos...

-- Mas por que a outra sumiu?- Indagou Viní cius.

-- Com certeza ela f icou em estado de choque. —Disse Conrado. – Eu preciso sair, eu preciso procurá-la! Eu tenho que saber qual delas sobreviveu.

Roberta a ex-mulher do doutor Lauro que tinha voltado de viagem e estava vivendo novamente na mansão, entrou na sala.

-- Conrado, o delegado Garcia ligou. Ele quer que você vá imediatamente até a delegacia. Parece que Vilma não está

realmente morta, o tiro que Amanda deu nela não a matou, e a policia a encontrou.



-- Considere-se livre das acusações, Conrado. Foi realmente a secretaria do doutor Lauro, que pagou a vizinha de Carla Mendes para tirar f otos suas e entregar a policia.

-- Então... É essa secretaria que está por trás de tudo? Foi ela que matou Carla? É ela que quer acabar com Serena e Amanda? Foi ela que quase matou o meu pai?

-- Não, não f oi ela. Mas ela sabe quem está por trás de tudo isso, até ajudou um pouco essa pessoa. Mas ela se recusa a dizer de quem se trata.

-- Delegado, o senhor tem que f azê-la dizer quem é! Uma das gêmeas morreu, e pode ter sido a minha Serena!

-- Eu sei, Conrado, precisamos ter calma, muita calma. Nós vamos descobrir.



Lauro naquele momento estava em seu apartamento, totalmente embriagado pelo álcool devido ao que, havia acontecido as gêmeas.

-- Não pode ter sido Amanda que morreu, não pode ter sido, meu Deus. Justo agora que a gente estava se dando bem, justo agora que a gente estava tendo uma relação normal...

Lauro começou a chorar caindo sobre o tapete da sala com o copo de uí sque na mão.



Conrado recebeu o telef onemado hospital em que o velho Amadeu estava internado. Uma enf ermeirahavia ligado dizendo que ele havia saí do do coma e que queria f alar com Conrado.

-- Uma notí cia boa pelo menos. —Disse Conrado a Alexandre.

-- Meu avô... Ele é meu avô.

-- Ele vai adorar saber que você é neto dele.

-- Pena que mamãe não está conosco. Se, f oi realmente ela que morreu na explosão, nunca mais a veremos.

-- Pode ter sido ela que sobreviveu, temos que ter essa esperança!

-- Se f oi ela que sobreviveu, então porque ela não veio para a casa? Ainda bem que encontrei você, senão há essa hora eu estaria em um orf anato...

Conrado abraçou Alexandre.

-- Eu te amo, lembre-se disso. E sua mãe também sempre te amou.



Transf eriram o velho Amadeu da UTI para o quarto. Conrado o encontrou com um sorriso no rosto.

-- E você, meu f ilho, como está? E Junior o meu neto, como ele está? – Perguntou ele segurando na mão do f ilho.

-- Papai, tenho, uma notí cia ótima para lhe dar. Você precisa saber de algumas coisas que aconteceram comigo. Coisas que se diz respeito ao meu passado. Além de Junior, o senhor já tem um neto. E ele já esta um rapazinho, ele tem dez anos. Meu f ilho, papai... Um f ilho que eu já tinha e não sabia.

Amadeu teve alta do hospital e voltou para a casa. O encontro dele com Alexandre f oi, cheio de emoção e alegria.

Ele abraçou o menino, e o menino correspondeu ao abraço com imensa alegria.



Conrado f oi até a prisão ver Vilma. Até aquele momento, ela não tinha falado nada, ainda escondia o nome de quem estava por trás de todos os atentados contra as gêmeas.

-- Por que deixou Amanda pensar que a tivesse matado?

Os olhos dela estavam f ixos nele.

-- Você é o único, cabeça por trás de tudo isso?

-- A minha participação em tudo isso f oi muito pouca. A chantagem com Amanda f oi tudo um plano... Um plano para perturbá-la, para ela pensar que tinha se tornado uma assassina... Ela sabia que quando eu f izæsse chantagem com Amanda, ela ia querer me matar... Fui ao encontro dela para receber o dinheiro, usando um colete a prova de balas.

-- Ela? Quer dizer que é uma mulher que está por trás de tudo isso?

-- Eu nunca vou revelar quem está por trás de tudo, Conrado Medeiros, nunca!

-- Por que quiseram me incriminar pela morte de Carla?

-- Essa pessoa odeia você, apenas por isso.

-- Por que essa pessoa queria tanto a morte de Serena e Amanda?

-- Porque elas precisam morrer e uma já morreu!

-- Meu pai, por que o meu pai? E Simone?

-- Não vou f alar mais nada.

-- Você tem que dizer quem é essa pessoa!—Conrado pegou no braço dela. Apertou.

-- Nossa, Conrado, você tem uma boa pegada. —Ela riu. —Essa pessoa, também vai pegar você pode ter certeza! Vai ser uma pena um homem tão belo como você... Morrer.

Capítulo 40

ELA ABRIU OS OLHOS. A gêmea abriu os olhos e levantou a cabeça, deparando com um homem e uma mulher de branco perto de sua cama.

-- Onde estou?

-- Calma, você, está em um hospital. Sou o doutor Raf aele está é a enf ermeira Lea. Você f oi encontrada na rua e a trouxeram para cá. Qual é o seu nome?

-- Eu... Eu não lembro só me lembro de uma... Uma explosão...

-- Não se lembra de nada?—Perguntou a enf ermeira Lea.

-- Na, eu não consigo me lembrar de nada. Eu não consigo me lembrar do meu nome, eu não consigo me lembrar de absolutamente nada!

-- Com certeza você está passando por uma perda de memória temporária. —Disse doutor Raf ael. —Vamos f azer alguns exames.



Conrado e Amadeu estavam diante um do outro na biblioteca.

-- Por que não me disse que teve um f ilho f ora do casamento, papai?

-- Como soube disso?—Indagou Amadeu.

-- Não importa como eu soube papai. Quem é esse filho? Cheguei até a pensar que talvez fosse ele que estivesse por trás de tudo de ruim que está acontecendo com a nossa família.

-- Eu não quero falar sobre esse filho, Conrado, eu não quero falar A gente tem pouco contato um com o outro.

-- E qual é o nome dele?

-- Para que quer saber o nome dele? Para procurá-lo? Não, eu não quero trazê-lo para as nossas vidas.

-- Por que não quer trazê-lo para as nossas vidas? Ele não presta, é isso?

-- Conrado, por favor, esqueça esse filho, eu não o considero como tal. Quem está por trás de tudo isso com certeza é Felipe.

-- Mas por que ele mataria Simone?

-- Eu não sei... Talvez a morte de Simone não tenha nada a ver com os atentados contra Serena e Amanda. As gêmeas... Confesso que foi uma surpresa para mim descobrir que existia duas Amanda, ou duas Serena.

-- E por que Felipe tentaria contra a sua vida/

-- Queria que eu morresse mais depressa para Lana receber a parte na herança.

-- Mas eu acho que Vilma não conhece Felipe. E ela é muito intima dessa pessoa... Ela se referiu a essa pessoa como ela... Isso significa que é uma mulher..

-- Por que não deixa isso para a polícia, Conrado? Isso é trabalho da polícia.

-- Uma das gêmeas está viva, papai. E essa pessoa vai querer pegá-la, seja Serena ou Amanda.



A pessoa entrou no hospital disf arçadamente como se trabalhasse ali... Abriu a porta do quarto em que a gêmea estava e entrou! Com a mão coberta por uma luva, sacou o revólver com o silenciador e disparou dois tiros contra o volume que estava debaixo dos lençóis.

Capítulo 41

A PESSOA PUXOU OS LENÇÓIS e viu que não havia ninguém ali.

Naquele momento, a gêmea f ugiado hospital... E quando ela conseguiu chegar até a rua, ela disparou a correr.



Doi s di as depoi s...

Conrado recebeu o telef one do delegado Garcia.

-- Conrado, venha imediatamente para cá, conseguimos que Vilma f alasse quem é a pessoa... Por enquanto só posso lhe adiantar que essa pessoa é... Parente dela.



Na delegacia, Conrado tinha acabado de ouvir o nome da pessoa que desejava a todo custo acabar com as gêmeas.

-- É inacreditável, Meu Deus, é dif í cilde acreditar, Delegado.

-- Mas f azsentido, meu caro, f azsentido. Vingança, ódio contra Serena e Amanda, por isso queria que elas morressem. Carla porque descobriu quem era...

-- Meu pai porque podia reconhecer e botar tudo a perder... E Simone porque descobriu a sua verdadeira personalidade.

-- Você também está em perigo, Conrado, vou colocar alguns homens em frente à mansão até pegarmos. Por favor, que isso fique somente entre nós...

Era noite quando Conrado deixou a delegacia e entrou em seu carro. Mas antes dele ligar o veículo, alguém se ergueu do banco de trás, golpeou a sua cabeça e ele perdeu os sentidos.

Quando Conrado recobrou os sentidos, ele estava amarrado em um tronco em um galpão velho e abandonado!

Tudo estava escuro ali, e o silêncio era assustador! Conrado abriu e fechou os olhos.

Lá fora o som de uma coruja... E o voar de alguns morcegos... A cabeça de Conrado doía profundamente.



A gêmea tinha conseguido entrar em uma casa velha e abandonada para se esconder.

Ela estava em um canto, assustada, tremendo no meio da escuridão. Ao ouvir o som de uma coruja, um arrepio percorreu o seu corpo...

Pouco depois lá fora o som de folhas secas sendo pisadas! A porta da casa velha foi aberta bruscamente e ela deu um grito desesperada! Alguém foi para cima dela para pegá-la, ela tentou se livrar dessa pessoa, mas não obteve sucesso!

Ela arranhava o seu rosto, queria furar seus olhos, mas nada adiantou! Ela foi vencida.



A luz do dia f oientrando pouco a pouco no galpão quando começou a amanhecer. Conrado tinha sido socado novamente na cabeça e havia perdido os sentidos. Ao despertar pela manhã, amarrado naquele tronco, com a cabeça doendo mais ainda, ele teve uma surpresa. Amarrada em outro tronco, de f rentepara ele, estava a gêmea. Era dif í cildizer quem era ela, se era Serena ou se era Amanda. Ela estava desmaiada com a cabeça pendendo para o lado direito do corpo.

-- Meu Deus, não pode ser! Você! Por Deus, acorda e me diga quem é você! Diga-me! Serena? Amanda?

Ela f oi abrindo os olhos, f ixando-os em Conrado.

-- Quem é você? Eu não sei quem é você.

-- Então é isso, f oi o que eu pensei. Você perdeu a memória, entrou em choque por isso não me procurou. Mas eu preciso saber se você é Amanda ou se é Serena!

-- Você me conhece!—Disse a gêmea.

-- Sim. Eu conheço você!

Naquele momento ouviram passos. Alguém se aproximava. Conrado viu perf eitamente a pessoa entrando no galpão, com o rosto oculto por um capuz. A pessoa se aproximava cada vez mais deles.

-- Não precisa usar o capuz, eu sei quem é você! Tire esse maldito capuz!

A pessoa arrancou o capuz, e a gêmea estremeceu, sentindo dentro de si que já conhecia aquela pessoa.

-- Eu vou matar você dois, podem ter certeza disso! E você sua vagabunda, sua miserável, não me importa se você é Serena,

ou se Amanda, a única coisa que importa, é que eu vou acabar com você, assim como eu acabei com a sua irmã!



Naquele momento o Delegado Garcia seguia para a f azenda Arco Íris. Ele pisava f undo no acelerador. Ele precisava chegar o mais rápido possí vel

Francisca o recebeu, com ar abatido. Ela convidou o delegado e o outro policial que estava com ele para entrarem.

-- Precisamos que nos diga uma coisa.

-- Sim, Delegado, se eu... Souber... O que quer saber?

-- O chá de ervas que Marcelo Alencar tomou... Foi a senhora que preparou para ele?

-- Que isso, Delegado, eu jamais prepararia um chá para Marcelo, que f osse para matá-lo. —Ela reagiu com surpresa.

-- O chá não era para matar, Dona Francisca, e sim para se passar por morto!

-- Como?

-- Não há nenhum corpo onde Marcelo Alencar f oi enterrado, dona Francisca.

-- Não, não pode ser! Alguém levou o corpo?

-- Não, o corpo saiu de lá com as próprias pernas, com a ajuda da meia-irmã dele, chamada Vilma.

-- O senhor está me dizendo, que Marcelo está vivo, que ele não morreu?— A velha senhora estava de olhos esbugalhados. —Não, não pode ser eu f uiao enterro dele. Serena também, f oi,nós o vimos dentro do caixão!

-- O chá de ervas que ele tomou, era para aparentar justamente isso, que ele estivesse morto. Mas dentro de algum tempo depois ele acordaria...

-- Não, não pode ser! Por que ele f aria isso?



No velho galpão, os raios do sol entraram por algumas telhas quebradas e iluminou o rosto de... Marcelo, que deu uma sonora gargalhada, olhando para Conrado.

-- Ficou surpreso de saber que eu não morri... Maninho?



Na f azenda Arco Íris...

-- Por que, Delegado, por que ele f aria uma coisa dessas?

-- Vingança, o um ódio mortal pelas gêmeas, um ódio mortal por amar Serena e não ser correspondido, e o ódio, aumentou, ainda mais, quando ambas trocaram de lugar... E ele sempre soube disso.



No galpão...

-- Eu sempre soube que Serena não era Serena e que era Amanda. Eu sabia que Serena, o grande amor da minha vida, estava nos braços de Conrado Medeiros, f azendo-se passar por Amanda, para dar outro f ilho macho a ele, por exigência de Amanda. Eu estava sendo f eito de palhaço!

-- Eu não posso acreditar que você esteja por trás de tudo isso! E por que me chamou de maninho?

-- Sou seu meio-irmão, Conrado, sou o filho bastardo do velho Amadeu. O filho que aquele maldito mandou a minha mãe se livrar quando eu ainda nem havia me formado dentro do útero dela. A idiota da Carla se apaixonou por mim, e eu achei até bom... Fiz um filho nela. Tive a esperança de que o bebê que ela esperava fosse um menino, pois o velho Amadeu me disse que eu também estava na corrida ao bebê. Felipe me ajudou nessa, conseguiu que pelo menos Lana não engravidasse, colocando todos os dias o anticoncepcional no suco dela. Era uma a menos na jogada, mas Serena fazendo se passar por Amanda ficou grávida, aumentado ainda mais o meu ódio pelas gêmeas. Eu as odiava porque estavam me fazendo de palhaço, e porque ela estava grávida, grávida novamente de Conrado, e se fosse um menino metade da herança seria dele. Vilma me ajudou bastante, ela é minha meio irmã, sabia? Foi ideia minha dela fazer chantagem com Amanda... Pois eu tinha certeza que Amanda tentaria matá-la, quando ela a chantageasse e foi o que aconteceu, eu estava certo. Vilma foi se encontrar com ela, com um colete a prova de balas, era meio arriscado, mas deu certo, Amanda achou que tinha matado Vilma. Carla poderia estar viva, se não tivesse descoberto tudo, e como eu já sabia que o bebê que ela esperava era uma menina, eu não excitei em matá-la e preparei tudo para incriminar você, Conrado. Quando você me ofereceu para eu trabalhar em sua casa como investigador, foi maravilhoso, mas eu só precisava dar um jeito no velho Amadeu, pois ele sabia quem eu era, e eu tinha que dar um jeito de tirá-lo de cena. E tirei, cortei os freios do carro dele, e quase que ele morreu, ele não morreu, mas serviu para ele ficar algum tempo longe da mansão.

Seu semblante não lembrava em nada do Marcelo de antes.

-- Quanto a Simone, essa me conheceu em um bar, nos tornamos amantes. Era bom levar aquela vagabunda para a cama, mas... Ela tornou-se chata, a ponto de eu querer matá-la, e foi o que eu fiz. Decidi forjar a minha própria morte, para que ninguém, nunca viesse a desconfiar de mim, assim também eu teria mais liberdade para acabar com a vida de Serena e Amanda. Mas Vilma foi pega e acabou abrindo a boca, não é? Mas pelo menos de uma gêmea eu me livrei! Só não sei qual delas, se foi Serena ou Amanda. Quem será você? Serena ou Amanda?—Ele fixou os olhos na gêmea. —Qual você prefere que tenha, morrido, Conrado? Qual delas? As duas são iguais, não da para separá-las. —Ele riu. —Prefere que Serena tenha sobrevivido, não é? Para mim tanto faz, tanto fez, pois essa também vai morrer! E você vai morrer junto com ela, Conrado.

-- Só uma pergunta: Quando Felipe sequestrou Alexandre, você sabia que tinha sido ele?

-- Claro que sabia, mas eu não me envolvi nisso, essa área era de Felipe, o meu caso era destruir as gêmeas e acabar com você.

Conrado estava completamente estarrecido e surpreso.

-- Eu não lembro quem eu sou! – Gritou à gêmea.

-- Mas você nunca vai descobrir qual das duas você é, pois você vai morrer, assim como ele!

Marcelo apontou a arma em direção a Conrado.

Naquele momento ouviu-se um carro sendo freado bruscamente lá fora, Marcelo se assustou e apontou à arma em

direção a entrada do galpão.

Felipe e seus homens entraram no local.

-- Você tem que fugir daqui, Marcelo, a polícia está vindo para cá. —Disse Felipe.

Capítulo 42

MARCELO ARREGALOU OS OLHOS. Era um olhar perigoso, assustado.

-- Droga, mas ele vem comigo!

-- Não vai dar mais tempo, Marcelo, porque não acaba logo com os dois, dá dois tiros em cada um e tudo estará resolvido. — Disse Felipe rindo, olhando para Conrado.

-- Seu f ilhoda égua e pensar que você f oimarido da minha irmã. — Gritou Conrado.

Com a ajuda de Felipe e seus homens, Marcelo conseguiu levar a gêmea e Conrado para o carro. Um dos homens de Felipe entrou no carro de Marcelo, com uma arma apontada para os dois, enquanto Marcelo ligava o carro.

Felipe e seus homens já iam entrar no outro carro, quando o Delegado Garcia chegou com duas viaturas.

Marcelo pisou f undo no acelerador e conseguiu escapar pelo outro lado, pegando uma estrada cascalhada.

Felipe e seus homens começaram a atirar contra os policiais! Os policiais revidaram, e deu-se inicio naquele momento uma chuva de f ogo cruzado.

O Delegado Garcia f oiatrás de Marcelo, entrando também na estrada cheia de cascalho.

Alguns homens de Felipe começaram a serem alvejados e f oram caindo um a um.

Dois policiais f oram baleados por Felipe.

Felipe deu um grito, quando um tiro acertou o tanque de gasolina do seu carro. Vendo que ia haver uma explosão, ele correu, e foi nesse momento que uma bala acertou as suas costas atravessando o seu coração.

O carro explodiu, enquanto Felipe caia morto de rosto no chão.



Marcelo entrou na rodovia, e o delegado Garcia fez o mesmo. A gêmea estava assustada, aterrorizada com as mãos segurando com forças as de Conrado. Mas Conrado soltou as suas mãos e avançou para cima do homem que apontava a arma para eles. Ouve uma luta ali naquele momento. Conrado queria desarmá-lo, e eles brigavam pela posse dela. Conrado deu uma cotovelada no rosto do homem que esguichou sangue pelo nariz.

Marcelo com uma mão segurava o volante e com a outra, também tentava acertar Conrado. Foi então que Marcelo freou o carro bruscamente e sacou a arma apontando para Conrado. Conrado parou de lutar com o homem.

-- Eu devia ter matado você no galpão, Conrado.

Marcelo arrastou a gêmea para fora do carro com a arma encostada contra a cabeça dela.

O outro homem fez o mesmo com Conrado, mesmo com o rosto e a boca machucada devido às cotoveladas.

Delegado Garcia também parou o carro a alguns metros dele, descendo com a arma em punho.

-- Deixe os dois, Marcelo, larguem eles que vai ser melhor para você!

-- Nunca, Delegado, nunca! Eu quero acabar com os dois!

Marcelo foi se afastando com a gêmea, e as lagrimas desciam pelo rosto dela. Ele se aproximava de um desfiladeiro!

-- Eu posso saltar daqui, delegado, e levá-la comigo. — Marcelo riu.

O outro homem também levava Conrado para o desfiladeiro.Mas Conrado deu um giro relâmpago, acertando com o pé o peito do homem. A arma caiu de suas mãos, e o corpo dele voou, mergulhando no ar, caindo no desfiladeiro!

Marcelo assustado olhava em direção a eles, mas sem tirar a arma da cabeça da gêmea.

Ele já estava bem na beirada do desfiladeiro,mais um passo e ele poderia cair, levando ela com ele.

-- Pelo amor de Deus, Marcelo, solte-a! —Implorou Conrado.

-- Nunca, Conrado Medeiros, nunca! Eu posso morrer, mas ela vem comigo!

E ele pulou!

-- NAAAÃO!—Conrado deu um grito e se jogou para cima deles, conseguindo agarrar a gêmea pelo braço.

Marcelo caiu, levando com ele um pedaço do vestido que a gêmea usava. Seu corpo caiu sobre um pau, que perfurou as suas costas e varou do outro lado da barriga!

Conrado abraçou a gêmea e ela o abraçou também! Depois ela foi ficando mole em seus braços, à sua visão foi escurecendo, até perder os sentidos.

Capítulo 43

A GÊMEA FOI LEVADA PARA O HOSPITAL, ELA só acordou no dia seguinte com Conrado ao seu lado.

Ela mexeu com o braço e Conrado que cochilava na cadeira ao lado, despertou assustado.

-- Como você está?

-- Eu... – De repente ela começou a chorar desesperada ao lembrar-se da explosão. —Oh, Deus, não... Agora eu me lembro... Ela morreu, ela morreu na explosão... Ela quis que eu pulasse, eu não queria deixá-la lá, mas ela me empurrou... E então tudo... Tudo explodiu.

-- Quem é você: Serena ou Amanda?—Perguntou Conrado com o coração acelerado.

Ela f ixouseus olhos nele, vendo as lagrimas de desespero também molhar o seu rosto.

-- Sou... Sou... Seu grande amor... Sou Serena.

Ele a abraçou chorando como uma criança, e ela, o abraçou também.

-- Eu te amo, eu te amo. —Disse ele.

-- Eu também te amo.

Ela tremia em seus braços.

--Foi horrí vel.

Eles se beijaram, f oi um beijo quente vivo e perf eito.

-- Se não f osse Amanda, eu teria morrido junto com ela! Foi desesperador, ela podia ter ido à f rente, ela podia ter pulado a

janela e me deixado para trás, mas ela não f ez isso, ela me empurrou, ela quis que eu vivesse...



Duas semanas depoi s...

Serena estava no jardim da mansão, com Alexandre, Junior e Conrado.

Alexandre segurava Junior nos braços, enquanto que Serena e Conrado, abraçados, um olhando para o outro se acariciavam com os olhos.

-- Agora sim seremos f elizes. —Disse Conrado.

-- Sim, meu amor. Eu julgava que Marcelo f osse um homem bom, mas ele escondia o seu verdadeiro caráter! Nunca me passou pela cabeça que era ele que estava por trás de tudo, e muito menos que ele era seu irmão.

-- Vamos esquecer as coisas ruins, meu bem, e vamos ser f elizes.

Discretamente sem que as crianças percebessem acariciou, lhe os seios.

-- Quero f azeramor com você, agora, vamos subir. —Falou ele com a voz rouca, cheia de desejo.

-- Mas e as crianças?

-- Francisca cuida delas.

Francisca que tinha f icadosozinha na f azendaf oimorar na mansão a pedido de Serena para cuidar das crianças.

Marcelo tinha f eito um pequeno testamento e deixado à f azendapara Francisca. Conrado comprou a f azendadela, e todos os f inais de semana eles passavam lá.



Um ano depois...

Doutor Lauro convenceu Roberta, sua ex-mulher, a voltar para ele.

Ele ainda pensava em Amanda, mas ela estava morta, e Roberta estava bem viva e sendo cortejada pelo delegado Garcia.

Com medo de perdê-la para sempre, ele pediu perdão por tudo que fez, e ela resolveu perdoá-lo dando lhe mais uma chance.



Sérgio Medeiros foi embora para os Estados Unidos, ele queria ficar algum tempo longe do Brasil.



Lana depois da morte de Felipe, nunca mais voltou a ser a mesma, vivia dopada de remédios e tentou suicídio duas vezes.

Com isso não resultou alternativa para o velho Amadeu, senão o de interná-la em uma clínica para doentes mentais.



Vinícius e Aline mudaram da mansão com a sua filhinha, compraram uma cobertura perto da Avenida Paulista.

Na mansão dos Medeiros ficaram o velho Amadeu, Conrado e Serena com os seus filhos.



O final do ano se aproximava, o natal na mansão dos Medeiros foi alegre e perfeito.

Sérgio passou o natal com a f amí lia,Viní cius e Aline também passaram o natal na mansão, até Lana que estava se recuperando f oi liberada pelo médico para passar o natal com todos.

. Foi uma grande f esta natalina. Com a ajuda de Conrado, Serena organizou tudo.

Na virada de ano, Conrado e Serena f oram convidados para passarem na cobertura de Vinicius e Aline.

O velho Amadeu f oi com as crianças e Francisca na f rente. Conrado e Serena chegariam mais tarde.

Serena estava linda, usando um vestido bege, Conrado também estava muito bonito, atraentemente sedutor.

Entraram no elevador de mãos dadas, sorrindo, beijando-se enquanto o elevador subia.

Foi então que as luzes se apagaram, e o elevador parou...

-- De novo, vai ser repetir de novo. —Disse Conrado no escuro, com a voz rouca, com a boca colada no ouvido dela.

-- Enquanto a luz não volta, que tal f azermos amor para revivermos o tempo em que nós nos conhecemos?

-- Seu pedido é uma ordem, senhora... --- Disse ele beijando-a.

Conrado se livrou da roupa, e ajudou Serena a se livrar do vestido. Empurrou-a contra a parede do elevador, abrindo-lhe as pernas, erguendo-a um pouco para penetrá-la.

Serena gemeu no momento em que sentiu o pênis deslizar para dentro dela. Enquanto ele movia dentro dela, eles se beijavam, sugavam a boca um do outro.

Lá f ora uma chuva f ina começou a cair sobre São Paulo.

Doutor Lauro seguia um táxi, ele parecia nervoso e agitado.

O táxi parou em f renteo edif í cioonde f icavaa cobertura de Viní cius e Aline.

O motorista do táxi desceu, abrindo a porta para o passageiro. Um par de pernas surgiu... E logo depois o rosto, e f oi então que Lauro f icou lí vido e assustado!

Ele desceu do carro com o coração disparado!

A mulher pagou o táxi e este f oiembora. Ela ia entrar no edif í cio, quando a voz de Lauro deteve-a.

-- Hei, espere!

A mulher parou, virando o rosto para Lauro:

-- Pois não?

-- Não pode ser! É você, Serena? Claro que é você... Amanda está morta! Onde está Conrado?

A mulher idêntica a Serena sorriu.

-- Não, eu não sou Serena.

-- Amanda?—Os olhos de Lauro brilharam. —Você sobreviveu à explosão!

Ela deu uma gargalhada, jogando a cabeça para trás.

-- Não sou Amanda, e nem sou Serena... Sou Vilana, a terceira gêmea!

Dentro do elevador, Serena estremecia de prazer nos braços de Conrado...

F I M